

Luiz Caramaschi

A sabedoria é finita

Pagai o mal com o bem; porque o Amor é vitorioso no ataque e invulnerável na defesa. O Céu arma de amor a quem não quer ver destruído.

Lao-Tsé

A conceituação da divindade marca o compasso da evolução

O autor

EDITORA SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI

Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP

Fone (14) 3351.1900

- 2006 -

A SABEDORIA É FINITA

(contra-capá)

Todos passam a vida na busca da evolução espiritual e expiação de pecados. Sentem-se ínfimos diante do universo, cheios de culpas em virtude da consciência negativa que as religiões lhes impuseram. Por causa desse fracasso não criam e não se acham em condições de ajudar os que estão à sua volta porque sentem que as luzes que deles refletem não têm o brilho suficiente.

Esse é o resultado da crença de que a sabedoria é infinita e por consequência nunca seremos nada nesse formidoloso universo.

Recomendamos esta leitura a todas as pessoas de qualquer religião ou que não pertençam a qualquer delas, ou ainda a agnósticos e ateus, e temos a certeza de que todos eles, no final sentir-se-ão valorizados, sem culpas, e com a consciência do quanto podem dar aos seus próximos.

Cientes disto, com certeza terão mais paz para viver.

Índice

- I - Encontro com o filósofo**
- II - A velha Bíblia**
- III - Filhos das trevas e filhos da Luz**
- IV - A sabedoria é finita**
- V - A sabedoria do mordomo infiel**
- VI - Quem era a esposa da Caim ?**
- II - Cristianismo ou Mosaismo?!**
- III - Trabalho-missão e trabalho-expiação**
- IX - É lícito abreviar a vida?**
- X - Do 1.º ao 4.º dia da Criação**
- XI - Do 4.º ao 6.º dia da Criação**
- XII - Sétimo dia da Criação**

PREFÁCIO

Luiz Caramaschi passou boa parte de sua vida estudando, meditando e pesquisando obras de assuntos filosóficos para resolver as dúvidas que o angustiavam sobre a concepção divina, e quando alcançou a paz, passou a distribuir fartamente tudo que havia conquistado a todos que o rodeavam.

Admirador de Sócrates e do seu método de ensino, denominado de maiêutica, sempre gostava de debates, pois dessa forma tanto organizava melhor suas idéias ao expô-las, como também revia muitos dos seus conceitos.

Filósofo de grande abrangência, estudioso de ciências, nunca se prendendo a detalhes ou fragmentos de idéias, conseguia reunir pessoas de diferentes crenças e até mesmo agnósticos e ateus. Professor nato com uma didática e paciência incomum para expor suas idéias, gradativamente foi granjeando simpatizantes. A princípio eles o procuravam para especulações, e, à medida que os encontros foram amadurecendo, a amizade entre eles foi acontecendo. Aquelas reuniões que, no início eram somente de estudos, foram ganhando conotações de entretenimento, pois, além do aprendizado em comum que os enriqueciam, muitas vezes organizavam algum passatempo agradável, que variava entre prosas descontraídas com bastante risos, jogos e petiscos, cultivando com isso uma amizade que foi se solidificando a cada dia.

Ao escrever este livro, Luiz usou o método daquele cotidiano. Imaginou-se morando longe do barulho da civilização, num lugarejo beira-mar, e os seus amigos passaram a ser personagens participantes desta obra, com os quais vai dialogando e concluindo cada resultado dos assuntos propostos. Ele demonstrou dessa forma que reconheceu o valor dos seus questionamentos e que, se permanecesse solitário no seu recolhimento, teria tido mais dificuldade na organização de suas idéias.

Assim, apresentamos mais um trabalho desse filósofo, no qual nos aponta novas perspectivas para se ver a verdade a qual, para ele, é o resultado da esplendorosa luz divina, que é o amor.

Nesta obra Luiz apresenta a conclusão de um estudo magnífico, que proporciona paz, independente do credo religioso, porque convence a todos que a sabedoria é finita. Com isso o autor nos aliviou de uma pesada carga psíquica que sempre nos trouxe desconforto, porque dormíamos e acordávamos com sensação de culpas, em virtude da responsabilidade de evoluir sempre, o que gerava uma ansiedade ininterrupta. O resultado dessa sua conclusão é a valorização de cada um, esteja no grau espiritual que estiver, considerando que cada pessoa atingiu o topo de sua evolução.

A continuar naquela crença, não produzimos, não criamos e não iluminamos os nossos próximos, porque nos sentimos sempre inferiores e não aptos para dar nada a alguém ou produzir qualquer bem, seja na situação que for, porque nosso único objetivo é lutar para atingir aquele grau elevado, para depois sim, produzir. Diga-se de passagem que esse nível é inatingível, porque o caminho que nos ensinaram é infinito.

A evolução por esse novo conceito, demonstrada pelo autor, será consequência e não uma perseguição patológica de pagar seus débitos com a divindade. Desse modo inverte-se o círculo vicioso. Ajudamos o próximo porque acreditamos ser espíritos sábios e evoluídos, e porque ajudamos, evoluímos, e assim por diante.

Considerado o filósofo do futuro – porque não prescinde da ciência em seus estudos –, Luiz buscou, sem quaisquer amarras, tanto nas escrituras cristãs como nas de outras religiões, e também nas dúvidas dos agnósticos e ateus, a base dos conceitos que geraram a consciência de incapacidade em cada um, portanto, que não permitiram a alegria pulsar em seus corações.

O jargão de que, *se não se for a Deus pelo amor, certamente, se irá pela dor*, é a confirmação de que as pessoas vivem tristes, sem amor próprio, sabendo-se inferiores. O autor acredita e demonstra que o caminho mais seguro e rápido para Deus é, com certeza, o da alegria, da auto-confiança e da crença de que cada um está bem situado e atingiu o topo de sua evolução. Nessa crença, cada um, com muito prazer, tentará distribuir aos seus próximos, sabedoria, bondade e outras formas de manifestação do amor..

OS EDITORES

I – Encontro com o filósofo

Chilon Aquilano estava visitando a cidadezinha de Cananéia, que fica ao sul do Estado de São Paulo, quando ouviu falar do filósofo Árago Pandagis, que tem um telheiro para seu barco na foz do Rio Mandira que é afluente do Rio da Minas. Chilon que gosta imensamente duma discussão amigável, seja pela imprensa, ao longe, seja à viva voz, ao perto, rumou para lá, a fim de conhecer o sábio. O dia já declinava, e o farol da Ilha do Bom Abrigo estava aceso.

Custou-lhe muito a Chilon encontrar a cabana; todavia, como diz o brocardo, quem tem boca vai a Roma. Chegando ao rancho que lhe diziam ser o do filósofo, viu um pescador que retecia sua rede no terreiro, aproveitando os últimos clarões da tarde, sentado num tamborete de três pernas. Então disse-lhe Chilon:

- O senhor me poderia informar onde eu encontraria Árago o sábio?
- Eu me chamo Árago, e alguns me têm por sábio, embora eu não passe de filósofo, isto é, de amigo da sabedoria.

- Bravo! É ao senhor mesmo que eu busco, com minhas andanças por estas bandas.

- Para que me busca ?

- Desejava trocar idéias com o senhor !

Árago que tinha suspenso o trabalho, fazendo um ar faceto, respondeu:

- Está bom. Mas eu o advirto que tenho trocado muitas idéias com muita gente, e em tais barganhas, tenho sempre levado na cabeça. O tal quer barganhar suas idéias comigo; mas no final das contas, ele leva o que é meu, nada me deixando em troca, pois as idéias que traz, já as desprezei de há muito. Todavia ainda que seja você um desses, dar-me-á o prazer, não só da visita, como ainda me possibilitará falar, visto que o falar me faz bem. Falando passo revista aos meus conhecimentos, ampliando-os ainda mais com pormenores imprevistos. Desse modo, embora eu perca na troca de idéias, ainda saio ganhando.

Árago disse isto com uma ponta de malícia e bom humor a lhe transparecer no sorriso, depois do que continuou:

- Eu não moro aqui, e sim em Cananéia. Aqui só tenho este telheiro para a pesca, com uma dependência de quatro cômodos, onde passo, às vezes, até uma semana. Neste caso trago minha esposa para cá, para cuidar de tudo, enquanto pesco ou escrevo. Além de ela cozinhar, e arrumar a casa pegada ao telheiro, ainda datilografa meus escritos. Às vezes Anidra, a empregada, também vem cá, a fim de ajudar Cornélia, minha esposa, nos quefazeres domésticos. Por isso a casa possui dois quartos, além da sala e da cozinha. Hoje nenhuma está aqui, pelo que teremos de nos ir para minha casa. A distância, conquanto razoável, será coberta facilmente pela minha canoa motorizada.

Árago dizia isto no tempo em que se ia dirigindo para o interior do barraco, a fim de guardar a rede e demais petrechos de pesca, depois do que, fechou a porta. Falando ainda, convidou a Chilon a sentar-se, acomodando-se por sua vez, no interior da canoa, puxou a cordinha do motor, pondo tudo em movimento rumo à Cananéia. Chegados à casa foi Árago ainda quem primeiro falou:

- Seja bem-vindo à minha casa modesta. Vamo-nos para minha biblioteca, e aí sentemo-nos tranquilos, pois de agora em diante, se você cumprir o prometido, estaremos fora do tempo, o tempo todo...

Acenou Árago a Chilon para que se sentasse numa poltrona, enquanto ele tomava assento noutra próxima. Corria Chilon os olhos pela biblioteca e demais móveis do aposento amplo, no passo que ia Árago fazendo a descrição da serventia de cada peça:

– Ali está o aparelho de som de alta fidelidade; aqui, a poltrona reclinável, para os exercícios hipnopédicos; mais além, o gravador de som, para música e auto-sugestões.

Após ver e ouvir tudo, Chilon, saindo-se do mutismo, perguntou:

– O senhor poder-me-ia explicar por que veio habitar nesta região, entre pescadores incultos, em vez de em São Paulo ou Rio ?

– Isso ser-me-á fácil fazer, se você for filósofo, embora não manifesto, ao menos em potencial. Mas se você pertencer aos outros dois tipos humanos, o avaro e o ambicioso, não me poderá entender. Para responder sua pergunta, preciso fazer falar Sócrates, pela pena de Platão.

E assim dizendo, tirou da estante o volume “A República” de Platão (Atena Editora), abrindo-o na página 389:

* * *

“Sócrates – Eis por que dissemos que três são os principais caracteres dos homens: o filósofo, o ambicioso e o avaro”.

“Glauco – Com efeito”.

“Sócrates – Se perguntasses a cada um desses homens em particular qual é a vida mais feliz, tens dúvida de que cada um deles exaltaria principalmente a sua? Porque o avaro porá a ganância acima de todos os prazeres e desprezará a ciência e as honras, a menos que lhe sirvam de meios para chegar à posse da riqueza.”

“Glauco – É verdade.”

“Sócrates – Que diria, por sua vez, o ambicioso, senão que é baixo o prazer que deriva das riquezas, e vão o que resulta da ciência, a menos que o seu estudo conduza às honras e glórias?”

“Glauco – Assim é.”

“Sócrates – Pelo que toca ao espírito filosófico, afirmamos com toda convicção que nenhum caso faz de todos os demais prazeres, em comparação com o de procurar a verdade pura; e que, aplicando-se ao seu estudo, os desfruta mais e mais, tendo todos os mais deleites como outras tantas necessidades, às quais ninguém se deve prestar, exceto na medida das exigências da natureza.”

* * *

Árago, fechando o livro, exclamou:

– Eis por que vim parar neste lugar, tão logo me vi aposentado na função que exercia no serviço público. Se eu fosse ganancioso, num esforço de enriquecer-me, iria procurar uma cidade próspera, cheia de aventureiros, de vida caríssima, como Brasília, por exemplo, ou outras, igualmente de vida cara, como Presidente Prudente, Londrina, Piraju etc. Se meu objetivo fosse o prestígio, a glória, a honra, o renome, iria buscar posição de mando nos grandes centros, nas capitais; iria ser como um desses muitos salvadores da pátria, que andam por aí em evidência, iludindo e enganando as massas, porque ninguém poderá dar o que não tem. Mas sou filósofo, e por isso vivo aqui nos meus vastíssimos domínios de pensamento, tranqüilo e feliz, longe desta época de loucuras e desmandos, vivendo noutras dimensões fora do espaço e do tempo, e com a morte superada. Conquanto esteja ainda metido neste corpo, tenho, no meu peito, uma gostosa sensação de eternidade...

E após uma pausa, prosseguiu:

– Eu vivo em paz com estes pescadores, com os quais me misturo, copiando-lhes os trajes e a vida simples, despreocupada. Ajudo-os, por todos os modos, pelo que são todos meus amigos. Pesco com eles, em seus barcos, para me distrair, de vez em quando. Peixes e coisas do mar não me faltam nunca. Eu próprio sei pescar de rede, e me dei conta de que o celeiro do oceano é inesgotável. Filosofar é como pescar, ou seja, tirar um pouco do inesgotável oceano do saber.

Chilon ouvia atento; e, aproveitando-se de uma pausa, obtemperou:

– O senhor não acha que devia dar um pouco das suas luzes aos outros? Ou acha que deve guardar, para si, avaramente, tudo?

Árago, tomando “A República” de sobre a mesa, respondeu:

– Ainda, se me permite, farei que fale Sócrates, visto que percebo na sua pergunta, a velada acusação de que o filósofo é uma pessoa que não presta para nada. Sócrates propõe uma alegoria para explicar por que as repúblicas se governam mal; a causa é por que os piores são os que, vencendo por qualquer meio, se impõem; dizendo isto, Sócrates continuou o seu pensamento anterior, quando afirmara: “Realmente, é provável que, se houvesse uma cidade constituída só de bons, haveria competição para fugir ao poder, precisamente como agora existe para o obter”¹. Concluindo Sócrates o que explica sua alegoria da briga dos marujos, pela posse do leme, prossegue:

“Sócrates – Amplas razões lhes assistem em dizer que os mais ilustres filósofos são realmente inúteis à sociedade. Mas faze-lhes ver que a razão de tal inutilidade não se deve atribuir a eles, filósofos, senão aos que não se dignam empregá-los. Porque, como não é natural que o piloto suplique aos marinheiros que lhe entreguem o leme da nau, também não é curial que os filósofos andem de porta em porta a fazer súplicas que tais aos ricos.(...) A verdade é que, rico ou pobre, quem está doente é que deve bater à porta do médico. Quem tem precisão de ser bem governado vá procurar quem bem o governe. Não há de ser o bom governo quem, capaz de ser útil a outrem, ande mendigando o favor de se valerem os outros de sua luzes. Não erraram, pois, comparando com os marinheiros da alegoria os políticos que ora se encontram à testa dos negócios públicos e chamando filósofos aos que são tidos por gente inútil, perdida nas estrelas”².

E fechando o livro, concluiu Árago:

– De maneira que, tornando ao meu caso, não preciso andar implorando o favor de os outros se valerem das minhas luzes.

– Conquanto o senhor tenha fundamentado bem sua recusa em ajudar os homens, desde que, para isso tenha de os procurar, eu peço licença para discordar do senhor e de Sócrates: discordando, digo que não se pode querer aquilo que se desconhece; como é que os homens hão de desejar filosofia, se nem sabem o que isso seja? Como é que hão de sentir necessidade do saber, se isto não é, para a maioria, coisa de primeira precisão? Dê-se a conhecer o sábio, faça brilhar suas luzes, e todos precisarão delas depois, tendo-as como coisas indispensáveis à vida, senão à do corpo, ao menos à do espírito.

– Quê? Acaso tenho eu de ir falar às gentes nas praças, fazendo-me preceder de toques de caixas e de cornetas? Ter-me-iam, por louco ou fanático, é certo, se isso fizesse !

– É certo que sim. Mas já se foi o tempo da escola peripatética. Agora, temos a imprensa.

– Ora, a imprensa!... Você me vem falar dela! Acaso não vê que o jornal, a revista, o livro, tudo está nas mãos dos mercadores? Eles querem dinheiro à farta, e não idéias raras, peregrinas, originais, sábias. Quando qualquer escrito lhe cai nas garras, vão eles logo, e às pressas, correndo seus olhetes míopes pelas linhas. Se depois, do alto de sua sapiência econômica, “julgarem” que a coisa é boa, dão-na ao prelo. Deste modo, quem não é suíno morre de fome, como o filho pródigo da parábola, no meio da fartura de landes ou bolotas. O pensamento é o que governa o mundo, com ser espírito, princípio ou lei; contudo sua abundância divina se torna escassa, por causa de o maldito

¹ Platão, A República, 42 – Atena Editora

² Platão, A República, 250 – Atena Editora

dinheiro subordiná-lo aos seus fins. É assim que, na mais universal fartura de Deus, morre-se a fome neste chiqueiro. Eu não leio jornais, nem revistas, conquanto os receba aos montes, porque neles, com raras exceções, só acho bugiarias. Muitas das minhas idéias eu as pus em papel, e sabe o que sucedeu?

– Como o saberia?

– Pois nem abrindo mão dos proventos resultantes de direitos autorais, achei editor. Minha obra fi-la, de certo, para as traças e para os ratos, pois o fim das minhas páginas será algum porão ou sótão.

– É que o mestre tem buscado os editores, diretamente, para imprimir seus escritos; ora, como eles são meros ganhadores de dinheiro, por isso não perguntam se em seus escritos há idéias, mas sim, se para eles haverá público grosso. E os que não agem por dinheiro, esses são até piores, porque são escravos da parcialidade a que pertencem, julgando ser verdade somente aquilo que estiver de suas portas para dentro. Acrescente-se a isto as amizades, os personalismos, as recomendações. E como para os grandes sucessos editoriais qualquer bugiaria serve, nada mais é preciso fazer que seguir a inclinação das massas. Tem razão Ortega quando afirma: “Quando vejo que para um homem ou grupo se dirige fácil e insistente o aplauso, surge em mim a veemente suspeita de que nesse homem ou nesse grupo, talvez junto de dotes excelentes, há algo sobremodo impuro”³.

– Cáspite! Até parece que sou eu quem está falando! Como você vê, trancou-se ainda mais a porta que já me impedia de sair à luz. Como é que hei de sair a público, a não ser, então, beijando as mãos aos editores? Aconselhar-me-ia, acaso, escrever umas pedantonas bugiarias, para começar? Estaria, porventura, me querendo dizer que devo arranjar algum padrinho? Não vê, todavia, que tudo isso é tão difícil, perigoso e humilhante, quanto o forçar fazer, a águia, vôo rasteiro de pardal? Ora, meu caro Chilon, eu estou muito sossegado no meu canto, sem nenhum estímulo que me mova a sair à luz, e ainda mais, a tal preço. Desprezo os sonhos de grandeza, e se ainda lhes sinto os pruridos, devo lutar contra eles com toda a força e tenacidade com que se combate uma paixão malsã. Meus vencimentos de aposentado me dão muito bem para viver. Se, pois, riquezas, glórias e honrarias não me dominam, que coisas outras me fariam assoalhar? O que só busco é o saber, e para isto não preciso nada mais do que já possuo, exceto aqui do meu casco – e ao dizê-lo, apontou para a cabeça.

Chilon ouvia tudo admirado; e aproveitando a pausa falou:

– Já nem sei o que dizer; defendi suas razões e sua tese sem o querer. Façamos, todavia, um concerto.

– Que quer combinar comigo ?

– Proponho reunirmos uma vez por semana, de preferência aos sábados, a fim de estudar juntos vários assuntos. Nossa reunião pode até ter outros participantes. Eu tomo nota de tudo das nossas palestras em rascunhos. Numa segunda fase, passo tudo a limpo, corrijo, acepilho e dou forma literária. Que acha disto?

– Seja como você quiser. Você fica autorizado a pôr em papel as minhas idéias. Faça como bem entender visto que me desinteressa de tudo; chego até a ter aversão pelos homens de imprensa, vazios de convicções que, às mais das vezes, não passam de estilos em busca de assuntos. Estão eles sempre prontos a escrever pró e contra qualquer coisa, porque, como já se disse, cantam a música daqueles de cujo pão vivem. Vejamos se minhas idéias pela sua pena vão achar quem as edite.

– De acordo; aceito a condição.

– Também darei de ombros aos que me quiserem contrastar em polêmicas, por se sentirem ofendidos de os meus raciocínios colidirem com suas opiniões preconcebidas; se minhas razões ferirem opiniões estabelecidas, mesmo que se doam os crentes delas, não lhes darei quaisquer

³ Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 32

explicações. E não me causarão mosca esses tais, com seus protestos e doestos, visto que os não levarei em conta, nem mesmo deles tomarei conhecimento. Serei igualmente indiferente tanto aos aplausos, como à reprovação, pois só busco a verdade. Para que aquelas coisas não me perturbem a placidez de espírito, pratico, pelo método hipnopédico, o desprendimento da vida, que nisto só consiste o verdadeiro objetivo da filosofia. Tal, o caminho que me tracei, e você, Chilon, não me desviará dele! não o tente!...

– Aceito, também, essa condição.

– Proponha, então, o que quer estudar comigo.

– Para começar, eu lhe desejaria fazer uma pergunta a respeito da Bíblia, de Adão, de Eva, de que vem a ser “filhos de Deus” e “filhos dos homens”, de “filhos das trevas” e “filhos da luz”; desejaria me dissesse, também, se a evolução e a sabedoria são finitos ou não, e outras coisas mais que agora não me ocorrem perguntar-lhe. Tudo isto tem me causado embarços, pois sempre que faço tais perguntas aos que fazem às vezes de mestres, recebo respostas secas, peremptórias, dogmáticas: é assim, ou é assado. Ora, eu quero desenvolvimentos lógicos e raciocínios e não dogmas. Também desejaria conhecer melhor como é sua vida nesta ilha. No entanto, por hoje nossa conversa fica só nisto, pois já é tarde e eu preciso retornar ao meu hotel. Voltarei noutra oportunidade, e prometo será breve.

II – A velha Bíblia

No dia imediato ao do primeiro encontro com o filósofo Árago Pandagis, Chilon retornou ao seu telheiro da foz do rio Mandira, passando lá uma tarde magnífica. Andou com Árago, em sua canoa, passeando pelo rio das Minas, subindo até perto da embocadura do rio Ipiranguinha. Em certo ponto, Árago meteu-se inteiro dentro d’água, a fim de desprender o arame que tinha preso a uma raiz submersa, puxando para fora um covão de taquara com algumas lagostas, camarões e peixes. Deixou novamente o covão no mesmo sítio, rumando, diretamente para Cananéia. Depois do jantar, no qual Chilon tomou parte, com muito gosto, foram ambos para a biblioteca ouvir música suave, adormecedora, recostados em poltronas acolhedoras. Passada uma hora mais ou menos, começaram a palestra, tendo sido Chilon o primeiro quem falou:

– Bom, caro Árago, estou ansioso por ouvir-lhe sobre o tema de hoje.

– Qual é ele?

– Qualquer um daqueles já referidos. Uma vez porém que vamos estudar coisas da Bíblia, acho que deveríamos saber primeiramente o que ela seja. Esse livro muito discutido, base de todas as doutrinas diferentes, é ponto de fé, principalmente para todas as doutrinas vindas da Reforma. Para estes a Bíblia é a indiscutível palavra de Deus, por conseguinte, toda de inspiração divina. Que acha disso ?

– Eu não acho nem isto nem aquilo. Nós vamos estudar esse assunto com técnica precisa, com método. Em primeiro lugar você me há de dizer qual é a autoridade máxima entre os seguidores da Bíblia.

– Digo que são Moisés e Cristo. Apresento-lhe duas autoridades, e não uma, porque para os cristãos é Cristo; porém, para os judeus continua ainda sendo Moisés, que o era já antes de Cristo. Mas, como não nos interessa os judeus, digamos então que a suprema autoridade bíblica é Cristo.

– Neste caso, tornou Árago, a primeira coisa a fazer é ver o que disse o mesmo Cristo do Velho Testamento, pois o Novo relata coisas dele próprio. Você que é lido no assunto, discorrerá sobre o que sabe.

– Bom. Os primeiros capítulos dos Evangelistas Mateus e Lucas tratam da genealogia de Cristo, fazendo-o brotar do galho de Davi que saiu de Abraão. Marcos nos apresenta Cristo já adulto, sendo batizado no Jordão por João Batista. Este batismo de Cristo, feito por João, filia-o à seita dos Essênios, segundo muitos. João Evangelista, em seu Evangelho, mostra a filiação divina de Cristo, dizendo que ele era o Verbo que estava no princípio com Deus, pelo que era Deus. Três filiações, portanto: a humana, a social e a divina.

E feita uma pausa, prosseguiu Chilon:

– E Cristo firma sua autoridade divina na história que é social. Mas vamos aos pontos, por ordem: em Mateus 21, 42, Marcos 12, 10, e Lucas 20, 17, diz Cristo: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que fora rejeitada pelos edificadores, essa foi posta por cabeça do ângulo? Essa escritura, a que se refere Cristo, é a do profeta Isaías, e está no capítulo 28, versículo 16. Em Marcos, 12, 24, disse Cristo: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque depois da ressurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres; mas serão como anjos de Deus no céu. Todavia, esta parte não é achada no Velho Testamento, de modo explícito, pelo que se conclui que Jesus, para dizer isto, faz a exegese de algum outro ponto, no qual esta idéia fica implícita. Em Mateus 26, 54 e Marcos 14, 49, exclama Cristo: Como se cumprirão logo as Escrituras, que declaram que assim deve suceder? E esta Escritura está em Isaías 53, 7. Em Mateus 26, 24, está: O Filho do homem vai (ser traído) certamente, como está escrito dele etc. E Mateus declara, no capítulo 26, versículo 56, “que tudo isto assim aconteceu, para que se cumprissem as Escrituras dos profetas” .

– Lucas diz, prosseguiu Chilon, no capítulo 4, 16, que Cristo foi à sinagoga dos hebreus, e tendo desenrolado o livro do profeta Isaías, leu o que estava escrito no capítulo 61, versículo 1. Enrolando de novo o livro, disse para os presentes: – Hoje se cumpriu esta profecia nos nossos ouvidos. Depois da ressurreição Cristo aparece a dois discípulos que iam para Emaús. E tendo se acercado deles, sem se dar a conhecer, **ensinava-lhes as Escrituras** (Luc. 24, 27 e 32), **começando por Moisés**, quer dizer, pelo Gênese, discorrendo, diz o texto, **por todos os profetas**, explicando-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras.

– Em João, continuou Chilon, no capítulo 5, versículo 39, recomenda Cristo: – Examinai as Escrituras, pois julgais ter nela vida eterna, e elas mesmas são as que dão testemunhos de mim. E em João 7, 38, declarou: – Quem crê em mim, **como diz a Escritura**, dele corre rios de água viva. As escrituras desta parte encontram-se em Deuteronômio 18, 15, Isaías 12, 3 e 44, 3. Em João 7, 42, interroga Cristo: – Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi, e de Belém, da aldeia de onde era Davi? E que Escritura diz isso? É a que se acha inserta em Jeremias 23, 5, e Miquéias 5, 2. Em João 10, 34 pergunta Cristo: – Não é assim que está escrito na vossa lei? Eu disse: – vós sois deuses? E pouco mais adiante acrescenta que a **Escritura não pode falhar** (Jo 10, 35). Que lei é esta referida por Cristo? É a que se encontra em Salmos 82, 6 (João Ferreira de Almeida).

– Noto aqui, prezado Árago, com espanto, que Cristo chama lei às poesias de Davi! E mais me espanto ainda, quando declara, em se referindo a esta lei, que a **“Escritura não pode falhar”** (Jo 10, 35). E em Lucas 24, 44, diz expressamente, Cristo: – “Convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas, e nos Salmos” .

Manuseando uns papéis que tinha nas mãos, continuou Chilon:

– Em João 17, 12, orando Cristo a Deus, recomenda a este seus discípulos, declarando que até o momento os guardara, e que nenhum se perdeu, exceto o que já era filho da perdição; acrescenta que tudo sucedeu para que a Escritura se cumprisse. Também, para que se cumprisse a Escritura inserta em Salmo 22, 18, não foram rasgadas as vestes de Cristo, e antes se lançaram sortes sobre elas (Jo 19, 24). Eis de novo o poema de Davi funcionando como profecia e lei. Igualmente, para que se cumprisse a Escritura do Salmo 69, 21, disse Cristo na cruz: – Tenho sede (Jo 19, 28). Ainda, para que se cumprisse a Escritura do Êxodo 12, 46, Cristo morreu antes do sábado, para que não sucedesse, como aos ladrões, lhe quebrassem as pernas e os braços (Jo 19, 36).

– Depois de tudo isto, continuou Chilon, Cristo, como querendo enfeixar toda esta Doutrina numa sentença, declarou: – Não cuideis que vim destruir a lei, ou os profetas; não os vim revogar, senão cumpri-los. E acrescentou: – Porque em verdade vos digo que enquanto não passar o céu e a terra, não passará da lei um só "i", ou um "til", sem que tudo seja cumprido. E ameaçando, agora, prossegue: – Aquele pois que quebrar um destes mínimos mandamentos, e os ensinar aos homens, será chamado pequeno no reino dos céus; mas o que os guardar, e ensinar a guardá-los, esse será reputado grande no reino do céus (Mat 5, 17 a 19).

E guardando as notas, prosseguiu Chilon:

– Estes são os pontos, prezado Árago, em que Cristo mostra seu respeito pelas Escrituras, seja fundamentando nela sua autoridade, seja cumprindo à risca o que fora predeterminado pelos profetas. Que me diz a respeito disto?

– Digo que se Cristo valida as Escrituras, que vão do Gênese a Malaquias, e sendo ele a autoridade suprema entre os cristãos, nenhum cristão poderá desautorizar as Escrituras, sem desautorizar também a Cristo.

– E se houver quem desacredite o Velho Testamento?

– Esse desacredita também a Cristo, pelo que não é cristão.

– Porém, se alguém se disser cristão, e desacreditar o Antigo Testamento?

– Se afirmar que é cristão e negar aquilo que Cristo afirma, e em que se firma, comete um erro que em lógica tem um nome muito simples: absurdo.

– Será, porém, que Cristo valida todo o Velho Testamento ?

– Isso, tornou Árago, é o que nos cumpre verificar; todavia, se depois disto ficar provado que Cristo valida todo o Velho Testamento, não cairá este, sem que também caia Cristo.

– Mas como é que iremos proceder esta averiguação?

– Ainda examinando o texto – replicou o mestre – nas partes em que Cristo discorda do que está escrito. Se houver destes pontos não autorizados por Cristo, estes estarão revogados.

Chilon se fez pensativo. Depois, recorrendo as suas notas, prosseguiu:

– Cristo discorda do passado nos pontos em que torna mais rigorosas ainda as prescrições dadas aos antigos, e tanto que declara: – Se vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus (Mat 5, 20). E daqui em diante vem, no mesmo capítulo, a reforma da lei, não pela revogação do que está escrito, senão por um aumento de rigor. Do versículo 21 em diante vêm as partes que são encabeçadas pelas palavras: – “Ouvistes o que foi dito aos antigos”. De maneira que Cristo discorda, não por anulação ou abrandamento dos preceitos, senão pelo aumentar-lhes a estreiteza.

– Então Cristo – interrogou o filósofo – respeitou, cumpriu, ampliou e recomendou as Escrituras antigas, não é assim?

– Exatamente.

– Logo, não poderá dizer-se cristão quem subestimar e negar o que Cristo respeitou, e cumpriu, e ampliou, e recomendou.

– Mas isto não pode ser assim, “in totum”, meu amigo, pois outro dia estive eu assistindo às festividades de Nossa Senhora dos Navegantes que, como o senhor sabe, são tradicionais aqui em Cananéia, pelo que a cidade se regurgita de forasteiros e mercadores, estando eu, como dizia,

assistindo a esses festejos, parei, sem o perceber, nas proximidades de uma barraca, onde um camêlo mascateava suas bugigangas. Mais tarde vim a saber que o homem atendia pelo nome ou alcunha de Lumbaio.

– Como é do seu conhecimento, prosseguiu Chilon, a 15 de agosto, encerram-se, todos os anos, os festejos em honra de Nossa Senhora dos Navegantes. Neste dia uma embarcação maior, enfeitada com capricho, segue na frente levando consigo a banda de música e a santa, enquanto o grosso do acompanhamento, constituído de embarcações menores de todos os tipos, vai atrás soltando foguetes e rojões.

E continuou Chilon, após meditar um pouco:

– Na hora da procissão, portanto de pouco movimento nas ruas, porque o povo afluí em massa para os lados do mar, Lumbaio travou discussão com um desses fanáticos que a si se dão o nome de testemunhas de Jeová. A todo custo Alonstro, o testemunha de Jeová, queria converter Lumbaio, o camêlo, para sua grei. Para se ver livre da importunação de Alonstro, Lumbaio atacou a Bíblia, chamando-a de livro imoral, citando o Gênesis, versículos 11 a 18, onde Abraão, de medo de morrer às mãos dos egípcios, concordou em que Sara, sua mulher, se fizesse concubina de faraó. Prossequindo em seu ataque à Bíblia, Lumbaio afirma que "Jeová é Deus parcial, pois pune ao faraó, e não a Abraão que se sai muito rico deste evento, como refere o texto. Como se não bastasse essa ciganice de Abraão, mais negociata que eu, repete a mesma traça com o rei Abimeleque, como se pode ver em Gênesis capítulo 20, versículos de 1 a 14. Abraão sai desta outra ciganada de riqueza aumentada, pois Abimeleque lhe mandou dar ovelhas, vacas, servos e servas. Mais justos foram o faraó e Abimeleque do que Abraão; contudo, Jeová, pactuando com aquelas falcatuas de Abraão, esteve na parcialidade deste contra aqueles dois reis".

Fez uma pausa Lumbaio, e depois prosseguiu:

– "Este homem desprezível é cognominado "o pai da fé", pelos protestantes que são paulinianos, visto que São Paulo declarou que "pela fé ofereceu Abraão a Isaque" (Heb 11, 17) em holocausto, que só não se consumiu, porque o mesmo Deus o suspendeu por um anjo na hora extrema. A coisa está em que aqui perderia a vida Isaque, e por isso Abraão tem fé; todavia, quando, no Egito e no reino de Abimeleque, foi a vida mesma de Abraão que esteve em jogo, então Abraão não tinha fé".

E continuou Lumbaio para Alonstro:

– "Quer que fale agora da aventura de Siquem, filho do rei Hemor heveu, com Dainá filha de Jacó? Leia-se o capítulo 34 do Gênesis, e depois cada um que se pergunte: por que razão Jeová não puniu tamanha injustiça e barbaridade de que se pasmam os leões, os tigres e os chacais?"

– E deste modo, prezado Árago, foi despejando Lumbaio o seu carcás, alvejando e ferindo a Alonstro com sua palavra fácil, até que este fugiu horrorizado, como se tivesse dado de cara com o demo em pessoa. Que me diz o senhor a isto? Endossaria Cristo estas e outras objeções contidas no livro sagrado?

– É certo que não – tornou o mestre. – E aí estão os pontos que Cristo desautorizou com seus ensinamentos e atos.

E prosseguiu Chilon em seu relato, dizendo:

– Lumbaio em seu discurso disse que Jeová é um Deus provincial, ciumento, cruel, parcial e gostador do cheiro de assados, no que eu acho que ele tem razão. Que me diz o senhor?

– Digo que Lumbaio e você têm razão. Jeová é um Deus concebido por selvagens, para uso de selvagens. É por isso que Voltaire, falando sobre "alma", no seu "Dicionário Filosófico", depois de transcrever um trecho do Deuteronômio, acrescenta: "É manifesto nada haver em todas essas promessas e ameaças que não seja temporal. Nem uma palavra sobre a imortalidade da alma. Nem uma sobre vida futura" (pág. 18). Não surtiria efeito desejado se estas falas de Deus se referissem a prêmios e castigos futuros. Observando esta mesma regra, a pedagogia moderna ensina que as crianças não se sentirão motivadas ao aprendizado, se lhes oferecermos prêmios futuros,

longínquos, distantes. Há-se de lhes afirmar que os prêmios serão distribuídos no final da aula, àqueles que mais se esforçarem. E há mais isto:

– A conceituação da divindade marca o compasso da evolução. Diga-me o modo como concebes Deus, ou como a ele oras, e dir-te-ei quem és. É por isso que Cristo substituiu o conceito de Jeová pelo de Pai nos Evangelhos; nisto também revogou o passado. No entanto o conceito de Deus-Pai está superado, porque Pai é um conceito pessoal, limitado, antropomórfico e Deus não pode ser entendido assim. Os conceitos se superam e nisto está o que se chama progresso. Mas é ilógico tomar-se o homem de sanha destruidora, como procedeu Lumbaio, arrasando os conceitos que serviram no passado, só porque dispõe de melhores luzes no presente. Ninguém consegue pensar fora da sua época, e em qualquer julgamento histórico não se poderão desprezar as coordenadas o lugar e a época dos acontecimentos. Fazer como Lumbaio é agir como o pavão que, segundo a lenda, manifesta desdém pelos próprios pés, esquecendo-se de que sem pés não há pavão nem pavonadas...

– Agora sou contente – tornou Chilon – e sinto que as dificuldades se aclaram. Prossiga o senhor com o que dizia!

– Vamos chegar a este ponto por outros caminhos. Você me vai respondendo as perguntas.

– De acordo.

– Que é o átomo?

– É um sistema planetário no qual os elétrons, como se foram planetas em torno do Sol, gravitam em redor do núcleo em todas as direções do espaço.

– Isso é o que se dizia antigamente. Pondere agora com sua cabeça e não com a alheia: um elétron percorre sua órbita 10^{15} vezes por segundo, isto é, 1.000.000.000.000.000 (um quatrilhão) de vezes por segundo. E a pequenez dessa órbita é humanamente inconcebível. De maneira que com órbita tão pequena e com tal velocidade, o elétron torna-se como que onipresente em todos os pontos de sua trajetória, pelo que a órbita eletrônica se parece com um anel como os anéis de Saturno. Está claro?

– Está. Nunca tinha pensado nisso. Agora já concebo o átomo como uma bola, se visto por fora, imaginariamente, uma vez que ele é constituído de argolas concêntricas, cada uma ocupando um plano diferente do espaço.

– Você chegou então a conceber o átomo como uma bola, em nada se assemelhando ele com sistemas planetários, onde grandes esferóides lerdos giram em torno de uma estrela central, não em volume, mas em plano, como carrossel. De fato, “de um elétron, que circula em torno do núcleo atômico com a velocidade de 50.000 Km/seg numa órbita de 0,000.000.000.4 mm de diâmetro 10^{15} vezes por segundo, não se pode dizer em que ponto da órbita ele se encontra”⁴. Todavia, segundo os últimos resultados apresentados pelos matemáticos e físicos modernos, os corpos deformam-se com a velocidade; eles se encurtam no sentido do eixo da deslocação. “A Terra gira 30 Km/seg ao redor do Sol. Em consequência desse movimento, o seu diâmetro no equador é 10 cm mais curto do que seria se a Terra fosse imóvel”⁵.

E fazendo uma pausa concluiu Árago:

– Ora, movendo-se o elétron a 50.000 Km/seg, em sua órbita, ele se achata como um disco. Assim, o anel orbitário que o elétron forma ao redor do núcleo, não seria uma procissão de bolas, mas de discos, como moedas empilhadas ao longo duma circunferência. O turbilhão eletrônico ou elétron se achata e se abre para os lados numa onda estática, porque fechada no átomo. Desta maneira, aquela bola atômica que você concebeu há pouco, passa a ter a configuração de uma esfera formada por anéis de algodão concêntricos. Entendido?

– Estou vai não vai para perder o pé nestas profundezas.

⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 77

⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 47

– Agüente um pouco mais. Substituindo o modelo planetário atômico de Bohr, Schroedinger fez outro, em que as órbitas eletrônicas são ondulatórias. Assim, “o átomo de Schroedinger é «uma nuvem carregada» em que vibra uma neblina de energia”⁶. Entende você agora o que seja o átomo, e, conseqüentemente, a matéria?

– Acabei, totalmente, de perder o pé; já não entendo mais nada.

– E acaso você pensa que alguém entende? Digo-lhe que, por aqui, os rígidos conceitos científicos se evolvem em música e poesia! E, sendo assim, sabe a que podemos comparar o átomo?

– A que?

– Do átomo se pode fazer a mesma comparação que fez Goethe de Paganini.

– Que me está dizendo?

– Quando, em Weimar, em 1829, Goethe ouviu Paganini pela primeira vez, proferiu estas palavras: “Falta-me uma base para esta coluna de flama e nuvens. Ouvi simplesmente alguma coisa de meteórico e não me pude aperceber...” Tal, o átomo: um turbilhão meteórico de flamas e de nuvens, cuja base se perde no inconcebível, até mesmo para os poetas!

– Que beleza de figura o senhor achou para o átomo e para a matéria! Antes, o átomo era um sólido sistema planetário; agora é como um violino tangido por invisíveis mãos divinas que tiram dele os mais inconcebíveis acordes vibratórios, e as mais extraordinárias variações produzidas pelos saltos quânticos nas órbitas.

– Porém isso, Chilon, é poesia, que não ciência; você a sente, mas não a entende. Atenção agora: que você diria de alguém que, podendo achar representação mental para estes últimos conceitos da ciência, se pusesse a xingar de papalvos, de estúpidos, de asnos a Demócrito, a Galileu, a Newton, a Kepler e a outros que tais, só porque estes, pertencendo ao passado, não podiam chegar a estes conceitos?

– Diria que esse sujeito é um ingrato, porquanto os últimos conceitos não se formariam, se não se formassem os primeiros.

– Tornando agora ao nosso tema, digo, igualmente, que se não tivesse havido Abraão, não haveria Isaque, Jacó, Moisés, Davi e Cristo. Digo mais: assim como há evolução para as conceituações científicas, as há, também, para as filosóficas, sociais, religiosas e morais. Abraão pode ter sido um cigano, como disse Lumbaio no seu desabafo anti-bíblico contra Alonstro; mas fez isto de grande: criou o conceito de um Deus único, o qual dominou o ocidente inteiro. E esses que falam mal de Abraão, como aquele camelo, podem não ser como Abraão, porém sem dúvida nenhuma, apesar do adiantado do tempo, continuam sendo iguais a faraó e Abimeleque, no que concerne às mulheres alheias. Se não fosse a fúria lúbrica do faraó e de Abimeleque, Abraão não precisava temer por sua vida, como era de temer-se, pelo que se viu, depois, pelo sucedido. Logo, quando os homens deixarem de ser meras bestas, não mais farão violência aos Abraões pacíficos. Abraão não foi oferecer Sara ao faraó, nem a Abimeleque; apenas previu o que sucederia se soubessem que era sua mulher, além de sua irmã ou prima. E as previsões se cumpriram e Sara foi levada para o harém daqueles sátiros brutos. Isto prova que Abraão conhecia muito bem os homens, pelo que era justíssimo (e ainda o é) temer-se deles.

– Mas, meu amigo, e a tão decantada fé de Abraão no seu Deus, a que fica reduzida?

– A fé cresce e se reforça com o tempo e com as experiências místicas, e tanto que Cristo disse assemelhar-se o reino dos céus a um grão de mostarda que germina, cresce e frondeja como pequeno arbusto. Ora, este Abraão relativamente moço e forasteiro em terras estranhas, não é o mesmo, já mais idoso, do tempo de Isaque, pois Sara, sua mulher, concebeu àquele com a idade de 90 anos. Como poderia ser Abraão um homem de fé robusta do porte daquela que demonstrou na hora de sacrificar seu filho, se ainda não tinha provas bastantes da parte de seu Deus? Onde faltou a fé, supriu-a a inteligência da vida, e Abraão se safou da morte certa. Acrescente-se a isto que cada

⁶ Fritz Kahn, O Livro da natureza, I, 52

fenômeno ou fato histórico tem de ser julgado segundo os padrões de sua época e local, e não fora deles. A moral para uso humano mostra-se relativa, e não se pode saber, neste sentido, quais eram os padrões de referência de Abraão. Todo fato histórico-social tem de ser situado no seu tempo; depois é preciso reconstituir o quadro histórico, o cenário, por meio dos fragmentos literários e arqueológicos contemporâneos de todos os outros lugares; só agora, então, é que vem o julgamento, e ainda, certamente, não feito por algum literatelo, mas por quem esteja à altura do mérito do assunto.

– A bíblia – prosseguiu o mestre – é um documento arqueológico não incólume, porque aí andaram mãos de deturpadores intencionais ou não. Os exemplares que temos às mãos são cópias de cópias. Não é livro que se possa estudar isolado de outros monumentos históricos contemporâneos dele. Sua interpretação, antes de ser feita por teólogos, como sempre foi, onde a fantasia supre a ciência, é trabalho de arqueologia, hermenêutica e morfologia histórica, ou seja, história comparada.

E após ponderar um tanto em silêncio, prosseguiu o pensador:

– Agora, ouça isto, como coisa muito importante: os espíritos, em se reencarnando, pisam sobre seus próprios rastros, para os continuar, para os fazer avançar; por isso, discutir a Bíblia é tarefa para gerações dentre as quais se encontrarão verdadeiros gênios. Um deles foi Isaac Newton que, respeitoso, via na Bíblia um sonho, talvez lindo, talvez não, mas de cujas densas brumas surgiu Cristo. O ataque movido ao Velho Testamento, não pára só nele; atinge o Novo também, porque Cristo e seu Evangelho continuam o passado involuído. Você quer examinemos esta mesma questão de um novo ponto de vista?

– Sem dúvida! Para isso estou aqui de onde não arredarei os pés, mesmo que passe toda a noite.

– No tempo destas ocorrências com Abraão e Sara, ambos estavam sós. Se o que fizeram fosse coisa indigna, haveria de ficar encoberta, pois todos nós costumamos silenciar sobre tudo aquilo de que nos envergonhamos. Você não procede assim?

– Procedo, é claro!

– E Lumbaio, como procede ?

– Como eu, e assim, todos.

– Se fosse coisa feia, teria ficado encoberta, e Moisés não teria tomado ciência disto, por tradição oral, para a escrever no Pentateuco. Mas Moisés tomou conhecimento; logo, o fato foi propalado entre os descendentes de Abraão. Por que?

– Jamais o saberei, se mo não disser.

– Foi para que Abraão constituísse o ponto de passagem entre a prostituição sagrada e a profana, que existia na sua pátria, país de Hur, que fica nas montanhas da Mesopotâmia. Este mesmo tipo de prostituição, considerada como rito religioso, grassava, não somente em toda a Caldéia, mas também na Fenícia, Chipre, Cartago, Armênia, Pérsia, Egito, Grécia, etc., como se pode ver na “História da Prostituição”, escrita por vários autores célebres, editada pela Livraria Antonio de Carvalho, em São Paulo. A prostituição a que Sara fora forçada pelo faraó e por Abimeleque, embora sagrada pelos deuses destes reis, recebeu a reprovação de Jeová que não tardou com os castigos. Isto quer dizer: Jeová não aprova a prostituição nem a sacramenta.

Fez uma pausa o mestre e ficou ponderando em silêncio; depois prosseguiu:

– Este mesmo espírito de passagem entre a prostituição sagrada e a pecaminosa, está no relato do estupro de Diná por Siquém filho de Hemor heveu; ainda que Hemor, Siquém e todos os homens do reino se tivessem circuncidado, por exigência de Jacó, dois filhos deste, chefiando um bando de homens armados, passaram à espada todos os homens, a começar por Siquém e Hemor.

– Mas isto, tornou Chilon, foi uma barbaridade sem nome, além de heresia, pois os homens de Hemor estavam seguros pelo rito sagrado da circuncisão !

- Sim, sem dúvida que foi uma selvageria; mas serviu para reforçar o horror ao estupro e à prostituição. Contudo Jacó não aprovou o que os filhos fizeram.
- Mas Jeová não puniu os culpados, como era de esperar-se.
- Então, se ninguém viu a punição, é que ela não se deu, de fato, como pensam todos os salafrários, e é por isso que ainda agora os safardanas são os únicos que gozam neste mundo.
- É, mas a punição destes tais se fez, aqui ou alhures, noutras existências...
- Logo, os dois filhos de Jacó foram punidos depois, noutras vidas, e por isso promete Jeová, no Decálogo, punir as culpas dos pais nos filhos, não ATÉ a terceira e quarta geração, como está em todas as Bíblias, mas NA terceira e quarta geração, que é quando já se teve tempo de reencarnar, de novo, no tronco familiar. É assim que na Bíblia esperantista, traduzida diretamente dos originais hebraicos, pelo judeu eruditíssimo Dr. Zamenhof, ao invés de “*ĝis la tria kaj kvara generacioj*” está “*en la tria kaj kvara generacioj*” (Ex 20, 4 a 6).

E continuou Árago, após uma pausa:

- Abraão, pagando tributo a Melquisedeque, rei de Salém, tornou-se nexa entre a Ordem do Deus altíssimo, a que pertencia este rei, e sua posteridade. Igualmente o legendário sacrifício de Isaque teve a função conectiva e de passagem entre o sacrifício humano, sobretudo de crianças, praticado em quase todos os países antigos, e o sacrifício de animais.

Fez uma pausa o mestre, e depois concluiu:

- O povo ignorante, Chilon, vive de imitação, e por isso as melhores lições são as que se gravam em exemplos vividos, ou supostamente vividos; daí as parábolas de Cristo e as fábulas de Esopo. Moisés não era nenhum lorpa para não entender isso.

– Agora estou satisfeito, e lhe peço para entrarmos no estudo das dificuldades bíblicas. Lembo-lhe de que lhe perguntei de começo, se a Bíblia é divinamente inspirada, como querem muitos, ou é apenas um livro humano, como pretende C.G.S. Shalders, em sua obra “Uma Análise Crítica da Bíblia”.

- Guarde, Chilon, suas perguntas por ora; haveremos de chegar lá, querendo Deus; por hoje basta, que já é tarde.

III – Filhos das trevas e filhos da luz

Não eram passados dois dias, após o seu segundo encontro com o filósofo Árago, quando Chilon retornou ao telheiro daquele, na foz do Rio Mandira que é afluente do Rio das Minas. Fora isto ao entardecer, após o jantar. Árago não estava em casa, e sim no Rio das Minas, onde fora buscar algumas lagostas dos côvãos. E, segundo a informação de dona Cornélia, esposa de Árago, este pretendia, naquela noite, passar sua rede numa boca ou baía do Mar de Itapitangui, onde, previamente, jogara uns restos de comida. Pouco mais de trinta minutos eram passados, quando se começou a divisar a silhueta do pescador rumando sua canoa na direção do rancho. Árago tornava do rio trazendo cinco belas e grandes lagostas, afora três tantos desses que deixara no viveiro, em lugar ignorado. Tanto que a canoa abicou em terra, Chilon já lhe foi ao encontro para saudá-lo. Contudo, fê-lo, antes, Árago, ao dizer:

– Olá! meu caro Chilon! Então, outra vez, por aqui?

– Sim, estou cumprindo minha promessa de vir consultá-lo sobre aquelas dificuldades bíblicas.

– Está bem. Mas primeiro você me há de esperar que passe a rede no ceveiro. Eu e mais três companheiros iremos estender a rede, e depois arrastá-la para a praia. Numa redada dessas, às vezes, nós pegamos trinta ou quarenta quilos de peixes, os quais repartimos entre os quatro. À noite dá sempre muito mandi, que, com suas farpas, embrulha e prende a rede. Esta é a causa de os pescadores profissionais não pescarem à noite.

Ao tempo em que Árago dizia estas palavras, entregava as lagostas para dona Cornélia, continuando, em seguida:

– Tenha a bondade de me esperar na minha sala que volto logo.

Chilon foi para a sala em que Árago costumava escrever aproveitando-se da quietude do lugar, e ali ele se pôs a ler qualquer coisa, sob a luz intensa do lampião de gasolina. Após duas horas, mais ou menos, chegou Árago com sua carga de peixes escolhidos. A rede já tinha sido posta a secar, e os homens já se tinham retirado, com o quanto de peixes que lhes tocara na partilha.

Árago estava passando um dos seus fins-de-semana no continente, em companhia de dona Cornélia e de Anidra, a empregada doméstica. O telheiro possuía, como já ficou dito, quatro cômodos, sendo dois quartos, uma sala e uma cozinha. Estando todos reunidos na sala, principiou Árago a falar:

– Com que, então, você quer que estudemos a velha Bíblia?

– Isso mesmo – tornou Chilon. – Eu proporia estudarmos a parábola do administrador infiel, inserta no Evangelho de São Lucas, capítulo 16. A primeira dificuldade está em que Cristo disse que “os **filhos deste mundo** são mais prudentes com suas gerações do que os **filhos da luz**”. Logo, há duas categorias de homens, sendo uma **filhos deste mundo**, e outra **filhos da luz**?

– Sim; é o que está escrito.

– E como é que se entende isto?

– Também não sei; mas proponho seguirmos o método socrático que consta em irmos analisando a idéia, por meio da dialética, até que a verdade se desentranhe de nós mesmos, visto que o conhecimento das coisas está em nós, sepultado, se é que Sócrates está com a razão.

– Procedamos então assim.

– Então, você me ajudará, com responder as perguntas que lhe vou fazendo.

– De pleno acordo.

– Antes de tudo vamos colher informações noutras partes da Bíblia, e noutras literaturas congêneres, para vermos o que Cristo quis dizer com estas classificações de homens. Sabe você por acaso fazer isto?

– Penso que nestas coisas sou versado; erudição sobre a matéria não me falta. O que não sei é ligar os fatos formando um todo compreensível.

– Fale, então, do que sabe.

– No livro do Gênese, 6, 2, está escrito: “Viram os **filhos de Deus** que as **filhas dos homens** eram formosas, e tomaram para si mulheres”. Noutro passo, e é São Mateus, 8, 11 e 12, diz Cristo que muitos virão do oriente e do ocidente e entrarão no reino dos céus, no passo que os **filhos do reino** serão lançados nas trevas exteriores. A confirmação deste ponto está no lugar em que Cristo diz aos **filhos do reino** por herança, mas não por merecimento: “Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos” (Mat 21, 43). Interpretando a parábola do joio, diz Cristo que “a boa semente são os **filhos do reino**; e o joio são os **filhos do maligno**” (Mat 13, 38). Negando auxílio à mulher de Cananéia, justificou Cristo sua recusa com declarar: “Não é bom pegar no **pão dos filhos** e deitá-los aos **cachorrinhos**” (Mat 15, 26). E antes dissera que fora enviado para “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mat 15, 24). Donde vem agora que as duas espécies de homens são **filhos de Israel** e **cachorrinhos**. Noutro passo, estes **filhos de Israel** são nomeados por **filhos de Jerusalém**, comparados a pintainhos que Cristo, como faz a galinha, queria ajuntar debaixo de suas asas (Mat 23, 37). A caminho do Gólgota, com a Cruz sobre os ombros, dirige-se Cristo às mulheres que o pranteavam chamando-as **filhas de Jerusalém** (Luc 23, 28). Aos que amam a seus inimigos Jesus dá que são **filhos do Altíssimo** (Luc 6, 35). Falando de Zaqueu, sentencia Cristo: “Pois também este é **filho de Abraão**” (Luc 19, 9). Igualmente chama **filha de Abraão** à mulher que Satanás tinha presa há dezoito anos (Luc 13, 16). Mais: “Os **filhos deste mundo** casam-se, e dão-se em casamento” (Luc 20, 34). E pouco mais adiante chama Cristo aos que não estão sujeitos à morte, **filhos de Deus** ou **filhos da ressurreição** (Luc 20, 36). Diz São João (1, 12) que os que recebem a Cristo, recebem o poder de serem feitos **filhos de Deus**. Esta distinção de filhos e filhos ressalta, nítida, quando os judeus alegam serem **filhos de Abraão**, ao que Cristo retruca, e dá o por que, dizendo que são **filhos do Diabo** (Jo 8, 39 e 44). Mais: “Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais **filhos da luz**” (Jo 12, 36). Referindo-se a Judas, chama-o a ele de **filho da perdição** (Jo 17, 12).

E guardando suas anotações, concluiu Chilon:

– Estas são as variantes que achei para **filhos de Deus** e **filhos dos homens**. Diga-me agora o que tudo isto quer dizer? Onde a chave que abra estes mistérios?

– Reunamos, agora, as expressões afins, para depois verificar como prosseguir. De uma parte ponhamos, como expressões equivalentes: **filhos da luz**, **filhos de Deus**, **filhos do reino**, **os filhos** (de pão dos filhos), **filhos de Israel**, **filhos de Jerusalém**, **filhos do Altíssimo**, **filhos de**

Abraão. Eu reduziria todas estas designações a um denominador comum: ao de **homens espiritualizados**, quer dizer, aqueles que já deslocaram o eixo da vida da matéria para o espírito.

– Reunamos igualmente – prosseguiu o mestre – a uma expressão única, as especificações que representam o oposto disto: **filhos do mundo, filhos dos homens, filhos do maligno, cachorrinhos, ovelhas perdidas, filhos do Diabo, filhos da perdição**. Tudo isto quer dizer homens materializados, ou seja, aqueles que dormem o sono do espírito, na mais completa animalidade.

– Se o senhor me permite, acrescento, para reforço dessa sua tese, o ponto do homem néscio que dizia: – minha alma, come e bebe, e regala-te, porque tens muitos bens em depósito para largos anos (Luc 12, 19).

– Muito bem Chilon! Como você vê, o homem néscio estava tão materializado que cuidava que sua alma era corpo, e tanto que mandava àquela comer, beber e regalar-se, como se as provisões em depósito pudessem alimentá-la. E bom que mo lembre que Cristo chama néscio a este homem animalizado, donde vem que o seu oposto, o homem espiritualizado, é o sábio. Logo, sabedoria nada tem a ver com ciência e erudição, e sim com virtude. Eis por que, tendo Salomão pedido um coração reto e justo, para julgar o povo (I Rs 3, 9), que isto é ser virtuoso, Deus lhe dá sabedoria e tanta, que seria única sobre a face da Terra, superando a todos os do passado, e sem segundo no futuro.

Neste ponto interveio Chilon dizendo:

– Agora me lembro de ter lido em Huberto Rohden que saber vem de sabor, de saborear, pelo que o santo sabe, porque saboreia, porque tem uma experiência mística, divina⁷. “O pecador é um homem **a-cósmico**, ou **anti-cósmico** – assim como o santo é o homem cósmico”⁸. Ainda: “Segundo os socráticos, a **ignorância** é o grande **pecado** do homem – como o contrário da ignorância, a **sapiência**, é a grande **virtude** do homem” (...). Donde vem que “o pecador é o ignorante – o sábio é o santo”⁹.

– Pronto! – exclamou o mestre. – Homem espiritualizado, ou sábio é o santo. Homem animalizado, ou ignorante é o viciado, escravo dos sentidos e dos apetites grosseiros de sede corporal. O primeiro é o **filho da luz**, e o segundo, **filho das trevas**. Parte do nosso estudo está feito.

Voltemos agora ao Gênese, prosseguiu Árago, que é por onde começamos, a fim de repararmos como é o texto. Aqui diz que “viram os **filhos de Deus** que as **filhas dos homens** eram formosas, e tomaram para si mulheres etc.” E disse Deus: – “Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne” (Gên 6, 3). Quer dizer que os **filhos de Deus** caíram na sensualidade, arrastados pela carne. Não é isso?

– Exatamente.

– Então já havia, no começo do mundo humano, aqueles que se poderiam chamar **homens espiritualizados e homens animalizados**?

– Esta é a consequência inexorável do que vem de trás.

– E os homens materializados, sabemos serem os terrícolas procedentes dos estágios inferiores da escala zoológica, porque disto nos dão contas as seis provas da evolução a saber: as provas paleantropológicas, as embriológicas, as anatômicas, as dos órgãos residuais, as sorológicas e as geográficas. Mas donde vieram estes seres superiores relativamente aos terráqueos, aos quais se podia chamar, com justiça, **filhos da luz**? Você sabe de mais algum documento que clareie este ponto obscuro?

– O que só sei é o que conta Emmanuel no seu livro “A Caminho da Luz”. Diz ele lá, no capítulo III da obra, que existe um sistema planetário, a 72 anos luz da Terra, na Constelação do Cocheiro, cuja estrela se chama Cabra ou Capela. Como ocorre hoje com a Terra, que está prestes a

⁷ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 175

⁸ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 78

⁹ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 65

mudar de categoria, passando de planeta de expiação para planeta regenerador, também um orbe do sistema capelino ou caprino ia mudar de fase. Ora, como aqui, hoje, lá também os piores ocupavam o poder em todos os sentidos, encalhando a evolução da humanidade planetária. Urgia uma medida de saneamento, um juízo final, uma seleção de valores. E foi o que se deu irrevogavelmente, resultando que alguns milhões de espíritos fossem exilados para nossa Terra sob a orientação e autoridade de Jesus Cristo. Estes exilados formaram aqui, o que se chama raça adâmica que se subdividia em quatro grandes ramos que são: os arianos, os egípcios, os hindus e os hebreus. Eis o que nos relata Emmanuel em sua obra retrocitada.

– Isso deve ser verdade – tornou o mestre – porque assim como há evolução para os seres e sociedades, deve haver também para os mundos e sistemas. Se considerarmos como verdades os relatos de Emmanuel, o problema fica resolvido, pois estes caprinos degredados são os ***filhos da luz, filhos de Deus, sábios e espiritualizados***, se considerados em relação aos hominídeos terrestres que eram, então, os ***filhos deste mundo, cachorrinhos***, e até ***filhos do Diabo***, por causa da animalidade vitoriosa aliada à ignorância. O homem, nesta fase, conquanto esteja no pináculo da escala zoológica, é pinto ainda, relativamente à escala do saber e da virtude que inicia. E Cristo disse do mordomo infiel, que ele agiu com mais sabedoria, para com sua geração, do que os ***filhos da luz***; querdizer que este terrícola mostrou-se mais sábio que os adâmicos.

– Mas, em que consistiu esta sabedoria do mordomo? Poder-me-á, o mestre explicar como é esse Adão, entendido como povo, como leva de espíritos degredados? Se Adão era povo, quem era Eva? quem, Caim?

Arago ficou largo tempo meditando, depois do que opinou:

– Acho que por hoje basta, dado que as horas correram sem que percebêssemos. A razão disto é por que nosso tempo se mediu durante nossa conversa, por um outro sistema de referência que não o do movimento da Terra. Conquanto fosse breve o tempo mental ou psíquico, por causa de sua onda longa, foi longo o tempo no sistema do mundo, onde a massa planetária marca o ritmo do seu transcorrer. Então, como o tempo astronômico já avança, penso devamos deixar o resto para outro dia.

– Da minha parte ficaria neste estudo até o romper da manhã, se não fosse isso abusar do seu companheirismo.

– Eu também era assim, quando mais moço. Depois descobri que os gregos estavam errados e que ao inverso do que eles afirmavam, a arte é que é breve, e a vida, longa. O saber é finito, e a vida, eterna. A vida é eterna por causa da continuidade das existências; o saber é finito, porque nenhum ser poderá ir além do limite imposto pela sua função. E do mesmo modo como uma célula do corpo humano não poderá saber, nunca, os desígnios do homem, também não conseguiremos, jamais, descobrir os desígnios de Deus.

– Logo, o saber de Deus é infinito, tendo caído, o senhor, em contradição, pois acaba de afirmar, opondo-se à forma clássica, que a vida é longa, e a arte, breve, entendendo que arte, aqui, significa sapiência.

– Falo relativamente à capacidade humana. A sabedoria é infinita, mas a capacidade humana é limitada; e onde estiver o limite aí a consciência pára, não podendo ir além. Se o homem chegasse à onisciência seria como Deus. Isto equivale a dizer que se uma célula hepática conhecesse o que conhece o homem, ela seria homem, donde se segue que se um homem soubesse tudo o que sabe Deus, esse homem seria Deus, visto que saber é ser. E assim como nem quero, nem posso assenhorear-me de tudo o que há no oceano, mas gozo o sondar-lhe pouco a pouco, também reconheço que serei eternamente insciente, no plano divino, conquanto possa vir a ser um sábio, no nível humano. E como a dialética se assemelha à pescaria, devo gozá-la, que nisto só consiste a alegria filosófica. Nada pois de pressa, mesmo porque ainda a pressa é inimiga da perfeição. Lembro-lhe do que lhe disse há pouco: quando estamos situados no reino do pensamento e do espírito, cessa de existir o tempo que se mede por velocidades, e que tanto é ele mais curto, quanto

maior é ela. Por isso, quem corre não tem tempo, visto que o aumentar da velocidade faz encurtar o tempo de tal sorte que, se a velocidade se fizer infinita, o tempo fica zero. Para termos tempo, portanto, preciso é não termos pressa, e pararmos, se preciso. Guarde, por conseguinte, suas perguntas para outra ocasião.

IV – A sabedoria é finita

Não tendo dormido bem à noite, por causa da excitação que os pensamentos lhe causaram, Chilon ficou o outro dia até tarde na cama. Eram onze horas quando ele foi ao banheiro lavar o rosto. Após o café, saiu à rua, dirigindo-se para os lados do Mar de Cubatão, também chamado Mar de Dentro. Procurou um lugar ermo, e, sentado numa pedra pôs-se a meditar.

“Por que seria – dizia de si para consigo – que Árago sustentava que o saber é finito? Como finito? Quem imporá limites a ele? Onde estará o seu “non plus ultra”? Este há de ser o ponto sobre que ouvirei Árago esta noite”.

Chilon passou o resto do dia, ora no hotel, ora na rua, ansioso para que viesse logo a noite. Quando entardeceu, rumou ele para a praia, onde já o esperava o barqueiro que havia contratado

para o transportar pelo braço de mar e pelo Rio das Minas até o terreiro de Árago. Tanto que ali chegou, foi logo exclamando:

– Eis-me aqui, de novo, com minhas interrogações!

Dizendo isto descia da barca, estendendo a mão para cumprimentar Árago e dona Cornélia. Após os cumprimentos, adiantou-se dona Cornélia dizendo:

– O senhor poderá, se quiser, passar a morar conosco, os dias que dispuser. Está de férias?

– Gozo minha licença-prêmio, dispondo do tempo de seis meses.

– Nossa casa, em Cananéia, tem cômodos e acomodações bastantes, que são usados pelos nossos filhos, quando nos visitam. Se o senhor quiser, poderá ficar conosco, lá, pois já é finda nossa estada aqui no continente. Se gosta de coisas do mar, fique em nossa companhia. Não nos dará nenhum incômodo, visto que nossa vida é isenta de correrias. Meus serviços se resumem quase só em datilografar as coisas de Árago. Para os serviços domésticos dispomos de Anidra, que mora conosco há muitos anos. Afeiçãoou-se a nós, e por isso nunca quis sair.

– Aceito o oferecimento, contanto que a senhora queira receber o quanto pago diariamente no hotel.

– Nada disso. O senhor fica intimado a ser nosso hóspede, ouviu?

Após estas palavras de dona Cornélia, em tom imperativo, ditas com um sorriso acolhedor, nada mais pode fazer Chilon que erguer os ombros, em sinal de assentimento.

Árago que estivera atento ao diálogo, concluiu:

– Eu já havia pedido à Cornélia para que o convidasse a ficar conosco. Aqui você terá mais oportunidade de conhecer a vida do mar. Gosto de um companheiro nos meus passeios, pescarias e caçadas. Sou um animal social, como já dizia, do homem, o velho Aristóteles; vivo a contragosto minha solidão intelectual, entre pescadores que me querem bem, e no meio dos quais me sinto razoavelmente feliz. Mas sua vinda aqui me possibilitou abrir-me mais. Fique, pois, conosco, que isso nos fará bem.

– De acordo. Se me permite, agora, propor-lhe-ei uma questão que me azucrina desde ontem.

– Qual é?

– O senhor disse que o saber humano é finito, e eu desejaria saber onde fica e quem impõe essa limitação.

– A coisa está, meu amigo, em que a evolução também é finita. A evolução pára onde acaba a perfeição; e perfeição quer dizer funcionalidade. Tanto que um ser ou coisa preenche a sua função é perfeito, não podendo ir além. Deste modo, cada ser ou coisa existe para preencher um fim. Preenchido este fim, a evolução cessa. Veja que o martelo não passa do que é, por ser perfeito.

– Todavia, e se o ser quiser ir além, evoluir mais? Os caminhos lhe estão barrados?

– Não. Os caminhos estão abertos para todos os lados, porém falta a impulsão interior, a motivação; não há mais objetivo senão este: preencher a função para a qual se está criado, com máxima sabedoria e perfeição.

– Para mim – obtemperou Chilon – a evolução é infinita para todos os seres, tendo todos a mesma destinação. De outro modo haveria privilégios.

– Tome bem nota do que disse, que vou argüir-lhe. Diga-me: todos os seres têm o mesmo destino final evolutivo?

– Sim, foi o que eu disse.

– Suponhamos que o último destino de todos os seres é o homem. Neste caso todos os seres virão a tornar-se homens?

– Sim, essa conclusão se impõe.

– Um escaravelho, uma ave, um réptil, um batráquio, um peixe, tudo há de ser homens ?

– Sem dúvida.

– E as bactérias, os micróbios também?

– Também, por que não?

– Preste atenção agora; veja se discorro com ciência. As bactérias, os micróbios, são seres unicelulares. No começo da vida só havia desses seres no seio das águas, a se reproduzirem por cissiparidade. Depois estas células descobriram que a união faz a força, pelo que não se deviam mais separar as mães das filhas, e antes deviam todas formar uma coletividade ou colônia de células. Uma vez formadas as colônias, as células começaram a desenvolver funções específicas, em razão do que ficaram todas dependentes umas das outras, não mais podendo separar-se. Foi assim que surgiram os seres superiores, que são coletivismos celulares, nos quais as células tem funções específicas. Não é assim?

– Perfeitamente, mas isso sabe a materialismo.

– Materialismo por que? Se quando eu digo “célula”, tenho em vista, não aquilo que se vê no microscópio, mas o princípio espiritual, a consciência que anima, disciplina e guia aquele pouco de matéria que, unicamente por causa disso, se torna organizada?

– O senhor afirma, então, que a alma humana, com ser um coletivismo de almas celulares, não é um todo indivisível, uma como atmosfera moral, atômica, isto é, indivisível?

– Responda você por si mesmo: a célula tem alma?

– Sim, é o princípio que a anima.

– E quando uma célula se reparte em duas, reparte-se também a alma da célula mãe, para atender ao corpo da célula filha?

– Penso que, neste caso, uma alma celular, quer dizer, uma célula ainda sem corpo, reencarna-se na célula filha. A coisa se dá assim, segundo penso: uma célula desencarnada se sintoniza ou acopla a uma célula encarnada, aumentando a potência e vitalidade desta última, pelo que a obriga a repartir-se em duas.

– Logo uma esponja-do-mar, antes de ser uma colônia de células visíveis neste mundo, o é de células espirituais, e estas forçam as partes materiais a se reproduzirem até que toda a colônia tome corpo, não é assim?

– Essa é a conclusão da teoria por mim exposta.

– E considerando que todos os seres superiores tiveram sua origem nos seres coloniais, segue-se que esta regra vigora para eles também, não é certo?

– Sim, aceita a premissa, as conseqüências se impõem.

– Então, você mesmo se respondeu: a alma humana não é um bloco unitário indivisível, senão um coletivismo de consciências celulares. Sua conclusão foi dar em cima do princípio exarado em “A Grande Síntese” que diz ser toda unidade, ciclo ou princípio constituídos de partes menores, no mesmo tempo que entra na composição de unidades, ciclos ou princípios maiores. Ora, se a alma é uma unidade, há de compor-se de unidades menores. Logo, a consciência humana é o produto de todas as consciências celulares que a constituem. Portanto, quando eu digo “Eu”, esse “Eu” é uma consciência coletiva, produto de todos os coletivismos menores que me constituem. O estado celular que sou, sou-o na alma e no corpo, não é mesmo?

– Exato.

– E você disse que cada célula se torna num homem, por evolução, não foi assim?

– Sim, foi.

– Se cada célula evolui para homem, e o homem é composto de células, segue-se que cada homem sozinho tornar-se-á numa humanidade tão grande que encheria o universo. E se um homem se tornasse numa humanidade, então sua personalidade se desfaria. Mas se supusermos que a personalidade humana é indestrutível, então o homem não se tornará em humanidade, nem suas células se tornarão homens. Portanto o limite de evolução das células não é o homem.

– Bem deduzido. Mas suponhamos que só as células isoladas se tornarão homens, e não, as integradas em organismo.

– Neste caso a integração em organismos é prejudicial ao ser, por impedir-lhe a evolução. Melhor seria, então, cada um viver isoladamente, e se bastar a si mesmo, como Robinson Crusoe. E como é que alguma coisa pode evoluir, senão pela diferenciação, primeiro, e integração, depois? Se os unicelulares não se tivessem integrado em colônia, no começo, não haveria os seres pluricelulares depois. Se não tivesse havido os espongiários não existiria o homem.

– Já percebi o absurdo em que incorria. Então as células serão o que são, pelo tempo em fora. Elas não evoluem mais, porque perfeitas, isto é, porque executam suas funções com máxima perfeição.

– Neste caso podemos declarar não serem filósofos, e sim só místicos, os que dizem que nós já fomos um simples elétron, um átomo, uma molécula, considerando que esse “nós” é um coletivo, formado daquelas coisas, e que sem a coordenação e integração delas o “nós” não existiria?

– Sim, podemos declarar.

– É crível que haja místicos que afirmam que nós já fomos um cristal, uma célula, um coqueiro da praia?

– Pois há os que isso dizem.

– Anote mais no seu caderno: que fala impensadamente quem afirma ser eterna a evolução humana, do ponto de vista individual. Porque assim como as células (um espermatozóide, um óvulo, um neurônio) não evoluem, por serem perfeitos, um dia o homem será a “célula perfeita” do grande organismo coletivo, cuja evolução, conquanto também seja finita, tende para um termo incógnito, que é Deus, no seu aspecto imanente ou criacional. E também, que assim como uma célula não pode compreender o homem, jamais nós compreenderemos Deus.

– Anotei também isso.

– E se não havemos de compreender, totalmente, nem mesmo o Imanente, porque nunca chegaremos a ser o mesmo Imanente, que se dirá, ou não dirá, do Deus, no seu aspecto Transcendente ou Infinito?

– Entendido. Se uma simples célula, por não poder vir a ser homem, não o entende a este, igualmente a “célula homem”, não podendo ser o coletivo – Deus Imanente – que o integra, não o entenderá nunca.

– Logo, do mesmo modo por que as células não virão, nunca, a ser homens, estes, jamais subirão para unidades doutra espécie, como a família, a sociedade, a humanidade. A evolução do homem termina quando ele se tornar altamente diferenciado e integrado na família, esta na sociedade e esta na humanidade.

– Chilon ouviu com atenção, expondo a seguir:

– Conquanto estes argumentos sejam lógicos e bem urdidos, sinto, não é que penso, mas sinto que a evolução ou sabedoria (pois ambas se equívalem) é infinita, e ainda que eu tenha subido ao posto de serafim, terei anseios por subir mais.

– Esse sentimento decorre de duas razões: a primeira é o condicionamento intelectual que nos obriga a pensar hoje em continuidade com o que pensámos ontem; ora, ontem pensávamos que a evolução e o saber eram infinitos; hoje estamos condicionados àquele pensamento. A segunda razão é por que confundimos indeterminação temporal com eternidade. Se sofremos, cuidamos que nossa dor será para sempre; quando vivos, agimos como se nunca fôssemos morrer; quem herda bens, esbanja-os, como se eles nunca fossem acabar. Assim quem está fazendo a escalada evolutiva, tem seu ponto de referência no movimento, na transformação, decorrendo disto sua ilusão de que a evolução é eterna, e o saber, infinito. Mas vamos lá: suponhamos que a evolução é eterna e o saber, infinito conforme o seu sentir: a consequência disto é que o indivíduo estará sempre insatisfeito na sua esfera, e na sua função, desejoso por subir mais e mais, não é assim?

– É como sinto.

– Responda-me, então: esta insatisfação se manifesta como alegria, ou como tristeza?

- Como tristeza, é claro, pois se fosse alegria e gozo a insatisfação, o ser desejaria estar nela, não se saindo do lugar.
- E como a insatisfação é eterna, eterna será esta forma de sofrimento. Sua premissa nos leva a afirmar que esse sofrimento é eterno. Todavia, é axiomático que o ser foi criado para a felicidade; não é isso que você sente?
- Isso mesmo.
- Portanto a dor cessa, no ponto em que se ascende aos planos orgânicos superiores, pela integração em unidades cada vez maiores. Se, conforme o seu sentir, o ser foi criado para a felicidade, cessarão quaisquer sofrimentos, tão logo se integre o ser nos níveis superiores da existência espiritual, não é?
- É como penso.
- Por conseguinte, cessa também aquela dor específica chamada insaciedade evolutiva ?
- Sou obrigado a concluir que sim.
- Logo, a evolução e o saber são finitos; a sabedoria corresponde à função; e a evolução corresponde ao nível do ser.
- Acabei de entender, e agora aceito, definitivamente, que a evolução e o saber são finitos; cumpre ainda descobrir se todos os homens são iguais quanto ao saber.
- Penso que não, porque a evolução leva à especialização, à diferenciação, para depois operar a integração em organismo coletivo cada vez maior. O homem tem de se desenvolver em dois planos conexos: o do saber e o da virtude; o da ciência e o da moralidade. Saber e ciência significam diferenciação, especialização; virtude e moralidade querem dizer integração, amor. Ora, cada um será sábio na função, e não em tudo. Uma coisa é ser neurônio cerebral, agindo no córtex de um gênio; outra é ser célula córnea de suas unhas e cabelos.
- Mas então o mestre nega a destinação igual para todos, para afirmar a diversidade?
- Não sou eu que afirmo isso, meu caro; é a Natureza que me mostra esse quadro lógico, harmônico, belo da diversidade integrada na unidade. E assim como as células de um organismo não são idênticas, mas diferentes, também os homens diferenciar-se-ão sempre, por evolução, afastando, e nunca se chegando a um tipo único para todos. Tem pois razão Huberto Rohden ao dizer: “O fim do homem é revelar em sua existência individual – aqui ou alhures – aquele aspecto peculiar e único da divindade que só ele pode revelar plenamente. Pois, como todos os seres da natureza, e sobretudo todos os seres humanos, são originais, únicos e inéditos na sua existência, seres que nunca existiram nem jamais existirão iguais; indivíduos que não são cópias de outros anteriores, e dos quais não serão feitas cópias posteriores – segue-se que cada indivíduo e cada personalidade tem a missão peculiar de concretizar um determinado aspecto da divindade”¹⁰.
- Mas então, se não há igualdade, há injustiça da parte de Deus que faz de um filho seu um anjo maior, e de outro, um anjo menor; de um faz serafim, e de outro, apenas anjo ou arcanjo. Todos hão de ter a mesma destinação, e se o posto supremo é o seráfico, todos havemos de ser serafins um dia.
- Tanto é individuação o homem, quanto a célula; apenas, o que varia, é o nível do ser; ambos, portanto, filhos de Deus, e a ambos Deus não poderá fazer injustiças. E se o que propus é injustiça, no nível angelical, o é, igualmente, no nível biológico. Neste caso, para não haver a tal injustiça, todas as células do nosso corpo dever-se-iam tornar neurônios corticais, pois estas são serafins das células. As do tecido epitelial seriam apenas células angelicais na sociedade celular que somos. Ora, se todas as nossas células se tornassem neurônios, já se vê que seríamos uma pasta cinzenta, onde todas as células quereriam mandar, e nenhuma, obedecer. Se todo mundo ficasse querubim ou serafim, o organismo social de anjos, isto é, a sociedade perfeita, angelical, teria a configuração duma esponja-do-mar, de células indiferenciadas e independentes, e tanto que não

¹⁰ Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 2, 75

morrem se passadas por uma gaze, depois de moídas numa máquina de esmigalhar carne. Ora, a evolução mostra diferenciação e não, o inverso; logo, a sociedade angelical não poderá ser feita de indivíduos iguais, indiferenciados, independentes, onde cada um se basta a si mesmo, não precisando de integração.

– Mas a integração dar-se-ia pelo amor, obtemperou Chilon.

– Entretanto os iguais só se unem, mecanicamente, para uma ação conjunta; união orgânica só se dá entre complementares. Assim, citando Huberto Rohden (os parênteses são nossos), “A falta de individualidade resulta em monotonia (esponja-do-mar), como a individualização sem integração acabaria em caos (queda dos anjos – exilados da Capela – células cancerosas), ao passo que a individualidade aliada à integração produz harmonia” (colméia – um organismo são)¹¹. De maneira que indivíduos perfeitamente iguais não se amam, e antes se repelem porque amor é troca, é permuta, e não se vai trocar o que se tem pelo que se tem. Uma célula hepática não precisa de outra célula hepática, e para que não briguem (câncer) estão policiadas por um comando central, isto é, governadas pelas células nervosas. Se estas afrouxam a vigilância, aquelas entram em desordem.

– Quer dizer que a causa do câncer está neste afrouxamento da disciplina?

– Se minha filosofia está certa, sim. Deste modo o câncer começa no conflito psíquico da mente desorganizada e em rebelião consciente. Mas esta é a causa remota que pode, às vezes, estar até noutras existências. Todavia, mesmo a causa próxima ainda se relaciona com este afrouxamento do comando nervoso. Sempre que se afrouxa a disciplina que mantém coesos seres especializados, eles tendem a exorbitar de suas funções, para atender a interesses particulares. E quando se reforçam nestes desvios funcionais, declaram guerra aberta à função que antes exerciam. Com isto matam o organismo a que pertencem, matando-se a si mesmos, com ele, pois não poderão sobreviver isolados. Os operários especializados, não querendo trabalhar, inventam greves perpétuas; a indústria vai à falência, fecha as portas e os operários morrem de fome. Assim aconteceu com os anjos em queda; assim, com os caprinos degredados para a Terra; assim com as células cancerosas.

– Estão certas essas inferências. Mas que poderá impedir que um querubim se suba a serafim?

– A falta de motivação; a inexistência de impulsão interna para ir além; a saciedade num estado de felicidade suprema.

– Por conseguinte, todos são iguais quanto à felicidade?

– É como penso. Não posso atinar com a razão por que um neurônio cerebral possa ser mais feliz do que uma célula do pâncreas. Seres diferentes poderão sentir o mesmo gozo, a mesma alegria. E se houver gozo particular para as células nervosas, deve existir um, também, específico, para as hepáticas. E se estas não podem sentir o gozo peculiar aos neurônios, também estes não poderão possuir o gozo peculiar aos neurônios, também estes não poderão possuir o gozo das células hepáticas, ao executarem suas funções, que são muitas.

– Todavia estamos falando em felicidade, sem contudo definirmos o termo.

– Antes de entrarmos nesta parte, cumpre resolver a questão que você levantou, relativa à sabedoria do mordomo infiel. Este é que será nosso assunto, no próximo serão, e só depois estaremos livres para estudar o que é a felicidade. Precisamos, porém encerrar esta parte. A vida é longa, como já disse, porque muitas, e todas continuadas, como contas, a formar um colar. A arte é breve, porque o saber é finito, não indo além da função que se há de exercer no organismo coletivo. E como o saber infinito é inacessível, mesmo para um querubim, de nada valerá correr e ter pressa. “Saber é ser”, já o disse Huberto Rohden¹², donde vem que quanto mais se sabe, mais se é, porque mais se sobe na escala do ser. Onde a ignorância fosse total, absoluta, o ser se resolveria em nada, pois para ser é preciso agir, é preciso manifestar-se, e isto requer sabedoria, embora mínima. Não

¹¹ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 76

¹² Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 176

fosse aquela sabedoria imensa que está no átomo, ele não existiria; por isso é que ser deriva de saber, donde “saber é ser”. O que o átomo não tem é consciência dessa sabedoria que está nele, mas o homem também não tem da que está nele. Por conseguinte a sabedoria do homem deve consistir em conhecer o fim para o qual está criado, que é o ser célula dum organismo maior que o abarque, e no qual se integre. Quem faz isto é sábio e feliz; quem não o faz é ignorante e desgraçado, ainda que seja um cientista que se perdeu no pormenor, sem poder atinar com a unidade que está no geral. Einstein, não podendo definir o éter, propôs que ele fosse substituído pela palavra **espaço**. Todavia esqueceu-se de dizer o que seja espaço. Diz ele que o espaço tem a propriedade de transmitir ondas eletromagnéticas tais como a luz. Mas que são ondas eletromagnéticas? São perturbações do espaço... entendeu?

– Não.

– Nem eu. O elétron, outrora, era como um planeta que gira em torno do seu sol – o núcleo atômico. Hoje diz-se: “Um elétron que percorre a sua órbita 10^{15} vezes por segundo será que apresenta qualquer semelhança com planeta, corpo ou qualquer outra coisa? Onde está ele? A estas interrogações o modelo do átomo como sistema solar não resistiu, e nisso consiste o progresso do primeiro até o segundo modelo que, perto de 20 anos depois foi esboçado por Schroedinger, um físico vienense. O elétron que se movimenta no átomo não pode mais ser compreendido como corpo; em seu movimento ele se torna uma «onda»¹³. Por estas razões o átomo, e consequentemente sua matéria, “é uma nuvem carregada em que vibra uma neblina de energia”¹⁴. Entendeu, agora, o que seja a matéria?

– Não.

– Nem eu, “pois falar em átomo como se fosse nuvem e em energia como neblina seria tão absurdo quanto querer descrever uma melodia a um surdo, falando-lhe de animais”¹⁵. É por causa de coisas assim que em certo congresso um físico exclamou: “Procuramo-nos explicar reciprocamente algo que nós mesmos não entendemos”. Um outro sarcasticamente exclamou: “A física? É difícil demais para os físicos!”¹⁶. Se esta última assertiva de Fritz Kahn estiver correta, a física **para os homens**, está próxima do seu fim; não é que ela não vá além, em si mesma, mas o homem, por incapacidade sua, não pode mais penetrá-la. Para ir além, é preciso o homem tornar-se super-homem, não o de Nietzsche, mas o de Ubaldi.

– Contudo, o senhor disse que a física está “próxima do fim”, quando eu esperava que fosse dizer que já está no seu fim, pois não vejo como se sairão os homens desse beco sem saída.

– O que lhe parece beco sem saída, para mim é a parte de máxima descida de um ciclo que teve sua origem no espírito. Lembre-se que a física era antes metafísica ou filosofia. Ora, os físicos, com suas fórmulas e abstrações matemáticas, estão, de novo, fazendo metafísica, não é assim?

– Isso é verdade.

– E como diz Fritz Kahn: “O limite da física é atingido com a velocidade da luz, começando, então, o que está atrás da física – a metafísica”¹⁷. Concorda você com isto?

– Concordo, com um reparo.

– Qual?

– É que metafísica quer dizer “depois da física”, e não, “atrás da física” como diz Fritz Kahn.

¹³ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 50 - 52

¹⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 52

¹⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 52

¹⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 76

¹⁷ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 117

– Isto reforça minha verdade de que a coisa se dá em ciclo. O antes e o depois estão no mesmo lugar, para quem vai, circularmente, de um ponto para o mesmo ponto. Está certo?

– Agora entendi. Concordo que os físicos, com desmaterializar a matéria e espiritualizar a energia, através de fórmulas, pensamentos puros, princípios, leis, mais do que nunca, se estão dirigindo para “depois da física”, para “além da física”; e como foi de aí que partiram todas as ciências, com terem sido antes filosofia ou metafísica, segue-se que elas, e não somente a física, tornarão a um ponto correspondente ao de partida, nas voltas da espiral. E como a metafísica ou filosofia antiga saiu da teologia (estado teológico de Augusto Comte), segue-se que essa metafísica moderna, a dos físicos nucleares, rumará para a teologia de novo. Eis como e por que a ciência se há de tornar religião, segundo Pietro Ubaldi, e antes disto, metafísica, como afirma Fritz Kahn.

– Muito bem Chilon! Então como bem você deduziu, o fim da física será quando os físicos descobrirem que atrás da energia, a guiá-la, está o Espírito. Deste modo a ciência está fadada a tornar-se religião; quando isto acontecer, o homem de ciência, altamente diferenciado como é, estará integrado nas formações sociais superiores, forçando a paz e a harmonia entre as nações, ao invés de, como agora, com seus inventos, criar a desordem, a guerra, o caos.

– Protesto contra isso! Não é a ciência que, com seu labor, cria estas coisas, e sim os políticos ambiciosos de poder, de fama, de glória, e os financistas gananciosos de riquezas!

– Conquanto não sejam os cientistas os responsáveis diretos pelas guerras, são eles os que criam e sustentam a mentalidade materialista em que os políticos e os financistas se forjam e se sustentam. Com a descoberta do Espírito imortal atrás de tudo, nas profundezas das coisas, os políticos e os financistas tremerão, sobretudo quando pretenderem acionar a imprensa, o rádio a televisão e o cinema, para a criação dos heróis que são a sementeira das guerras. Os heróis são a matéria prima das guerras que os estadistas e financistas manipulam por meio de todas as técnicas de propaganda; a par disto, pelos mesmos meios, criam uma sensação coletiva de expectativa e insegurança, e isto com o nome inocente de “esclarecimento da opinião pública”. Estes tais, em todas as nações, querem a paz, sempre a quiseram, contanto que ela não prejudique a expansão econômica, primeiro, e política, depois, num imperialismo que tende a avassalar o mundo todo. E como expansão não se faz sem lutas, pois é preciso vencer as resistências, as guerras aí estão, e não terão fim, enquanto o materialismo egoísta não se transmutar em espiritualismo colaboracionista.

E após uma pausa, rematou o mestre:

– E por hoje basta, meu caro, que a noite já vai alta.

V – A sabedoria do mordomo infiel

Nunca se sentira Chilon tão bem em toda a sua vida, como nesses dias de quietude, de abandono, e de árdua perquirição filosófica. Nada como o rio, o mar, o sol, o ar, as belezas naturais, a ingenuidade da gente simples, sem dinheiro e sem afetação pedantona. O almoço e o jantar de Anidra estiveram supimpas. Camarões ensopados com arroz, esse, o melhor regalo dos presentes. Que vida maravilhosa é essa, longe dos aventureiros gananciosos de dinheiro, e dos ambiciosos, ávidos de honrarias e de glória! Cananéia, Iguape, Ilha Comprida, esta com suas dez léguas de comprimento, com um rio a cortá-la em quase todo o comprimento... quem diria que nesta zona litorânea havia mata espessa e caça de pêlo? Iguape já teve os seus dias de fastígio, sendo, agora, senão cidade decadente, pelo menos estacionária. Igualmente Cananéia é histórica; foi o lugar onde Martim Afonso aportou, em 1531, encontrando já uma população de mestiços e de castelhanos. Depois destes comentários em que todos tomavam parte, disse Árago, resoluto, para Chilon:

– Deixemos de suspiros e de história; tudo isso é belo por causa da filosofia. Ponha-se a viver como um caiçara ou capuava, e todos esses suspiros morrer-lhe-ão no peito.

– Sim, é certo que sem ela a vida, ainda que nos mais belos lugares, ser-nos-ia insípida, monótona e destituída de finalidade. É por isso que já dizia Machado de Assis que a beleza da paisagem está no espírito que a observa.

– Nosso assunto, para hoje, é a parábola do mordomo infiel não é?

– É esse; a menos que o senhor queira ver aqueloutro, o que é a felicidade, visto ser isto coisa que todos buscam, e poucos sabem o que seja.

– Estudemos hoje o ponto do Evangelho. Conte-me você como está no texto.

– Conta Cristo de um despenseiro que dissipava os haveres que lhe confiara o amo. Sabendo este disto, chama o mordomo e lhe diz: já não poderás ser meu administrador, visto que dissipas os meus bens. Então discorreu o mordomo consigo: já que se me vai tirar a administração, hei de granjear, com ela, amigos, para que quando eu não tiver mais nada, esses meus amigos me recebam em suas casas. Pensando assim, chamou a um que devia a seu amo cem medidas de azeite,

e lhe disse: toma depressa tua conta, e assenta só cinqüenta. A um outro que devia cem alqueires de trigo, reduziu a dívida para oitenta. A isso diz Cristo que o senhor daqueles bens louvou o procedimento prudente do injusto mordomo, acrescentando que os filhos deste mundo são mais sábios para com suas gerações do que os filhos da luz; e prosseguindo, disse: granjeai amigos com as riquezas injustas, para que, quando estas vos faltarem, tenhais quem vos recebam.

– Que é riqueza justa, Chilon?

– Penso ser aquela que se ganha com o próprio esforço, pelo trabalho honesto.

– E aquela que se ganha sem o próprio esforço, é justa?

– Não, essa é injusta.

– Logo, os bens herdados são injustos?

– Sim, visto que seu portador não fez nada para os merecer. E é por isso que tais bens se dissipam facilmente.

– E quem é o supremo distribuidor, dono primeiro de todos os bens, e que a uns faz ricos, e a outros, pobres?

– Deus, quem outro havia de ser?

– Você respondeu bem. A parábola não pode referir-se a senhores humanos, que se isto fosse, não haveria elogio para a ação prudente do mordomo, em cancelar parte das dívidas de terceiros. Se a mordomia se perdia por dissipação de bens alheios, como poderia salvar-se, se o despenseiro perdoava parte das dívidas, alterando a escrituração? Se este último ato mereceu elogio, segue-se que aquele senhor e amo não era homem, senão Deus.

– Bem deduzido – replicou Chilon.

– Cristo – prosseguiu Árago – não podia referir-se a bens roubados através das infindas artimanhas da exploração, pela qual se pede sempre o máximo de esforço em troca de mínima paga. Quem granjeia riquezas por este meio, que é como faz a maioria, não vai considerar-se depositário de bens divinos; ao contrário, cuidará que o dinheiro lhe pertence por inteiro, pelo que não se sentirá impelido a amenizar a dor de ninguém, que isto é cancelar parte da dívida. Quem se enriqueceu com defraudar o próximo, como há, depois, de ter entranhas para se doer da miséria alheia?

– Isso tudo está claro como um dia de sol – disse Chilon.

– Então, se todos os bens vêm de Deus mediatamente, que só ele é rico de verdade, qualquer riqueza da Terra não é mais do que mordomo das riquezas confiadas por Deus.

– Exatamente.

– E só os bens de herança ou roubados se esbanjam, porque os adquiridos pelo trabalho e com o suor próprio ficam segurados pelo amor que lhes tem quem os possui. Quem for pobre e desprendido jamais se enriquecerá, e ainda mais, pelo trabalho honesto e esforço próprio, quase sempre mal pagos. Sem sementes não há plantio, e não terá o que plantar quem receber só o que comer.

– Está certo isso.

– Logo, os bens daquele despenseiro infiel eram herdados; e ele os esbanjava, por cuidar-se dono deles, como ocorre com todos os ricos do mundo. Mas ele, em boa hora, chamado às contas pela consciência, onde fala a voz de Deus que é o supremo senhor de tudo, caiu em si, e viu que sua sorte era a de ficar pobre, pois isto merecia. Diga-me se estou indo bem com a exegese do texto, descobrindo nele o que não está explícito, mas só implícito.

– Continue, continue!

– Então o mordomo, querendo granjear amigos, não os foi buscar entre os demais ricos, e sabe por que?

– Não o saberei nunca, se mo não disser.

– Porque todos os ricos também são outros tantos despenseiros desonestos, esbanjadores de bens injustamente adquiridos, e que, por isso mesmo, serão os pobres de amanhã.

– Ora, que lanzudo que eu sou! pois isso está quase explícito...

– Portanto o despenseiro – prosseguiu o mestre – em vez de buscar a amizade dos ricos de hoje, que é como todos fazem, que serão os pobres de amanhã, buscou, ao invés disso, a amizade dos pobres de hoje, que, provavelmente, serão os ricos do futuro.

– Mas por que “provavelmente”? Acaso isso não é lei? – interrogou Chilon.

– Não. Haja vista o meu caso. Não quero nem riqueza, nem poder, e sim, somente, sabedoria. Deste modo sou pobre hoje, e o serei daqui a um milênio. Quando estiver para me reencarnar outra vez, fugirei dos lares ricos, buscando um lar pobre, honesto e de bem dotados, quanto aos gens hereditários.

– Está bem – confirmou Chilon – continue...

– E como é que se busca a amizade dos pobres e endividados para com Deus, senão pelo suavizar-lhes as penas?

– Não há outro meio de se comprar a gratidão do pobre, e sua amizade, prezado mestre.

– Atenção agora para o que lhe vou dizer: se qualquer homem rico chamar um pobre, e lhe perguntar: qual é a sua dívida para com o seu senhor? ou: quanto deve você a seu senhor? Tanto que diga isto, ouvirá se lastimar o pobre das suas doenças, dos seus infortúnios, das sua misérias. Dirá um: – Ah! meu bom homem! a minha dívida consiste em andar eu tossindo e escarrando sangue, por causa desta tuberculose que esburaca os meus pulmões. Isto é o mesmo que dizer: – devo cem coros de trigo. E o mordomo dos bens, isto é, o homem rico, terá de dizer: – toma a tua conta, e escreve oitenta. Quer dizer: – põe-te num sanatório, às minhas expensas, manda arrancar seis costelas, imobilizando um dos pulmões para sempre. Depois volta para os teus de peito afundado, mas são. Isto é reduzir a dívida de cem, para oitenta, não é?

– Bravo! mestre, continue!...

– A um outro ele perguntará: – quanto deve você a seu senhor? E a resposta virá logo: – Devo o estar morféctico, apodrecendo em vida, desprezado dos meus, buscado pelos cães vadios que de longe me sentem o fedor. Isto é como se dissesse: – Devo cem dados de azeite. – Toma, pois, a sua escrita e assenta cinqüenta. Quer isso dizer: – Recolhe-se no leprosário, faz seu tratamento com o promanid (promin), inteiramente às minhas custas. Volta depois para os teus, sem dedos, sem nariz e sem orelhas, porém curado, que isto é ter sua conta reduzida da metade.

– Estou suspenso pelo êxtase que me causam esses acertos tão certos!... continue mestre.

– E agora fale Cristo, e suas palavras serão como que a continuação desse desenvolvimento exegético: – “Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos” (Lucas, 16, 9).

– Saio do meu êxtase, comentou Chilon, por causa duma dúvida que me assaltou neste instante.

– Que dúvida é essa? Chilon.

– É que Cristo disse: – “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”; logo, há coisas de César e coisas de Deus. Mas tudo é de Deus. César não passa de um administrador, visto que nada tem de seu, porquanto tudo proveio de Deus. E São Paulo diz que toda autoridade vem de Deus (Rom 13, 1), donde concluo que César não passa de despenseiro, seja de autoridade, seja de bens divinos. Como então vem Cristo dizer que as coisas de César são umas, e as de Deus, outras?

– Grande é, Chilon, o aperto com que você me afligiu, enquanto falava; todavia, com citar São Paulo, me aliviou o arrocho. Viva São Paulo que declarou ter vindo tudo de Deus. Agora entendo que tudo vem de Deus mediatamente, isto é, remotamente. Todavia de modo imediato ou próximo, tudo não veio de Deus, porque se isto fosse, o mal, a miséria e a fraqueza procederiam também Dele. Ora, é certo que César era um abusador dos bens divinos, como o feitor ímprobo da parábola. Mas os abusões não vêm de Deus, senão de César. Logo há coisas de César, e há coisas de Deus. De outro modo responda-me o que vou-lhe perguntar:

– Quando foi que Cristo falou da existência de coisas de César e de coisas de Deus?

– Foi quando os fariseus o quiseram apertar com a proposição de que se devia ou não pagar tributo a César. Se Cristo dissesse: – não, *não se deve pagar* tributo a César; então estaria contra César. Se dissesse: – sim, *se deve pagar* tributo a César; opor-se-ia à pátria onerada pelo estrangeiro.

– E como fez Cristo para sair-se desse dilema? – interrogou o mestre.

– Pediu uma moeda do tributo – continuou Chilon – e lha deram sem demora. Tendo Cristo olhado a efígie da moeda, perguntou de quem ela era, ao que lhe responderam ser de César. E aí foi que Cristo sentenciou que se desse a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

– Pronto! – esclareceu Árago. – Está desfeita sua dúvida!

– Não percebo como! – tornou Chilon.

– Pois está claro que se a moeda do tributo pertencesse a Deus, proximamente, teria nela a imagem de Deus e não a de César Augusto. O sistema econômico, estaria baseado em Deus, e não no homem corrupto e corruptor. Deus deu a riqueza, a fartura, e César, cuidando que tudo fosse seu, cunhou, com sua efígie, a moeda do tributo. O resultado foi que Cristo, separando o vil do nobre, mandou se desse o seu a seu dono. Deste modo, a riqueza continua sendo de Deus, porém a moeda que a representa, é de César. Sem a riqueza de Deus, a moeda nada vale. Que valor poderá ter todo o ouro cunhado com a efígie de César, se faltar o sol, a chuva, a generosidade da terra? Como é que Deus dá e tira valor à moeda de César, senão dando e negando aquilo que é seu? O homem néscio troca Deus pelo dinheiro, quando, na verdade, este nada vale, se o mesmo Deus não o validar. Qualquer dinheiro é um cheque cujo valor está somente no abono ou endosso que Deus quiser dar com as riquezas. Por isso quem se apega a Deus, está junto da fonte de todos os bens, e é por isso que Cristo manda imitarmos as aves dos céus e os lírios dos campos que nem semeiam nem tem celeiros. É que, ou Deus nos ampara por estarmos pegados a ele, ou estaremos perdidos, irremediavelmente, embora tenhamos todo o dinheiro de César metido nos bancos, em nosso nome. E se Deus não quiser invalidar a moeda, criando uma crise geral, com lhe cortar o suprimento de riqueza, basta ferir o avarento de peste, de câncer, de morte, e tudo o que ele pensa possuir se resolve em nada.

– Certo, certíssimo – vibrou Chilon de alegria. – Jamais vi tanta beleza de concatenação lógica, de tal modo conclusiva, que até parece um desenvolvimento matemático.

– Logo – prosseguiu o mestre – se falei com acerto, é néscio todo aquele que desconfiar de Deus, para crer nos próprios recursos e nos de César.

– Exatamente – exclamou Chilon.

– Pela recíproca, é sábio todo aquele que duvida do valor do dinheiro de César, evitando as artimanhas e desonestidade que certamente o fariam rico no mundo, porém, pobre no céu.

– Perfeitamente – confirmou Chilon.

– Então – tornou Árago – é sabedoria confiar-se o homem a Deus, arriscando-se a ficar pobre no mundo, por causa de levar a sério o Evangelho de Cristo.

– Sim, esta é a verdade irrefragável – disse Chilon.

– Por conseguinte – prosseguiu o mestre – a sabedoria do administrador infiel consistiu em descobrir que a herança recebida não era sua, senão “in nomini”, porque verdadeiramente pertencia a Deus ao qual teria de prestar contas um dia. Perdoando dívidas assegurou a função de despenseiro, pois não se destitui do cargo aquele a quem se elogia e tem por sábio, não é assim? Chilon.

– Conclusão exata.

– Então bastou ao mordomo reconhecer o seu lugar – rematou o mestre – para que a mordomia não se perdesse; donde vem que todos os ricos e poderosos do mundo perdem tudo o que cuidam ter, por não reconhecerem seu lugar. Nisto só está a necessidade dos ricos, e a sabedoria do mordomo infiel.

– Quer agora, Chilon, examinemos a psicologia do homem néscio, rico ou pobre, que constitui a mediocridade sempre ávida por enriquecer-se?

– Se quero! que faço eu aqui senão discorrer convosco sobre o que é certo, belo e bom? Falai mestre que quero gozar o enlevo que me causa vossa sabedoria.

– Eu, diz o homem néscio ou medíocre, que é a maioria, creio em Deus, porque isto é coisa aqui da minha cabeça (superconsciente). Mas meu coração (subconsciente) duvida das suas palavras, e por isso se ele me manda olhar os lírios do campo e as aves dos céus, prefiro mais olhar a seara encurvada ao peso dos cachos, e os porcos gordos nos chiqueiros. Certamente como anjo eu deveria plantar um jardim; mas o diabo aqui me faz sentir que devo plantar uma horta, e vence o diabo e não o anjo. É certo que Deus me diz que devo me entregar aos seus cuidados; mas meus instintos multimilenários me põem cuidadoso do amanhã; não posso viver sem a preocupação do que me pode suceder no futuro. Os que põem em Deus os seus cuidados, que são os santos, os gênios e os heróis, não raro acabam na miséria. Como se livram eles das doenças? Como se houve Chopin com sua tuberculose? Schumann, com sua loucura? Beethoven com sua surdez? Mozart, com sua miséria e desprezo?

– Deus me manda me descanse nele dos cuidados, mas isto é traça de inimigo que me quer pegar desprevenido. Se não me preocupo com o dia de amanhã, e ajudo os outros, ficarei pobre; e quando me sobrevier alguma moléstia, ou os males que atormentam a velhice? quem me atenderá? Ao menos se ajuntar dinheiro estarei prevenido contra até o mesmo Deus, visto que ele não me poderá afligir. Quando ele me quiser atingir com alguma desgraça, calço-o no dinheiro. As doenças e padecimentos, diz-me, aqui, meu superconsciente, que são para me burilar a alma; porquanto as doenças e as dores são remédios de Deus com que, no corpo, se curam os males da alma; mas eu não os quero tomar. Ora, suposto que as dores são remédios de Deus, com dinheiro compro o remédio com que curo as dores. Contra, pois, os remédios de Deus, aplico eu o remédio do dinheiro, visto que, com este, me livro da dor; logo, me livro até do mesmo Deus se tenho dinheiro à mão. Com um remédio se vence outro, e o mais poderoso deles é o dinheiro. Estando eu, pois, estribado no dinheiro, nem Deus me poderá afligir, porque me defendo dele.

– Contudo, apesar de ser esta a verdade em que creio por instinto, diz-me este que devo ter o cuidado de não externar meus sentimentos, e antes, que os devo disfarçar, parecendo muito amigo de Deus e religioso. Devo ter sempre presente que o “interesse fala todas as línguas e desempenha todos os papéis, mesmo o de desinteressado”¹⁸. Deus é inimigo terrível que me pode aniquilar, apesar do dinheiro, em razão do que me devo resguardar dele duplamente, ou seja: primeiro, tratando-o bem, isto é, tenho uma religião de aparências; e segundo, guardando o dinheiro, pois mesmo tratando-o bem, pode desconfiar de mim, e me mandar alguma desgraça a qual, apesar de me dizerem que é um bem, eu a agradeço, e a deixo, de bom grado, aos tolos que gostam de cantar loas à dor.

– E assim eu vou consolando os outros, com lhes dizer que a dor é um bem (abençoada dor! exclamarei, entre suspiros!), e por isso devem aceitá-la senão com alegria, ao menos com resignação. Afinal de contas isto é muito fácil, porquanto “todos nós temos bastante forças para suportar os males dos outros”¹⁹. Mas eu, pela minha parte, guardo o meu dinheiro para me safar dos males próprios, visto que não vou nessa conversa com que engazopo os tolos.

– Além do mais, enquanto prego que a doença e a dor são remédios aplicados no corpo, para a cura da alma, me desobrigo de ter de dar o meu dinheiro para o doente curar-se, porque está patente que isto seria impedir-lhe a cura da alma. O meu dinheiro deve me por a coberto da correção divina, porém meu amor pelo próximo, que o mesmo Deus me manda ter, não deve ir ao ponto de curar o mal alheio, ou seja, de proteger os estranhos com meu dinheiro. Quem ficar doente e não tiver vintém, que se apegue com Deus em quem creu. Ou então que dê com os costados nos hospitais, nas enfermarias gratuitas, e ainda vá servir de cobaia nas experiências de estudantes de medicina, ou nas de médicos chucros, feitos a machado, ou à força do ouro dos papais ricos. Ele não

¹⁸ La Rochefoucauld, Clássicos Jackson, XII, 146

¹⁹ La Rochefoucauld, Clássicos Jackson, XII, 145

esperou de Deus? Que o valha Deus agora! É velho e sem tostão? pois vá para os asilos, e se dê por muito feliz de os haver. Que fez durante a primavera e outono da vida? cantava, como a cigarra? Cuidou do que não rendia ganho? levou a sério o visionário do Gólgota? fez como as aves dos céus e como os lírios dos campos? Que “cante então e dance agora”, que enquanto quis ser cigarra, eu fui formiga, e Deus parece estar mais do lado do providente que amontoa, do que do desprendido que se fia dele.

– Contra a ultra-economia do não ter, porque dá o que tem, e fica pobre, própria dos santos e dos gênios, eu oponho a minha infra-economia da mediocridade humana do ter porque não dá. Qualquer besta de carga pode estar carregada de ouro, enquanto que os gênios sempre foram e hão de ser pobres. Aqui na Terra, os que dão o que têm, a pedir vêm, e sabido foi o moço rico do Evangelho, que duvidou do tesouro que Cristo lhe prometeu no céu, para só crer no que já tinha nas unhas. “Pasero kaptita estas pli bone ol aglo kaptota” quer dizer: um pardal preso é muito melhor do que uma águia solta; ou, mais vale uma pomba na mão que mil voando.

– O prático, gorducho e baixo Sancho Pança de Cervantes é o mais sábio deste mundo, embora o idealista e magricela D. Quixote o seja do outro. Erro foi e crasso de Sancho, o andar atrás de D. Quixote que tomava por reais as fantasias da sua imaginação, e todas as coisas do Evangelho são umas quixotadas, que já vão para quase dois mil anos.

– Sancho Pança na sua simpleza era o mais sábios dos homens e por isso aconselhava que “com cimento se pode levantar um bom edifício, e o melhor cimento do mundo é o dinheiro”²⁰. “Só há duas linguagem no mundo (diz ele), como dizia minha avó, que são ter e não ter, e ela ao ter se apegava”²¹. E diz mais que “um burro carregado de ouro sobe ligeiro um monte; que dádivas quebrantam penhas; que mais vale um toma que dois te darei”²². Que “as tolices dos ricos passam por sentenças no mundo”²³; que “o ofício que não dá de comer a quem o tem não vale dois caracóis”²⁴; que “ande eu quente e ria-se a gente”²⁵; que “quando te derem a vaca vem logo com a corda”²⁶; que “o abade janta do que canta”²⁷; que “lágrimas com pão, passageiros são”²⁸. E por aí prossegue a sabedoria do Sancho, mostrando ser superior à de seu senhor cavaleiro andante, do qual, em má hora, se fez escudeiro.

– Esta amaríssima realidade foi experimentada por Antônio Vieira que escreveu: “Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos e préstimos para tudo; quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada”²⁹.

– Esta é a minha vida (continua a mediocridade), e nisto se fundamentam minhas obras, se bem que minha boca fale do que tenho cheia a cabeça, isto é, de sonhos quixotescos e quimeras evangélicas. A mim me convém que os homens creiam em quixotadas, como creu Sancho, seguindo seu senhor, pois se os homens se fizerem desprendidos, o que duvido muito, terei menos concorrentes.

– Tal é, Chilon, a vida do homem comum, ou seja, da grande maioria que vive a bater nos peitos e a dizer Senhor! Senhor!

– Quer, agora, que lhe dê a fórmula de um dos sete sábios da Grécia, pela qual se aferirá os homens?

– Dê-me, meu amigo Árago, que vou registrá-la, para meu uso.

²⁰ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 127

²¹ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 132

²² Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 232

²³ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 270

²⁴ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 293

²⁵ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 322

²⁶ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 322

²⁷ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 391

²⁸ Cervantes, Clássicos Jackson, IX, 351

²⁹ Vieira, Sermões, 9, 189 – Ed. das Américas

– “Quilon, um dos sete sábios da Grécia, dizia que, assim como a pedra de toque prova o ouro e a prata, assim o ouro e a prata são a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem são os homens? Tentai-os com ouro e prata”³⁰.

– Mas agora, como é tarde, vamo-nos para a cama.

VI – Quem era a esposa de Caim?

³⁰ Vieira, Sermões, 7, 198 – Ed. das Américas

– Agora, caro Chilon, abordaremos aqueles pontos bíblicos que você me propôs estudarmos no começo destes discursos. Conforme já verificamos, pelos relatos de Emmanuel, Adão não é nome de homem mas de povo. Adão representa a primeira leva de espíritos degredados do orbe do sistema planetário da Capela, não é assim?

– Foi o que estudamos – replicou Chilon.

– Esses espíritos – prosseguiu Árago – em relação aos terrícolas nomeados filhos dos homens, com justiça, poder-se-iam chamar filhos de Deus. Por que?

– Porque, conforme já estudamos, respondeu Chilon, trata-se de espíritos evoluídos intelectualmente, altamente diferenciados, individuados, agora metidos no seio da massa amorfa de iguais, que é como haviam de ser os terrícolas de então, ainda destituídos de personalidade inconfundível.

– Mas se os adâmicos eram já altamente diferenciados, marcados, como você diz, por personalidade inconfundível; por que foram exilados do orbe do sistema capelino? – questionou Árago.

– Porque eram diferenciados, porém não integrados – respondeu Chilon. – E a diferenciação (ciência, técnica, especialização), sem a necessária integração (amor, consciência coletiva, cooperativismo) é caos. Porque perturbassem estes espíritos a ordem dos integrados em organismos coletivos, por isso precisaram ser alijados para planetas inferiores, onde seriam inevitavelmente grandes mestres. E como saíam dum plano alto para um baixo, por isso eram como que expulsos de um jardim paradisíaco. A causa desta expulsão foi a diferenciação sem a integração. Ora, a diferenciação se dá pelo intelecto. Isto significa que a inteligência deve ser fator de unificação, e não de separação; quer dizer, deve ser fator de bem, e não de mal. Esta inteligência está simbolizada na árvore da ciência do bem e do mal, plantada no meio do jardim, cujos frutos deveriam saciar o espírito, que isto é bem, e não nutrir o corpo, que é mal. E como Adão quis usar em proveito próprio, exclusivo, individual, egoístico, aquilo que era patrimônio coletivo, por isso, conquanto estivesse diferenciado, provou não estar integrado. O resultado inexorável foi o exílio para a Terra.

– Aprovado no exame! – Exclamou Árago.

– Se o mestre me permite, gostaria de discorrer sobre o que se chama vínculo de integração, representado pela árvore da vida, que é o mesmo que árvore do amor, ou árvore da cruz. A coisa é que, prezado Árago, muita coisa tenho descoberto por mim mesmo, à força de lucubrar, quando passeamos por estas praias, ou vamos às nossas pescarias.

– Permitir isso que você pede Chilon, seria desviar do assunto. Tenha paciência: o filósofo não deve perder nunca o espírito de unidade. A regra dele é a mesma do Universo; unidade na variedade; a constante na variação. Esta é a beleza que o filósofo deve cultivar com esmero.

– Seja então como o mestre deseja, que aqui me acho para aprender que não para ensinar.

– Antes de entrarmos no assunto a que nos propusemos discorrer, diga-me tudo o que sabe a respeito de Adão. Refiro-me a só o que pensa a gente culta; não tem valor nenhum as idéias correntes para uso dos ignorantes. Mostre mais uma vez sua bela erudição – tornou Árago.

– Grato pela gentileza do elogio. O que sei é só o que anda nos livros sacros, e nas exegeses destes. Diz Almeida Junior, em sua “Biologia Educacional”, página 21 e 22: “O critério da Igreja sobre tais questões está fixado na Encíclica «Providentissimus Deus» de Leão XIII (18 de novembro de 1893), e nas respostas da Comissão Bíblica, nas quais se estabelece que o «Gêneses175» não teve o propósito de ensinar cientificamente a constituição íntima das coisas visíveis e a ordem completa da criação, mas apenas dar um relato popular, de conformidade com a linguagem comum dos seus contemporâneos, pelo que é lícito, ressalvada a criação divina, interpretar o processo de tal criação segundo os resultados da ciência”.

– Na obra “Ciência e Fé na História dos Primórdios”, de D. Estêvão Betthencourt O.S.B., 2ª edição, obra que tem o “imprimatur” da Igreja, quer dizer, que expressa o pensamento desta, na

página 80, está o seguinte: “No texto hebraico nota-se um jogo de palavras muito fino: do solo ou da «adamah» é tirado um ser chamado «adam», homem. Para a mentalidade primitiva, as relações entre palavras são relações entre os seres designados; se, pois, o homem deve viver sobre a terra (adamah) , cultivar a terra e se tornar um dia poeira da terra (...) , é lógico que se chame «Adam»”. Mais:

– Não seria mesmo descabido dizer que a expressão “argila da terra” pode significar as substâncias químicas que entram na composição de um corpo vivo; este, de fato, consta de elementos que se acham no solo; além do que, depois da morte, desfaz-se em poeira, e, durante a vida, nutre-se de alimentos tirados da terra; é, pois, num sentido popular, terra ou argila”. (op. cit. 82).

– Falando da Lei de Adão, diz a nota do pé da página 140, Vol. III, da Bíblia Sagrada do Ano Santo de 1950 – Ed. das Américas: “Lei de Adão – isto é, lei de homem, porque o nome *adam* do original não é nome próprio. O homem vive pouco tempo, mas perpetua-se na sua posteridade” .

– Vieira, há trezentos anos, afirmou que “Edom e Adão é o mesmo, porque um e outro nome tem o mesmo significado”³¹. E assim explica Vieira, porque o Profeta disse, referindo-se a Cristo: “Quem é este que vem de Edom, com o vestido tinto em Bozra?”³². Ora, Edom é “outro nome para Esaú e seus descendentes”³³, e quer dizer “vermelho” (pequeno Dicionário Bíblico). Adão quer dizer “roxo, homem da terra” (Pequeno Dicionário Bíblico).

– Adão é roxo, é vermelho, é feito de terra, é homem da terra. Mas que *seja um homem*, não é o pensamento da Igreja. Todavia toda esta documentação é desnecessária, porque o próprio texto bíblico diz: “E criou Deus o homem à sua imagem: fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea”³⁴. Sendo Adão o Homem, e não, *um homem*, teria de ser macho e fêmea, pois não poderia haver humanidade (Homem) sem mulher.

– É o bastante – interrompeu Árago. – Pelo visto o pensamento da Igreja coincide com o de Emmanuel, no que diz respeito a não ser Adão um homem, e sim, povo. E não há povo que não se constitua de homens e mulheres. Ora, se Adão é povo, Eva quem é? Quem são Caim, Abel, Seth? Serão povos também, isto é, levas sucessivas de espíritos degradados? Se Eva é falange de espíritos, logo não é mulher de Adão...

– Já nem sei o que dizer – tornou Chilon – porque minha cabeça anda à roda. Continue sozinho, mestre, que já não sei o que pensar.

– Agarre-se a mim, que esta não é a primeira dificuldade que levanto. Peguemos da Bíblia, e façamos a exegese do texto.

– Aqui está ela. Vamos desconsiderar os títulos postos depois. Cuidando que Eva era mulher, e Adão, homem, os tradutores puseram os títulos: “Como Deus criou a mulher”, quando devera ser *como Deus criou Eva*. Noutro lugar diz: “Tentação de Eva e queda do homem”, em vez de: *tentação da mulher e queda do homem*. Mas isto são títulos postos depois, os quais desconsideramos, para termos presente somente o texto que eles encabeçam. Você irá lendo o texto bíblico, na íntegra, e eu vou repetindo a mesma coisa, noutra forma mental, usando os conhecimentos vistos atrás – propôs Árago.

– Eia pois, que já tenho aberta a Bíblia, da tradução portuguesa do Pe. João Ferreira de Almeida. Aqui está: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente”³⁵.

³¹ Vieira, Sermões, 12, 103 - Ed. das Américas

³² Is 63 – 1

³³ Gên 25, 30

³⁴ Gên 1, 27

³⁵ Gên 2, 7

– Isto quer dizer – repetiu o mestre: – a vida, no orbe planetário capelino, chegara, por evolução, até o homem. O homem é a síntese da evolução biológica, pelo que só poderia aparecer depois de ter aparecido tudo o que se acha abaixo dele sobre que se apóia.

– “E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente”³⁶ – prosseguiu Chilon.

– A força divina – continuou o filósofo – imanente em todas as coisas, impulsionou o homem capelino a modelar a face escura e feia do planeta do sistema da Cabra, tornando-o num jardim. Eis a história da vida que, tendo progredido por toda a escala biológica, se continuou na história da civilização.

– “E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida: e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal”³⁷.

– Entre todas as árvores frutíferas e plantas comestíveis – prosseguiu o mestre – que sustentam a vida física, do corpo, existia a simbólica árvore do amor, que é vida, e a árvore da ciência do bem e do mal, que é a razão, a inteligência. Enquanto as primeiras eram para sustento do corpo, as duas últimas eram para nutrir o espírito com amor e sabedoria, que tais são o seu pão.

– “E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”³⁸.

– De todas as árvores do jardim comerá livremente – comentou Árago – para sustento de sua vida física; porém a árvore da razão será para o seu crescimento espiritual, e não para se encher de bens materiais, criando só comodidades, pois, com isto, se tornará avarento e ambicioso: avarento de riquezas e ambicioso de poder, de mando, ocasionando sua morte espiritual que é a queda irreversível para níveis inferiores. A morte é uma ausência; e se morrer para os planos felizes, você estará ausente deles, por tempo indefinido.

– “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele”³⁹.

– No versículo 27 do capítulo anterior – explicou o mestre – está escrito que Deus criou o homem macho e fêmea; logo, Adão, com ser povo, já era constituído de homens e de mulheres. Mas a humanidade, o homem, ainda estava sem guias que estivessem “como diante dele”, como “adjutor”. Quer dizer que o homem capelino, feito do limo da terra, que subiu a escala zoológica até este ponto, não tinha recebido, ainda, no seu seio, os grandes mestres do espírito que, por representarem o sentimento, o amor, a abnegação, encarnavam a figura feminina de Eva, pois, como já dizia Victor Hugo, “o homem é a inteligência, e a mulher, o coração”. É por isso que Eva nasceu do flanco do homem, que não do barro vil, isto é, nasceu no seio da humanidade primitiva capelina, que não, da evolução zoológica.

– Correram-se os milênios – prosseguiu o mestre – a humanidade capelina cresceu; e como acontece com a humanidade terrestre dos nossos dias, os mestres do sentimento (Eva) foram postos de lado. O fastígio gerou o ócio. E o demônio começou a sugestionar a mulher, arrastando sua mente instável para todos os deleites da matéria. E como a mulher é a suprema inspiradora do homem, esta o levou ao mau uso da inteligência, não só produzindo comodidades, como também o luxo. Assim foi que nasceram o orgulho, a ganância, a ambição, o despotismo, os imperialismos, as guerras fratricidas, o caos, e, finalmente, a seleção de valores e a expulsão dos piores para orbes inferiores. Agora, então, é que vai ter início o juízo final no orbe da Capela.

³⁶ Gên 2, 8

³⁷ Gên 2, 9

³⁸ Gên 2, 16 - 17

³⁹ Gên 2, 18

- “E ele (Adão) disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me”⁴⁰.
- Ouvi a voz sua falar pela boca dos mestres, tornou Árago, dos mentores, dos profetas, e temi, porque estava nu de boas obras, pelo uso egoístico que fiz da minha inteligência.
- “E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore que te ordenei não comesses?”.
- Sim – continuou Árago – abusei das forças da inteligência, da razão, seguindo a sugestão da minha contra-metade – a mulher...
- “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dores terás filhos, e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”⁴¹.
- Isto quer dizer – prosseguiu o filósofo: – não será você, ó mulher, a folgazona deste jardim capelino, mas serás arremessada a orbes inferiores com aquele ao qual você inspirou ao mau uso da razão. E ele a dominará, e você o servirá!
- “E à Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que ordenei, dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá, e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; etc.”⁴².
- Isto é o complemento da parte que coube à mulher – continuou o mestre – que foi a causa motora da perdição e morte do homem.
- “E chamou Adão o nome de sua mulher, Eva; porquanto ela era a mãe de todos os viventes”⁴³.
- Se até agora temos visto que Adão é povo – esclareceu o mestre – composto, portanto, de homens e mulheres, que se deve entender por **mulher de um povo?** Que quer dizer **mulher da humanidade?** Esta Eva é mãe de todos os viventes? Logo é mãe do mesmo Adão, pois este é vivente?...
- Se Eva, como diz Vieira⁴⁴, “quer dizer vida”, ou “mãe de todos os viventes”, como lhe chama o texto, segue-se que ela não foi a que fez perder-se Adão. Pelo contrário ela será a sua salvadora, por representar a leva de guias espirituais que se quiseram desterrar, por amor, com Adão, para a Terra. Eis porque Eva é “mãe de todos os viventes”, visto como, sem ela, que representa o princípio do amor, seria impossível a vida; ela é “adjutora”, para que estivesse como que “diante do homem” a conduzi-lo. Em oposição a isto, a mulher, inspiradora do mal, causadora da queda e da morte, será escrava, terá filhos com dores, etc. Não é isto, Chilon?
- Aqui está o busílis... – replicou preocupado Chilon! – porque o texto diz muito claramente: “E chamou Adão o nome de sua mulher, Eva; porquanto ela era a mãe de todos os viventes”. Nada pois de escapatórias, prezado Árago. Deixai-me gozar vosso aperto. Até que enfim pude ver um filósofo em apuros, e isso, dentro do seu próprio elemento.
- Não há apuros nenhuns – respondeu Árago – nem escapatórias. O raciocínio retilíneo, cortante como a navalha, seguindo seu curso natural, deu nesta dificuldade; que é que sofre com isto; o raciocínio, ou a dificuldade? Um filósofo emprega a lógica e a dialética, como o astrônomo e o matemático, o cálculo.
- Quando o astrônomo Bessel verificou discrepâncias entre seus cálculos e a estrela Sírius, não duvidou dos cálculos, e sim, da estrela.
- Como pode ser isso? – interrogou Chilon.

⁴⁰ Gên. 3, 10

⁴¹ Gên 3, 16

⁴² Gên 3, 17 a 19

⁴³ Gên 3, 20

⁴⁴ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 13, 234

– É que, caro Chilon, “um astrônomo reage como Hegel que, certa vez, ao apartear-lo um ouvinte com: “Os seus dados não conferem com os fatos”, respondeu: – “Tanto pior para os fatos”. Quando aparecem desacordos entre o cálculo e Sírius, o culpado só pode ser Sírius. Bessel explicou: “Sírius se movimenta “erradamente”, porque possui um satélite que o rodeia e conforme sua posição, puxa-o ora para frente, ora para trás ou para o lado”⁴⁵. Tal, exatamente, foi o que se verificou, mais tarde, após a morte de Bessel, quando os astrônomos dispuseram de telescópios mais possantes. Sírius é um sistema duplo em que giram dois corpos, um luminoso e outro escuro, em torno de um centro de gravidade comum.

– De igual modo, se o raciocínio peremptório se choca com o texto, pior para o texto. Adão, sendo a humanidade, não podia ter mulher; ele era, em si, macho e fêmea. Se Eva representasse a parte feminina da humanidade, então ela dever-se-ia chamar morte e não vida, mãe de todos os mortos sepultados na escuridão e na dor deste mundo, quando ainda primitivo, pois “o salário do pecado é a morte”⁴⁶. Porém se Eva é a mesma vida, como diz Vieira, ou a mãe de todos os viventes, como lhe chama o texto, então devia ser amada de Adão como guia, e tanto que era a “adjutora” que havia de estar diante de Adão, isto é, da humanidade, no passo que a mulher, como contraparte feminina, era para ter dores, trabalhos, na mais completa servidão. Esta é a conclusão inexorável do raciocínio lógico. Por isso o texto tem de ser lido assim: “E chamou Adão o nome de sua adjutora, Eva; porquanto ela é a mãe de todos os viventes”.

– Sim, e está bem deduzido – concluiu Chilon. – Quer dizer, então, que Adão foi a primeira leva de espíritos degredados para a Terra, Caim, a segunda, Abel, a terceira, e Seth, a última. Eva constitui os guias espirituais que estiveram de parte, reencarnando-se de tempos a tempos, de livre e espontânea vontade, em caráter missionário e sacrificial. Que aconteceu depois?

– Aconteceu que os caínicos lavradores, com serem espíritos violentos, feitos para a guerra, massacraram os abélicos pastores, sem espírito de violência, porém dominados por outras paixões, esclareceu Árago.

– Em consequência disto, Caim passou a ouvir a voz do remorso, que lhe falava no profundo da consciência, como voz de Deus a lhe perguntar: Caim, que fizeste do teu irmão? Esta voz o fustigava, fazendo-o fugitivo sobre a face da Terra, e pai duma grande geração.

– E quem era, então – tornou Chilon – a mulher de Caim?

– Ora – replicou o mestre – sendo Caim povo, neste já se incluíam homens e mulheres. Todavia, em relação aos filhos da Terra, eles se chamavam filhos de Deus. E como já vimos o ponto que diz que os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres, podemos concluir que, depois da guerra fratricida dos caínicos lavradores, contra os abélicos pastores, aqueles se retiraram levando as mulheres terrícolas com as quais se ligaram pelos laços do sangue. Logo, a mulher de Caim eram as filhas dos homens.

⁴⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I 88 - 89

⁴⁶ Rom 6, 23

VII – Cristianismo ou Mosaísmo?!

– Hoje, prezado Árago – falou Chilon – eu desejaria que o prezado mestre fizesse um paralelo entre mosaísmo e cristianismo. Se é que está disposto a falar sobre este assunto, pode discorrer que sou todo ouvidos.

– Você me ajudará, então, fazer isto – tornou o mestre – respondendo-me o que lhe vou perguntando.

– Diga-me, para começar – interrogou o mestre – que quer dizer religião?

– Vejamos o que diz aqui o dicionário “Petit Larousse Illustré”, que tenho à mão: RELIGION n.f. (lat *religio*; de *re* préf., et *ligare* *liar*); quer dizer que religião (do lat. *religio*, derivado de *religare*, onde *re* significa tornar, e *ligare*, ligar) é um sentimento de respeito, de acatamento, para com um Ser Essencial e Supremo do qual tudo derivou, e para o qual tudo retorna agora por evolução. Religião seria a tornada ou volta para Deus, ou religamento com Ele. O fim da religião é religar a criatura com o Criador. E como Deus é Espírito, e religião, o ato de ir para Deus, vale dizer que religião é ato de ir para o Espírito, ou seja, espiritualizar-se, moralizar-se, tornar-se bom.

– Respondeu bem – tornou Árago. – Mas você disse que religião é espiritualização; ora, evolução também é espiritualização, ou nega isto?

– Não o nego; afirmo-o: evolução é espiritualização, pois ela nos mostra um crescendo para um complexo cada vez mais refinado, até que surge, no pináculo, como uma apoteose, a inteligência condoreira do gênio, a vontade diamantina do herói e do mártir, a sensibilidade hiperaguçada do artista e a bondade do santo.

– Logo, religião e evolução se equivalem, não é? – perguntou o mestre.

– Sim, de modo amplo, sim...

– Atenção para mais isto – prosseguiu o filósofo: – você disse que religião é ato de religar; ora, religar quer dizer ligar de novo; portanto, estava ligado antes, de onde se desligou depois, para

que agora possa religar. Se você disse que evolução é a volta para Deus, o que volta é porque saiu antes, e agora retorna; não é assim?

– A etimologia da palavra religião diz isso; – confirmou Chilon – e também o afirma o sentido da evolução; e nisto estão concordes todas as religiões da Terra.

– Bem. Deixemos estas acrologias para outra oportunidade – prosseguiu o mestre. – Diga-me, agora, de acordo com a definição que deu, qual é a melhor religião da Terra?

– Essa pergunta caber-me-ia a mim fazer-lhe, visto como a não sei responder.

– Responda-me, e terá a resposta por si mesmo – afirmou Árago. – Você não disse que religião é religamento? que é volta para Deus? que é a mesma evolução, quando esta penetra o plano espiritual? Se evolução é espiritualização, qual é a melhor religião?

– Agora entendi – tornou Chilon. – A melhor religião é aquela que mais e melhor espiritualiza.

– E você havia me proposto estudarmos o mosaísmo ao lado do cristianismo. Qual pois das duas religiões é a melhor? isto é; qual a que mais espiritualiza o homem? – perguntou Árago.

– Ora, ora prezado Árago! essa é pergunta que se faça? É peremptório, mais que axiomático, que a melhor religião é o cristianismo, e antes que me pergunte, dou o porque! Como poderá ser boa uma religião, como o mosaísmo, que não fala nunca na sobrevivência da alma, nem nas penas e recompensas futuras?

– Calma, Chilon! Esse seu açodamento não se recomenda a um filósofo! Reflita comigo: quem fundou o mosaísmo foi Moisés. E Moisés foi criado e educado por Termutis, provavelmente, filha do faraó Seti I, pai de Ramsés II. Segundo o relato obtido através de pesquisas arqueológicas, o povo de Israel esteve no Egito durante a dominação dos semitas hicsos, que eram rei pastores. A escravidão hebréia deu-se no período que vai de 1.555 a 1.090, a.C., nas dinastias que vão de XI a XX. O “rei que não conhecia a José” (Êx. 1, 8) era Ramsés II, da XVIII dinastia. Aqui começou a escravidão hebréia, e a história de Moisés salvo das águas e educado por Termutis que era irmã do faraó Ramsés II, filhos ambos de Seti I, como já ficou dito. O salvamento das águas, se não foi uma repetição, é cópia do fato ocorrido com o rei Sargão I (2.360 a.C.), conforme o referem os cuneiformes neobabilônicos. Mas que Moisés, sendo hebreu, foi criado e educado por egípcios, isso é um fato que não só demonstra sua cultura superior, como ainda, seu próprio nome Mâose, que é egípcio e não hebreu.

– Ora, sendo Moisés valido da princesa, tinha todas as regalias, e por isso teve por mestres todos os sábios e magos do vale do Nilo. Não parece a você que é assim? – perguntou o mestre.

– A mim me parece que assim é – confirmou Chilon – e sendo Moisés um gênio, assimilou tudo o que havia nos templos, que eram as academias da época. E mais que isto:

– Segundo Silvio Gesell, Moisés teria até conhecido a pólvora com seu sogro Getro, e tanto que fazia saltar as rodas aos carros egípcios; reduziu a nada o bando sedicioso de Datã, Coré e Abirão; produziu colunas de fumo, de dia, e de fogo, de noite; com este recurso possibilitou a Josué derribar as muralhas de Jericó, fazendo crer, para honra de Jeová, que tudo eram forças de toques de cornetas. Com este fogo foram fulminados os dois filhos de Arão, quando sem as devidas regras e precauções, foram oferecer incenso a Jeová (Lev 10, 1 a 2). Até as Tábuas da Lei foram “recebidas” por entre tiros de ronqueiras e de fumaças no cimo do monte, de onde Moisés tornava meio chamuscado, sendo preciso cobrir-se com uma carapuça (Êx 34, 29 a 35). No Êxodo, capítulo 30, versículos 23 a 38, existe nada menos do que uma receita de explosivos; é por isso que acrescenta: “O homem que fizer tal como este para cheirar, será extirpado do seu povo” (vers. 33 e 38); pudera... pois explodia !

– Louvo-lhe a erudição, Chilon. Continuemos: nessas academias, como você diz, existiam os hieróglifos referentes a Akhenaton o qual, segundo Charles F. Potter, foi “o primeiro pacifista, o príncipe realista, o primeiro monoteísta, o primeiro democrata, o primeiro herege, o primeiro

internacionalista, o primeiro humanista e a primeira pessoa que tentou fundar uma religião”⁴⁷. Este Akhenaton fracassou no seu intento, por falta de habilidade psicológica. Sua religião não era para bárbaros, e ele estava no meio de selvagens. Não lhe cabe na cabeça que Moisés copiou de Akhenaton o seu Deus, e Jeová é o mesmo Aton barbarizado para uso de selvagens e escravos? Se você afirmou que Moisés era gênio e não papalvo, havia ele de ter considerado a causa por que fracassou Akhenaton. Que lhe parece?

– A mim me parece tudo isso tão claro como o Sol – respondeu Chilon.

– E lá nos templos, é possível que Moisés não tenha posto os olhos no “Livro dos Mortos”, e noutros livros mais? – perguntou o filósofo.

– É impossível que os não tivesse manuseado – tornou Chilon; é certo que os leu, pois sua “Arca do Concerto”, portadora das “Tábuas da Lei”, é cópia da “Arca de Amon” de Tebas, que copiara, por sua vez, a dos Sumerinos e a de Zoroastro. Também deste copiou “a lenda da criação do homem no estado de inocência, – sua tentação pela serpente *Thiamat*, dragão do mar, – a queda de Adamu, isto é, homem negro oposto à virtude de Sarka homem claro, etc.”⁴⁸. Daqui saiu a criação em sete períodos, o homem feito de barro por um “Deus oleiro” etc.⁴⁹. O diabo cristão é criação zoroastrina, e até a tentação de Cristo no deserto pelo diabo, é paródia do que sucedeu com Zoroastro. A ressurreição dos judeus e os conceitos platônicos relativos à sobrevivência e transmigração das almas, são, igualmente, empréstimos tomados ao zoroastrismo. Cristianismo e zoroastrismo são tão conexos, que, segundo Charles Potter, “se a um cristão se perguntasse qual o grande líder religioso, nascido, segundo as escrituras, de uma virgem, salvo na infância, de inimigo poderoso e ciumento, que confundiu sábios com sua jovem sagacidade, começara a pregar aos trinta anos, fora tentado pelo diabo no deserto, livrara os possuídos do demônio, curara um cego, realizara muitos outros milagres durante sua campanha, e ensinara existir um Deus supremo de luz, verdade e bondade – ele responderia logo, provavelmente, “Jesus Cristo. Pelo menos, é o que ensina a Bíblia”. “Feita esta mesma pergunta a um Parse, ele daria a seguinte resposta, com igual rapidez – Zoroastro, pois, assim nô-lo descreve a Zend-Avesta”⁵⁰. Esta analogia existe, não só em relação a Zoroastro, senão também em relação a Osíris egípcio⁵¹. É por isso que Dupuis não crê na existência de Jesus como personalidade histórica; para ele Cristo é a personificação, a humanização de um mito solar⁵². Apela A. Leterre, todavia, para a carta que Publius Lucius teria escrito a Tibério, imperador de Roma⁵³. Esta mesma carta saiu impressa na revista “Vamos Ler”, de 22/07/1943, pág. 16, com o título: “A Verdadeira Face de Jesus”. Só que aqui, em vez de Publius Lucius é Publius Lentulo. Contudo, o mesmo Publio Lentulo, que é o Emmanuel do “Há Dois Mil Anos”, nada disto fala no seu romance autobiográfico, psicografado por Francisco Cândido Xavier. E não há, até agora, nenhum documento arqueológico e histórico que prove a passagem de Cristo pela Terra.

– Quanto ao “Sudário de Turim”, que A. Leterre descreve em sua obra “Jesus e Sua Doutrina” páginas 528 a 530, e que também foi estudado na revista “O Cruzeiro”, de 23/03/60, páginas 110 a 114, quanto a este suposto sudário de Cristo diz Werner Keller em “E a Bíblia Tinha Razão”, pág. 319: “Falta ainda, contudo, responder a esta pergunta: de quem foi o corpo envolto nesse sudário e quando foi que isso aconteceu?” E ...

– Cale-se, Chilon! Contenha seu ímpeto destrutivo! Você se assemelha a um cachorrinho que tudo quer rasgar nos dentes, como dissera Platão, dos que se iniciam muito jovens em filosofia.

⁴⁷ História das Religiões, 15

⁴⁸ A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 60

⁴⁹ A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 60

⁵⁰ História das Religiões, 97

⁵¹ A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 225

⁵² A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 91 e 281

⁵³ A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 91

– Se duvida da existência do Cristo histórico – prosseguiu o mestre – guarde para você mesmo suas dúvidas, porque aí daquele que quebrar o encanto da lira de Orfeu que tem feito dançar as multidões. Se os homens comuns, que não filósofos, duvidarem do Cristo, regridirão, por certo, ao reino das bestas mais ferozes e danosas. Sejam construtivos... Tenha mão sobre si mesmo, e considere o que diz Emmanuel no prefácio de “Nosso Lar” de André Luiz, quando afirma: “Os que colhem as espigas maduras, não devem ofender os que plantam à distância, nem perturbar a lavoura verde, ainda em flor”. Mande gravar isto, em letras grandes e douradas, como mote, diante da sua mesa de estudos. Considere, enquanto é tempo, que seus arrasamentos e destruições da Bíblia e do Evangelho, arruinarão, sem remédio, “a lavoura verde, ainda em flor” dos que se iniciam nas coisas da religião... Além disso, usando o método da extrapolação, eu posso provar a você que o Cristo histórico existiu, como encarnação do Cristo cósmico, que, pelo mesmo método, provo que existe...

– Que diabo de método é esse, que não conheço? prove então essa verdade !

– Calma Chilon! Esse não é o nosso assunto... Responda-me: a idéia da reencarnação, e, conseqüentemente, da sobrevivência da alma, existe nos documentos egípcios?

– Sim – falou Chilon – e fale A. Leterre: “A crença na ressurreição dos mortos, era do domínio da religião egípcia, de onde o embalsamamento de corpos”⁵⁴. E conforme os relatos de Platão, no seu “Timóteo”, o arquipélago formador da chamada Atlântida, submergiu nos mares ali pelo ano 9.600 a. C. A civilização dos atlantes, antes da submersão do arquipélago, irradiou-se para todos os pontos, que eram relativamente próximos, pois os continentes que flutuam no magma, como icebergues, não se tinham afastado tanto como hoje. Essa é a causa de as culturas dos Maias, Incas e Astecas americanos serem como a dos primeiros tempos da Babilônia, da Etrúria pré-romana e dos Acácios pré-helênicos, e ainda dos Micenos e Cretenses eurásicos, e Mouros norte-africanos. E “todos esses povos oravam em templos solares, orientados astronomicamente, utilizavam calendários do mesmo tipo básico, *embalsamavam os seus mortos*, usavam emblemas como asas de falção”⁵⁵.

– Pus em destaque “*embalsamavam os seus mortos*”, para reforçar a tese de que não era só no Egito que se faziam embalsamamentos, e por onde andou Moisés, colheu, de todos os povos, esta informação. Quando os arquitetos de túmulos trouxeram a Quéops, o maior dos faraós antigos, as maquetes de uma construção, em argila, altamente complicadas pelos labirintos, o rei, apontando para suas fabulosas riquezas amontoadas num canto, disse: – De túmulos iguais a esses eu tirei essas riquezas. Eis, pois, que não era só no Egito que se preservavam corpos, e os enchiam de riquezas, para que as almas não passassem privações nenhuma na outra vida(!...).

– Logo – prosseguiu o filósofo – por que não fundou Moisés sua religião nesta revelação? Por que não disse que a alma sobrevive à morte corporal?

– Agora já não sei o que dizer, prezado Mestre.

– A coisa está, caro Chilon, que Moisés verificou que a idéia da sobrevivência da alma, com o seu corolário prêmio-castigo, é completamente inútil, quando se trata de seres primitivos. Como as crianças, eles só respondem bem ao estímulo dos prêmios-castigos a curto-prazo, próximos, imediatos.

– Como pode demonstrar isso?! – perguntou Chilon.

– Demonstro-o com duas autoridades distantes do Nilo, pois não preciso de me referir aos abusos dos egípcios, para provar que sua fé na imortalidade não tinha valor religioso, isto é, moralizante, espiritualizador. Além destas autoridades, farei o estudo dos fatos atuais.

– Em primeiro lugar tem a palavra Emmanuel que diz: “nenhum povo da Terra tem mais conhecimentos acerca da reencarnação, do que o hindú, ciente dessa verdade sagrada, desde os

⁵⁴ A. Leterre, Jesus e sua Doutrina, 224

⁵⁵ Fritz Kahan, O Livro da Natureza, I, 236

primórdios da sua organização neste mundo”⁵⁶. No entanto é lá na Índia, precisamente, que existe o rajá e o pária. Sabe você o que seja um rajá e um pária? Chilon!

– Sei.

– E conquanto os rajás saibam que vão ser párias noutras existências – prosseguiu Árago – que vão voltar “às mesmas estradas que transitaram sobre o dorso dos elefantes ajaezados de pedrarias, como os mendigos desventurados, resgatando o pretérito em avatares de amargas provações expiatórias”⁵⁷, nem por isso se tornam mais morigerados. E agora mesmo neste nosso Brasil, repare como os espíritas ricos não se querem tornar pobres, ainda que seja para terem um tesouro no céu⁵⁸, e antes, tocam a enriquecer-se mais e mais, do mesmo modo que os orgulhosos, vaidosos e violentos, nada fazem por se corrigir, apesar de Cristo ter declarado que dos humildes é o reino dos céus⁵⁹, e que os mansos herdarão a Terra⁶⁰.

– Vejamos agora o oposto de tudo isto pela pena do incréu Voltaire, que é a segunda autoridade atrás referida: “Os judeus, muito embora não ensinassem as leis de Moisés nenhuma vida por vir, não ameaçassem castigos depois da morte, não ensinassem aos primeiros judeus a imortalidade da alma, os judeus, longe de ser ateus, longe de contar subtrair-se à justiça divina, foram os mais religiosos dos homens. Não somente criam na existência de um Deus eterno, como acreditavam constantemente em sua presença. Temiam ser castigados nas pessoas de si mesmos, da mulher, dos filhos, na posteridade, até a quarta geração. E este freio era poderosíssimo”⁶¹. E acrescenta Voltaire, a este propósito, noutra parte: “Inútil discutir quanto aos sentimentos secretos de Moisés”⁶².

– Você Chilon, quer agora que examinemos a vida e as obras de alguns dos que se dizem crentes da sobrevivência da alma, e que esperam prêmios e castigos “post mortem”?

– Sim – concordou Chilon. – Melhor até nos seria estudarmos os procedimentos e a vida daqueles que, além de crentes das coisas atrás relacionadas, são professores da reencarnação e da comunicação dos espíritos. Estes tem mais obrigação que os outros de serem comedidos, pois nas sessões práticas do Espiritismo assistem ao espetáculo vivo do que sucede aos maus e aos bons, e nas ruas de todas as cidades encontram mendigos, aleijados e loucos, os quais dizem ter sido os grandes, os poderosos e os abusadores de outrora.

– E se algum desses – prosseguiu o filósofo – moídos pelas verdades que dissermos, nos xingar de idiotas, de tolos, de ingênuos, de infantis, de ignorantes, que faremos?

– Daremos de ombros – tornou Chilon – como se nada nos tivesse acontecido!

– E se o sujeito nos xingar a nós de safados, de salafrários, como me aconteceu xingar-me disto o Sr. Blénio Trivelino? Salafrário quer dizer safardana, desprezível, abjeto, ordinário, patife, e tudo isto doeu-me muito, pois ainda sou orgulhoso e não tão sem-vergonha assim que me fique rindo ao ser insultado. Será que devo fazer de conta que sou mesmo um desbriado, um canalha, Chilon? ou devo sair a campo a fazer panegírico de minha pessoa, declarando nele as minhas virtudes, visto que meus detratores tomaram à sua conta só falar dos meus defeitos?

– O melhor é deixá-los xingar – opinou Chilon – escumar de raiva e endoidecer, como o Senhor já o fez com o Lúdio e com o Trivelino! O Senhor já não disse viver fora desta nossa época de loucuras e desmandos? Pois fique fora do espaço e do tempo, e nada o atingirá! Que se doam os corrigidos, por causa da correção, que isso pouco se lhe há de dar!

⁵⁶ A Caminho da Luz, pág. 49-50

⁵⁷ A Caminho da Luz, pág. 49

⁵⁸ Mat 19, 21

⁵⁹ Mat 5, 3

⁶⁰ Mat 5, 5

⁶¹ Dicionário Filosófico, 44 – Atena Editora

⁶² Dicionário Filosófico, 19 – Atena Editora

– Ligue seu gravador magnético e solte a fita em que está gravada aquela auto-sugestão que diz:

“Árago, repouse em paz, em seu sono profundo... Esqueça tudo... abandone-se como o mumificado que a música de fundo (*)⁶³ sugere... Esqueça seus opositores... Eles não existem, e ainda que existissem, nada poderiam contra você, pois não lograriam penetrar nesta cidadela em que somente você habita isolado... A solidão lhe é suave, e doce o abandono a que você se entrega... Faça de conta que você é outra pessoa que não si mesmo... e é contra essa outra pessoa que se enfurecem seus detratores... Ao acordar deste sono bom, não se lembrará nem mesmo de que tem opositores, quanto mais do que vozeiam eles... A cidadela que você erigiu, é inexpugnável, e a ela só você tem acesso... Durma Árago... durma etc.”

– Bom conselho é o seu, Chilon! Melhor me é mesmo estar eu morto que vivo, em relação aos homens da Terra. Nada poderão contra mim os Trivelinos, os Lúdios, os Biberões, os Macários, os Pingargos, os Pangolins, os Górgones e os Fungões, porque estarei protegido por esta lousa que me cobre a campa, e na qual se lê: “Requiescat in pace”. Eis que morri antes de morrer, com ter metido tempo, como aconselha Vieira, entre a vida e a morte. “Lucílio meu, diz Sêneca, escrevendo de Roma a Sicília (...), considera com atenção o que agora te direi, e toma um conselho que te dou como mestre e como amigo. Se queres morrer seguro, e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte”⁶⁴. “Eu já acabei com o mundo, o mundo já acabou para mim; que importa que se acabe para os outros? Lá se avenham com os seus trabalhos, pois vivem, que eu já acabei a vida”⁶⁵.

– Fale-me, pois debaixo dessa pedra – tornou Chilon – e anotarei tudo o que disser.

– Então tome nota – prosseguiu o filósofo – na imprensa espírita (que das outras nem vale a pena falar) é comum as polêmicas se degenerarem em desabafos agressivos, tempestades emocionais, violentas, descaridasas, pelo que me fico a perguntar: de que vale a crença na reencarnação e na comunicação dos mortos, se fica menosprezada a moralidade do Evangelho que declara sem rebuços: “Se a vossa justiça não exceder à dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”.⁶⁶

– Quem quer que escreva um livrinho medíocre, sem originalidade nenhuma e sem estilo, água rala na forma, e no fundo, pura compilação de idéias doutros livros, fica, depois a clamar pela crítica que não vem; mas aí daquele que não elogiar o seu autor, que não disser que ele é um talento, um gênio. Basta criticar as idéias, e já seu autor, pessoalmente ofendido, se sai a defender-se com duas pedras nas mãos, e sem caridade nenhuma xinga o crítico de tolo, de ingênuo, de ignorante, e até de safado e salafrário xinga; há de se lhe aturar os desaforos, ficando o crítico num dilema: ou descer ao nível do escrevinhadeiro, ou lhe fazer ouvidos de mercador. Não se pode criticar idéias nenhuma sem receber, em resposta, algumas grosserias de seus autores ou simpatizantes; e estes mesmos são os que vivem a repetir, como papagaios, que “*fora da caridade não há salvação*”, que a “*vida prossegue depois da morte*”, que o “*espírito se reencarna para evoluir*”, etc. Mas decerto não acreditam a nada destas coisas, porque mostram o mais incrível desamor na linguagem desabrida e descortês que usam, cheias de sarcasmos e humilhações em relação a quem são dirigidas.

– Deste modo, Chilon, fica evidente que não tem valor nenhum religioso, isto é, de religar com Deus, a ciência da reencarnação e a esperança da promessa de prêmios e castigos depois da morte.

– Quer que eu pare aqui, agora, meu amigo, ou devo continuar?

– Continue, continue! – pediu Chilon – que sua lição a mim me é dirigida, que não a outros!

⁶³ (*) Música do filme “O Egípcio” de Mika Waltari. Produção em Cinemascope da “20 th Century Fox”.

⁶⁴ Vieira, Sermões, 2, 227 – Ed. das Américas

⁶⁵ Vieira, Sermões, 2, 262 – Ed. das Américas

⁶⁶ Mat 5, 20

– Então – prosseguiu o mestre – vá anotando somente o que mais convém; não me suceda que alguns se saiam contra mim, vencendo-me, de vez, por meio de xingos, que esta tem sido a melhor maneira de argumentar, de provar uma verdade irrefragavelmente.

– Fique quedo aí debaixo da lousa tumular – continuou Chilon – pois já lhe considero morto; prometo-lhe não trazer coisa nenhuma da crítica, seja boa ou seja má, que ambas, alegria e tristeza, perturbam a placidez do espírito contemplativo da verdade. Continue, portanto, peço-lhe!

– Continuemos então, eu a lhe falar, e você a me ouvir:

– Dentre os espíritas há os que fazem panegírico das obras em detrimento da santificação; fazem paralelos entre pecadores, porém praticantes de obras filantrópicas, mas que continuam escravos de seus vícios e do pecado, com santos, sem vícios nenhuns, senhores de si mesmos, porém inativos quanto à filantropia. Feito o paralelo, colocam os viciados, isto é, os pecadores nos céus, ninfados de luzes divinas, no passo que os santos são infernados, nas penumbras e sombras dos planos baixos. A moral de tais fábulas é que, entre ser pecador com obras sociais, e santo, sem elas, é preferível ser pecador que santo, como se pecado não fosse a vitória da animalidade sobre o espírito, e a santidade, às avessas, a vitória do espírito sobre as baixas e grosseiras impulsões biológicas.

– Na parábola dos dois filhos, o pródigo, e o não, fazem a excelência recair sobre o pródigo, e pecador, e doido pastor de porcos, em vez de sobre aquele filho que não caiu, ao qual chamam egoísta. E vá a gente citar nomes...

– O conteúdo dos espíritas não difere do conteúdo dos católicos e protestantes, havendo-os, em todas as seitas, bons e maus. Dentre os espíritas há alguns tão intolerantes que, paradoxalmente, tomam por tema o falar da intolerância doutras religiões que praticaram barbaridades no passado, única e exclusivamente, por serem formadas de involuídos. O que vale é a substância dos homens que integram um grupo social, e não o nome pomposo que se dêm. Uma sociedade de santos e de gênios será boa, honesta, benfazeja, tenha o nome que tiver, e não adianta os homens-lobos se darem o nome de benfeitores da humanidade; por isso é erro crasso criticar uma idéia pela ação e vida dos homens que fazem dela uma bandeira, e nada mais que uma bandeira.

– Com os tais que fizeram do Espiritismo apenas uma bandeira a mais, não se pode ter uma alteração proveitosa, para esclarecer coisa nenhuma, porque, se saem a campo, há de ser para lutar e vencer. Desse jeito as discussões (que poderiam ser como as da matemática, quando estuda uma fórmula) se resolvem em polêmicas azedas, numa pura conquista de vitórias. Como o que se buscam são vitórias, e não a verdade, xingar dá resultado, porque o opositor, se é nobre, abandona a liça, enojado, deixando os louros para o politiqueiro. Eis aí, Chilon, como se prova uma verdade de maneira irrefutável! E o público que acompanha essas pelejas, nem sempre evoluído, dá razão ao asno que melhor souber escoicear. Aqui está como procedem alguns daqueles mesmos que se dizem crentes da sobrevivência da alma, e das recompensas e punições futuras, quer sejam eles católicos, ou protestantes, ou espíritas. Onde é que está, então, Chilon, a religião dessa gente?

– Não há dúvida nenhuma que a religião dessa gente é só rótulo periférico – confirmou Chilon – e não conteúdo de vida, como é bem que fosse. Se, como diz Kardec, e os espíritas papagueiam, **“fora da caridade não há salvação”**, então é certo que ninguém se salva, porque sendo a caridade amor, ninguém há que o tenha. Todos se iludem com a filantropia, conquanto São Paulo tenha dito, definindo bem o termo, que **poderia distribuir todos os seus bens para sustento dos pobres, e contudo se não tivesse CARIDADE nada seria** ⁶⁷; logo, caridade é mais que a só filantropia com a qual todos se iludem.

– Fica-se a polemizar sobre se o que salva é a fé ou são as obras, quando Cristo deixou explícito que nem só a fé salva, porque ela pode existir sem obras, conquanto morta, como refere

⁶⁷ I Cor 13 1 a 8

Tiago, nem só as obras salvam, visto poderem existir sem fé, como são as obras assistenciais do materialismo (justiça social); mas o que salva de estar nesta miserável Terra, indo a gente para planos e planetas superiores, é o amor, este sim, incapaz de existir sem obras. Não poderá dormir tranqüila a mãe que tem o filho doente, e é seu amor que a faz já insone, já solícita, já operosa ao lado do berço. E este mesmo amor divino que impele à ação a mãe humana, existe na leoa que defende os seus cachorros. Tal o amor, e só por isso salva!...

– Bravo, Chilon! Você ganhou mais um tento!... Esse é o amor que Cristo pregou e exemplificou em todos os passos da sua vida. Todavia os religiosos atrás descritos ainda precisariam estar sob o guante do Terror. Eles só conhecem uma lógica, a da força. Isto foi precisamente o que enxergou o gênio de Moisés, pelo que criou o seu Jeová segundo as necessidades de selvagens. Por isso o Deus de Moisés havia de ser um Deus de força, e não um Deus de amor; um Deus que age na hora por uma providência extraordinária, e não a longo prazo, como é o Deus-Lei que promete penas e recompensas futuras.

– Vendo Moisés, portanto – prosseguiu o filósofo – a estupidez dos egípcios (haja vista as pirâmides que são túmulos, uma das quais feita por cem mil escravos misérrimos, no espaço de vinte anos!...) vendo, pois, Moisés, tamanha estupidez, não só nos demais povos, conquanto pessoalmente acreditasse na sobrevivência da alma, e até em sua transmigração por corpos diferentes, silenciou esta verdade, porque extemporânea, para fundar sua religião na providência extraordinária de um Deus que estava invisível, mas presente.

– Que Moisés cria na sobrevivência da alma o declarou o próprio Cristo⁶⁸, quando concluiu que Deus não é Deus de mortos (Abraão, Isaque e Jacó), mas de vivos; não só aqui, mas também no segundo mandamento do Decálogo, onde está que Deus vinga a iniquidade dos pais nos filhos NA terceira e quarta geração como o expressa a Bíblia em Esperanto; fora estes dois pontos há todos aqueles passos em que Moisés faz proibições de se consultar os mortos. Se há proibições de se consultar os mortos, é porque eles não só estão vivos, senão que também se podem comunicar com os encarnados.

– Todavia não enxergava Moisés proveito nenhum nesta comunicação com os mortos, como muito pouco ainda é o que vemos hoje, a julgar pelos que continuam sendo exatamente como são, apesar das provas peremptórias que têm nas aparições de mortos das sessões práticas do Espiritismo.

– Conheço um médico que assistiu, de perto ao espetáculo apresentado por um desses comedores de vidros, giletes, pregos, anzóis, etc. E o homem comeu tudo isto, de fato; não houve truques nenhuns, porque a coisa foi bem fiscalizada para evitar fraudes. Terminada a sessão o médico foi abordado por um curioso que lhe perguntou:

– "Como é, Doutor, o homem comeu ou não comeu os cacos de vidro?"

– "Sim" – respondeu o médico.

– "Então – torna o curioso – amanhã ele estará morto?"

– "Não – retrucou o médico – como já não morreu doutras vezes! Contudo ignoro o que sucede, e que fenômeno é esse. Até mandei o comedor engolir uma moeda na frente do meu radioscópio, e vi que a moeda se sumiu na altura do esôfago!"...

Um espírita que escutava a conversa, tomando parte nela diz:

– "Isso se chama fenômeno de efeitos físicos, e são os mesmos pelos quais se dão as chamadas operações espirituais, em que os espíritos retiram, por exemplo, pedras do fígado e dos rins, balas ou estilhaços de granadas do corpo".

– Mas o médico que era um bêbado, jogador e prostibulário, tal continuou sendo, apesar da maravilha que observou. É que ele não possuía espírito filosófico, nem científico, conquanto

⁶⁸ Luc 20, 37 a 38

ocupasse a posição de um cientista no mundo. O seu “papai” que era rico o quis médico, e só por isso era médico...

– Moisés, Chilon, com ser um gênio, havia de ter presente a verdade inexorável, infelizmente ainda atual, que não nos honra nada, descoberta numa tabuinha de argila cozida, desenterrada pelos arqueólogos nas ruínas da Babilônia; nessa tabuinha estava escrito: “Olha em volta e vê que todos os homens são estúpidos!”⁶⁹.

– Se hoje ainda os homens são assim que se dirá dos do tempo de Moisés? É por isso que funcionou melhor aquele sistema, o de Moisés, do que este, o da crença na imortalidade da alma, com o corolário de penas e recompensas futuras. Ora, se a finalidade da religião, conforme sua própria definição, é religar a criatura com o Criador, a melhor religião, qual é, Chilon?

– A resposta está implícita na pergunta: é a que melhor religa, isto é, desbarbariza e civiliza o homem.

– E qual desses dois sistemas básicos é o melhor? – inquiriu o filósofo! – o que promete prêmios e castigos póstumos, ou o que promete para já, providências extraordinárias de um Deus que age sem tardanças?

– O sistema melhor – respondeu Chilon – é esse no qual não há delongas, pois quando à ação se segue imediatamente a reação, o respeito e o temor se impõem sem evasivas e discussões; nunca vi ninguém desrespeitar a lei da gravidade, nem abusar do quanto pode a dinamite.

– Logo, qual é a melhor religião? o mosaísmo, ou o cristianismo?

– Digo que é o mosaísmo – concluiu Chilon – mas digo-o relutando, pois sinto que o cristianismo supera o mosaísmo.

A esta resposta riu-se Árago, com gosto, ao tempo que dizia, dando duas palmadinhas nas próprias coxas:

– Você é ainda ingênuo, Chilon! Não percebeu você a manha de raposo matreiro! O mosaísmo é religião que serviu para selvagens e serve ainda para involuídos como aqueles hindus referidos por Emmanuel, ou aqueles espíritas aventos, orgulhosos e violentos dos quais falei atrás. Mas não serve para evoluídos que sabem enxergar longe, porque já adultos. As falas de Moisés se dirigem às crianças humanas, no passo que Cristo fala a homens feitos, apresentando a Deus como Pai.

– Repare nisto agora – continuou o mestre: – o que fazia antigamente Jeová, fazem hoje os espíritos obsessores sobre aqueles que, com seus vícios, deixam a porta aberta. Veja como a par dos prêmios e castigos futuros, funciona, no Espiritismo, para os que crêem, este outro sistema de recompensas e punições imediatas? Para merecer a proteção do “guia” preciso é ser bom; do contrário terá a simpatia e a atuação dos espíritos perversos. Antigamente (e ainda agora para os bíblicos) Jeová, com estar invisivelmente presente, vigiava sobre os vícios e crimes secretos, sobre os males que destroem a harmonia social. Hoje esta função está afeta aos espíritos, e quem acredita em Kardec terá vergonha de praticar ações feias, por estar sendo observado, quem sabe, por parentes e amigos desencarnados, com os quais terá de acarear-se depois da morte. Fora isto, o afastamento dos protetores implicaria na imediata aproximação dos exploradores astrais, que vivem de vampirizar os encarnados. Então se algum espírita cai nalgum pecado, ainda que secreto, começa a ser punido por essa legião fantástica de desencarnados que, ou são reais, e agem de fato, ou são meramente imaginários, e agem sugestivamente, produzindo mal-estar, medos, angústias, aflições e doenças neuróticas. Entendeu Chilon?

– Entendi. A melhor religião é aquela que melhor se presta, relativamente, ao nível evolutivo do homem.

– Concorda você, então, que Moisés esteve certo ao criar o seu emotivo-sensitivo Jeová bárbarico, e Cristo, em criar o conceito antropomórfico (para alguns superado) de Pai amoroso,

⁶⁹ C. W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 233

visto que cada uma destas concepções serve a um tipo de homem? ou serve ao mesmo homem em dois níveis sucessivos da sua evolução?

– Sim, concordo.

– Concorda também que ainda há involuídos na Terra – continuou o mestre – necessitando da concepção mosaica do Deus-Força, haja vista aqueles xingadores atrás referidos, que são emotivos-sensitivos, e não, racionais ou lógicos?

– Concordo com isso também.

– Logo é maldade grande, desumanidade, desamor, prosseguiu o filósofo, destruir os degraus da escada por onde subimos, e por onde outros estão subindo, só porque nesses degraus há as sujeiras próprias dos pântanos, onde os pés da escada se fincam. Como podem ser limpos os degraus inferiores duma escada plantada no barro?

– Estou plenamente de acordo com o mestre e desafio a que alguém me mostre um sistema moralmente limpo desde a origem. A quem me apontar o Bramanismo, refuto-o com o “Kama-Sutra” que sendo um livro pertencente à literatura religiosa da Índia, não vai além de um manual de pornografia. A quem me falar da desvergonha das filhas de Ló, reponder-lhe-ei que o julgamento delas se há de fazer pelos padrões morais de sua época, pelo seu ambiente histórico, que era o da prostituição sagrada em todos os povos, menos no hebreu que se estava saindo dele a custo, para que nossos padrões e códigos atuais fossem quais são. Um uso e costume enraizado na alma de um povo e encorajado pelo exemplo de outros povos dos quais não estava isolado, não vai desaparecendo de um dia para outro, só porque um legislador *que ainda não tinha nascido*, o reprova em seus escritos. “O beijo, que no mundo ocidental é uso corrente, no Japão é considerado tão obsceno que a estátua de Rodin “O beijo” não pode ser exibida em uma exposição artística, enquanto quadros representativos do próprio ato sexual com todas as minúcias genitais são muito comuns no Japão, sendo pintados pelos maiores pintores. Na China mostrar o pé é considerado o maior atentado à decência; em outros povos o ato de comer é tido por tão obsceno que os homens se envergonham e coram quando surpreendidos a praticá-lo (...) Na velha Grécia a paixão pelos efebos era considerada lícita por todos os homens, até Péricles e Platão, sendo respeitada como uma variante da Erótica. E Platão chegou mesmo a admitir o amor homossexual entre homens como um ideal moral superior ao amor entre os dois sexos opostos, louvando o homossexual como representante de verdadeira virilidade e como legítimo servidor do Estado. A história da civilização ensina-nos terem sido homossexuais, em todos os tempos, os maiores pintores e as mais sutis mentalidades poéticas”⁷⁰.

– Por que padrões, pois – prosseguiu Chilon – se há de julgar as filhas de Ló? Por outro lado se pode dizer que as filhas de Ló cuidaram que o mundo se acabara, e que elas e o pai eram as únicas sementes restantes do cataclismo geológico ocorrido onde é hoje o Mar Morto. Diria mais que se a bebedeira é tanta que leva à inconsciência, como aconteceu a Ló, igualmente leva à impotência sexual, pelo que aquele caso não passa duma figura para corrigir este que, para nós, é um desvio moral.

– Se alguém me falasse do despacho de morte de Davi contra Urias, por causa de Betsabéia, responderia que Cristo se honrou com fazer sempre referências a Davi do qual descendia, e que este Davi chorou amargamente sua fraqueza e pecado, nunca se dando a si para exemplo de ninguém. É assim que as sujidades da Bíblia, que apresenta seus relatos crus e sem desculpas, são para exemplo do mal que se deve evitar, e não para imitação; prove-me, alguém o contrário disto! É por isso que os seguidores da Bíblia mais ferrenhos são os protestantes, de bons costumes, e não os católicos que nem sequer a conhecem. Prove-me alguém, igualmente, que isto não é verdade!

⁷⁰ Fritz Kahn, A Nossa Vida Sexual, 199 - 200

– Finalmente, ou eu paro, ou meu falar não tem fim; finalizando, digo que os escribas da Bíblia bem podiam fazer como os que escrevem a História a qual, como disse Bernard Shaw “mente sempre”.

– O que você disse Chilon fica dito! Quer que encerremos esta parte, por hoje?

– Encerremos, que agora deveras estou cansado; este jorro de idéias que vieram, moeu-me os nervos.

– Encerremos então – prosseguiu Árago – mas antes quero pôr em evidência mais esta citação de Huberto Rohden, inserta em sua “Filosofia Universal”:

“Em resumo: cada homem deve guiar-se por aquilo que, no seu estágio evolutivo, for por ele percebido como sendo o melhor, o mais alto – isto é ser bom: o contrário é ser mau”. “Entre parênteses: os que colocam os valores éticos da Bíblia todos no mesmo plano, numa simples justaposição coordenada, provam que nada entendem do drama multimilenar da evolução da consciência humana. Admitir essa evolução da consciência ética do homem não é negar a inspiração da Bíblia, como os ignorantes afirmam. Deus, sendo a eterna norma da retitude ética, sempre revelou o que é perfeito (...); mas os recipientes humanos da antiguidade receberam imperfeitamente a perfeita revelação de Deus, devido à imperfeição desses humanos recipientes etc.”⁷¹.

– E encerro estes nossos estudos de hoje – prosseguiu o filósofo – com mais esta citação:

– Uma coisa notável sobre o trabalho de Moisés, que nunca será demais acentuar, é o fato de que pela sua sinceridade, paciência, perseverança, engenho, conseguiu em tão pouco tempo lançar um povo até ponto tão adiantado na estrada da evolução religiosa, isto é, na duração de uma vida, passou uma raça inteira das sombras do politeísmo animista para, pelo menos, os primeiros alvares do monoteísmo ético”.

“Das dificuldades encontradas em sua tarefa, poderá bem aquilatar um leitor dos estranhos relatos, mas Moisés era um homem surpreendentemente avisado. Mercê de engenhosos recursos como a coluna de nuvens e fogo, ele constantemente lembrava aos seus a presença de Yahweh. Com astúcia de mestre utilizava-se das superstições existentes e transformava-as em ritos de Yahweh”⁷².

VIII – Trabalho-missão e trabalho-expição

Só quem conhece Cananéia e seus arredores poderá compreender por que Árago se radicou ali. O cerco, ao longe, feito pela Serra do Mar, que sobe, às vezes, até mil metros em escarpas íngremes a se destacarem da floresta densa, impede o acesso à zona do planalto.

Os únicos dois lugares onde a serra pode ser cortada, em direção ao mar, foi Santos e Paranaguá; de Santos se alcança o planalto em São Paulo e Jundiaí, no passo que de Paranaguá se alcança o planalto onde se assenta Curitiba. O escoamento da produção para esses dois portos fê-los quase únicos em São Paulo e Paraná.

Cananéia está dentro desse cerco de montanhas, sem vias de comunicações com o planalto. Por isso é zona pobre, de onde a produção dificilmente se escoava, motivando a que os aventureiros gananciosos não façam sua parada ali. Estas causas fazem de Cananéia o lugar ideal para um filósofo.

Além disso Cananéia possui belezas naturais, pontos pitorescos visitados a miúdo pelos turistas. São eles a praia da Ilha Comprida, a Ilha do Cardoso, a Ilha do Abrigo, o Morro de São João, os vários saltos como o do Rio Branco, o do Rio Itapitanguí, o do Rio das Minas e o do Rio

⁷¹ Huberto Rohden, Filosofia Universal, Vol. 1, pág. 224

⁷² Charles F. Potter, História das Religiões, 75 – 76

Mandira. É na desembocadura do Rio Mandira com o das Minas que Árago tem o seu telheiro já descrito nestes “Serões”.

Mas as belezas não são só estas. Quem vai de Cananéia a Ararapira ou Ariri, vê quão maravilhoso é o rendilhado de terras e águas, onde tantos pequenos rios rumorosos deságuam no mar.

Tínham Árago, Chilon e Dona Cornélia passado um dia maravilhoso, pois andaram pescando e caçando por aquele rendilhado de águas e terras. Nesse passeio, sem pressa nenhuma, chegaram até a fronteira do Estado de São Paulo com o Estado do Paraná. Dona Cornélia fritava os peixes que, pegos, Chilon e Árago limpavam.

Tornados a Cananéia, e após o jantar, descansaram nas poltronas da biblioteca fartamente iluminada.

As tertúlias começavam a ser freqüentadas por outras pessoas amigas da beleza e do saber. Naquela noite contou com a presença muito grata de Hierão Orsoni que, de há muito, acompanhava o grupo.

Chilon foi o primeiro que falou, levantando uma questão para o debate noturno:

– Acho, prezado Árago, uma implicação insolúvel dentro da Bíblia.

– Que é?

– É que Cristo disse: – “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”⁷³. Este ponto implica-se com aquele outro em que Deus disse a Adão: – Maldita seja a terra por causa de ti, para que te produza espinhos e abrolhos! Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até retornares no pó de que fostes tirado⁷⁴. A primeira dificuldade é que Deus fez do trabalho u’a maldição, pois Adão vivia feliz antes, sem trabalhar, e agora havia de comer seu pão com o suor de seu rosto. Ora, sendo o trabalho u’a maldição, como pode ser de Deus e de Cristo o trabalhar, para este ter dito: – “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também?”

– A segunda implicação é Deus ter dito a Adão que sua maldição duraria até que fosse tornado no pó donde saíra. Isto parece que sabe a materialismo, porquanto só os materialistas é que têm, para si, que tudo acaba no pó da sepultura.

– Poderá, o querido amigo, me desfazer estas dúvidas?

– Você é um prodígio, Chilon, em me propor dificuldades. E eu não sei se sou suficiente para as resolver sem sua ajuda. Responda, por conseguinte, o que lhe vou perguntando, a fim de vermos se a verdade se assoalha.

– De pleno acordo.

– Diga-me, então: por que trabalham os homens?

– Para ganhar a vida, ora essa!

– Você diz de todos os trabalhos, ou só de alguns trabalhos em particular?

– Digo de todos os trabalhos.

– Por exemplo, o do curtidor?

– Sim, esse por exemplo.

– E o do pescador, também?

– Sim, também.

– Ainda o do pensador, ou a este põe fora da lista?

– O do pensador também, que se ele escreve e escreve, há de ser para ganhar dinheiro com que fazer face às necessidades da vida.

– Muito bem – prosseguiu o pensado – alegre-me com você ter me respondido desembaraçadamente. Preste atenção, e veja se consegue se safar desta dificuldade:

– Lembra-se de quando visitamos há dias, o curtidor Palmiro, em seu local de trabalho, em Antonina?

⁷³ João, 5, 17

⁷⁴ Gênese, 3, 17

– Sim, lembro-me.

– Trabalho duro é aquele de remexer os couros fedorentos, desbastar-lhes as carnaças e raspar os pelos, não é?

– Por certo que é.

– E quando aquele pobre homem se vê livre dos trabalhos do curtume, você observou o que ele faz?

– Sim, vai às suas pescarias, com seus amigos entre os quais nos incluímos.

– E você me afirmou que as atividades do pescador são trabalhos, e as do curtidor, também, não é certo?

– Agora já não posso fugir do que disse – tornou Chilon – pressinto a consequência que o senhor vai tirar.

– Não tenho nenhuma pressa. Continue a responder-me:

– Lembra você de quando subimos pelo Rio Iguaçu, a fim de vermos as pescarias que ali se fazem de manjuba?

– Se me lembro! pois isso foi ontem!

– Viu que trabalho duro é aquele de arrastar as redes? E pior que este é aquele outro feito nas praias de Mongaguá, onde as redes são arrastadas por meio de bois! Viu como aqueles arrojados pescadores metiam-se dentro da rede, e pegavam os peixes maiores pelas guelras, no meio de quantos menores estavam a ferver?

– Sim, é cansativo aquele labor!...

– Contudo, prosseguiu Árago, isso não impede que tenhamos aqui, neste momento, junto de nós, o nosso amigo Hierão, que é pescador profissional. O seu cansaço não o impede de vir apreciar, todos os dias, nossa disputa; foi ele mesmo o que disse ser nossa palestra, como que uma subida, em balão, na estratosfera, tendo em vista a imensidade azul que se descortina além, no horizonte; não é assim? caro Hierão!

– Foi o que eu disse – confirmou Hierão – e é o que continuo afirmando baseado na experiência. Graças a estes serões enxergo muito mais profundamente as coisas que qualquer dos meus companheiros de trabalho.

– Repare agora, Chilon, que você concordou em que o esforço do pensador é trabalho. Disto concluímos que nosso amigo Hierão, que é pescador profissional, trabalha, nas horas vagas, como pensador ou filósofo; Palmiro, o curtidor de profissão, é pescador diletante. Ora, se tudo são trabalhos, e quaisquer deles u’a maldição, tanto Hierão quanto Palmiro, depois de sofrerem o peso da maldição das horas de labor, buscam, espontaneamente, outras maldições, para as sofrer nas horas de descanso. É assim que Hierão, cansado de pescarias, repousa nos devaneios filosóficos, no passo que Palmiro se diz estar descansando, quando arrasta suas redes, ou joga sua tarrafa, ou rema na sua canoa. Que me diz, agora, Chilon?

– Digo, depois destas evidências, que nem todo trabalho é maldição. Há-os que são bençãos, fonte perene de alegria sã. Se a pescaria rendesse mais do que curtume, de modo que Palmiro pudesse, com esta atividade, sustentar os filhos no estudo, ele, por certo, se tornaria pescador de profissão, trabalhando, como se estivesse a distrair-se. Hierão, aqui, não fossem as necessidades que o põem a pescar, pôr-se-ia a residir, como eu, nesta casa, acompanhando-nos, em todos os passos da vida. Se todos os que gostam de filosofia pudessem estar aqui, formar-se-ia, ao seu redor, uma escola filosófica como a pitagórica de Crotona, ou a academia platônica de Atenas ou o liceu de Aristóteles.

– Agradeço o elogio, Chilon; e penso que, se guardarmos as devidas proporções, não faremos injúria aos veneráveis mestres que você invocou. Como bem vê, nem todo trabalho é uma expiação, havendo-os, abençoados, diletantes, e por isso não é muito que Deus e Cristo flaneiem criando. E se isto é o que fazem Deus e Jesus, tal deve ser o objetivo do filósofo: flanar criadoramente, aliás, como fazemos. Quer dizer que cada um deve gostar de fazer aquilo que faz. E

toda vez que a gente pode escolher o labor aprazível, se é feliz, e o trabalho se torna uma benção. Contrariamente, quando se é forçado a executar um labor antipático, maçante, a gente é infeliz, e o trabalho se torna numa expiação. O primeiro é um trabalho-missão, gozoso, porque se o faz com alegria; o segundo é expiatório, porque se o recebe como uma forma de dor.

– Está claro o assunto – interveio Hierão. – Mas eu desejaria adiantar-me mais na questão, pois sinto, por mim mesmo, que há uma terceira espécie de trabalho que nem é missão e alegria, nem expiação e tristeza, porém meio termo entre esses dois extremos. Digo isto, porque é o que se dá comigo, que não sou feliz, nem infeliz, quando pesco por obrigação.

– Bem oportuna foi sua lembrança Hierão – prosseguiu o mestre. – Como não existe extremos sem meios, entre a expiação e a missão há, de fato, a provação, que é um esforço que nós mesmos nos impomos livremente. É assim que Allan Kardec pergunta, e o Espírito lhe responde:

Kardec – 132. "Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?"

Espírito – "Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação".

Kardec – 133. "Têm necessidade da encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?"

Espírito – "Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e atribulações da vida corporal".

Kardec – "Mas, então, de que serve aos espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?"⁷⁵

– Você viu? Hierão, continuou Árago, como só o ser bom e possuir obras boas não nos isenta das reencarnações? É que a perfeição não está só no sermos bons e caridosos, mas, ainda, no sermos sábios. Dentre os escravos negros havia os dóceis, bondosos, cheio de amor e devoção para com seus amos brancos; mas eram ignorantes, não podendo exercer funções nenhuma superiores às de servos; cumpria-lhes, portanto, reencarnar-se para o desenvolvimento intelectual vasto e complexo, pois só os seres diferenciados, especializados, poderão exercer funções superiores, como células do organismo social, em nível mais elevado. Não basta só a integração social (caridade, consciência coletiva, amor ao próximo), sem a diferenciação (especialização, ciência, sabedoria).

– É assim que a reencarnação, para uns é expiação, onde se resgatam culpas do pretérito; para outros é provação, se eles a si mesmos se impõem tais ou quais padecimentos para se aperfeiçoar através das lutas; para outros é missão, porque, conquanto não necessitem das provas, impõe-nas a si, por amor daqueles a quem querem ajudar. De maneira que o sofrimento, conquanto possa ser um e o mesmo para três indivíduos diferentes, três poderão ser as reações deles, como aconteceu com Cristo, Dimas e Gestas, todos nas cruzes. Tem razão Huberto Rohden ao afirmar que "sofrer não é o mesmo que ser infeliz"⁷⁶. É assim que "o pecador impenitente *sofre* a vontade de Deus, ao passo que o santo *goza* a vontade de Deus"⁷⁷.

Hierão que ouvia atento o que o mestre dizia, voltou a perguntar:

– Mas por que motivo u'a mesma dor pode ser gozosa para o missionário, gloriosa para o que a si se impôs uma provação, e dolorosa para o que expia culpas? Se a dor é uma e a mesma, como atrás se viu, tanto para Cristo como para os ladrões, onde a causa de as reações serem tão diferentes?

– Respondo, à moda de Cristo, propondo-lhe uma parábola:

– Três homens estavam amassando barro num mesmo lugar, quando foram chamados pelo mestre-de-obras, para responderem cada um, em separado, a uma pergunta que lhes queria fazer um filósofo. Chegado o primeiro, carrancudo, amuado, perguntou-lhe logo o filósofo:

⁷⁵ Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, cap. II

⁷⁶ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 77

⁷⁷ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 130

- Que fazes? Ao que ele respondendo disse:
- Eu amasso barro!...
- Vindo o segundo, e feita a mesma pergunta, respondeu dizendo:
- Ganho meu pão!
- Chegando que foi o terceiro, respondeu, sorridente e feliz:
- Eu estou construindo uma catedral!

– Viu? Hierão! O trabalho, embora sendo o mesmo para todos, fazia a um feliz, e a outro, angustiado e aborrecido. Eis aí os três tipos de trabalhos. O primeiro não vai além de um gesto automático, mecânico, como o de um bruto. É o cego a tactear nas trevas, revoltado contra o mundo e contra Deus. Amasso barro, diz o primeiro, como um animal, para que meus exploradores ganhem, por mim, o seu pão. E assim como eles ganham o seu pão, com o suor do meu rosto, invertidas as posições, eu poderia ganhar o meu com o suor do rosto deles. Amassando barro, eu pago por um erro do destino que me fez pobre, quando poderia ser rico, como muita besta que vejo andando por aí. Amasso barro porque Deus é parcial, fazendo-me a mim suar e sofrer, e a outros, gozar e comer do meu suor.

– Idêntica é a situação de Gestas, o ladrão blasfemo e mau, que desafiava a Cristo a que o salvasse de sua cruz, para provar que era Filho de Deus. Acaso (pensava ele, com razão) Herodes, Pilatos, os escribas, os doutores do templo e todos os políticos de todos os tempos não são uns ladrões? O povo não foi sempre o rebanho tosquiado pelos seu donos? E, pois, como pode Herodes ser, como eu, uma besta selvagem e feroz, sem que, para ele, haja cruz? Salva-me, pois, da cruz, ó Cristo de Deus, se é que o és, que se sou porco, é porque este mundo é um chiqueiro!

– Não seria esta a exegese das palavras do primeiro amassador de barro e das de Gestas?

– Nem me pergunte! – respondeu Hierão. – Toque por diante que estou maravilhado da beleza e do acerto das suas ilações!

– É que a verdade é bela, meu caro Hierão; se você concorda em que afirmo a verdade, é de consequência natural que tudo sejam belezas. Porém vamos por diante:

– O segundo homem dizia ganhar o seu pão. Como Dimas, reconhece, este homem, como justo, o seu estado infeliz, pois que, no pão que ganha está todo o motivo do seu labor.

– Vem o terceiro homem, e se diz motivado a amassar o barro, não pelo pão que havia de ganhar dele, mas pelo ideal de estar construindo uma catedral.

– De maneira que o primeiro homem não sentia paga nenhuma pelo trabalho, por isso que o pão ganho dele, podia-o ter, sem esforço, como muitos; logo, se podia ter o pão sem trabalhar, não trabalhava para o ter, senão por uma maldição de Deus, ou azar do destino. O segundo reconhecia que o pão havia de provir do suor de alguém; e como não era justo comer do suor alheio, por isso comia do próprio, sendo só este o motivo de o fazer trabalhar.

– O terceiro homem sabia que seu labor se perpetuaria na catedral na qual se sentiria existir até depois de morto. Os pósteros saberiam que aquelas pedras talhadas foram ajustadas umas às outras com a argamassa que ele amassou. A par desta conquista, haveria ainda a conquista imperecível do aprendizado de um sem número de movimentos e coordenações, que o fariam habilitado a subir do grau de aprendiz para o de mestre-de-obras. Compreendia, este idealista, que o efêmero amassar do barro, além de lhe dar o pão cotidiano, se perpetuaria na obra acabada, como catedral, no mesmo ponto que se eternizaria em seu espírito como aprendizado.

– Eis aqui o que se chama consciência coletiva, ou amor ao próximo, ou caridade. Caridade não é só filantropia e boas obras feitas por cálculo. É este sentimento de célula de organismo, de abelha da colméia. Há muita gente de fé que faz obras filantrópicas; no entanto não conserta a torneira de sua casa que desperdiça água do abastecimento público, dia e noite. Há os que não ajudam conservar e zelar pelas coisas públicas, só porque não têm sensação de posse sobre elas. Falta-lhes a integração, a consciência social, que isto sim é amor, é caridade. Tal é como sentia o

terceiro amassador de barro, e esta consciência social do trabalho, de valor eterno, lhe dava indizível alegria.

– Vossa dialética, logo, – interveio Chilon – nos leva a concluir pela existência de duas espécies de ganho?

– Acertou Chilon! – Prosseguiu Árago – todo trabalho não tem só um pagamento, senão dois; um é o dinheiro que se ganha dele; outro é a fixação do seu resultado na alma, como valor imperecível. O primeiro pagamento é efêmero, e o segundo, eterno. Este é o enigma da Esfinge decifrado por Édipo: – “Tu vens de um mundo divino (dizia-lhe ela) e para lá podes voltar, se queres. Há em ti algo de efêmero e algo de eterno. Serve-te só do primeiro para desenvolver o segundo”⁷⁸.

– O mundo se acha hoje sufocado pelo esterco satânico do trabalho-ganho, para não dizer ganho-sem-trabalho; isto é mais um atestado da inversão do sistema divino no de Satanás. Do diabólico ganho-sem-trabalho, havemos de nos dirigir, paulatinamente, para o trabalho-sem-ganho. O homem há que se interessar pelo valor eterno do trabalho, do trabalho como construção da alma e de elevação para Deus, e não só pelo resultado imediato, o dinheiro que se obtém dele. Eis por que Cristo disse que seu Pai não cessa de trabalhar até agora, e ele também.

– Se o trabalho não tivesse esta função moral, que ganhariam Deus e Jesus com o não cessarem de trabalhar? Cristo ensinou a pedir o pão de cada dia, enquanto que os diabólicos homens de negócio o amontoam para muitas gerações. O resultado final é que tais homens se invertem por tal forma, que acabam cuidando ser a mesma alma corpo, donde dizerem, como aquele outro louco do Evangelho: “ – Minha alma, come, bebe e regala-te, pois tens muitos bens em depósito para largos anos”⁷⁹. No entanto, diz o texto, naquela noite se pediria contas da alma daquele insensato, pelo que Cristo interroga: – E teus bens para quem ficam?

– Como se vê, o homem econômico age como o “Aprendiz de Feiticeiro”, movimentando forças que depois não pode controlar, em razão do que é tragado per elas. O homem tem que ser maior, isto é, mais sábio, do que o exige sua função; toda vez que a função é maior do que o homem, mais complexa, além da sua sabedoria, ele soçobra. Aquele quanto que o concertista de violino ou piano nos revela, no salão musical, é apenas a média ou mínima parte da sua cultura e recursos; aí daquele que, para executar a sua peça, dá o máximo. O mesmo ocorre com a política, com a literatura, e, por que não, com a economia? Só um filósofo poderia manobrar as riquezas como coisa exterior a si, pelo que não se corromperia; no entanto ele foge das riquezas na mesma proporção com que também elas fogem dele...

– Agora já se pode compreender a justeza, o acerto, a sabedoria que vai nas palavras de Jesus, quando nos recomenda o desprendimento das coisas da vida, e o não nos inquietarmos pelo amanhã, visto como cada dia trará consigo as suas dificuldades.⁸⁰ O valor supremo do trabalho, por conseguinte, consiste na elevação do homem sobre si mesmo, com que aquele vem a ter valor moral, e não só econômico. Eis aqui o que os adâmicos não entenderam, buscando o resultado só econômico do trabalho e não o moral. E como a economia é uma força que, uma vez desencadeada, segue o seu curso, por si mesma, automaticamente, como a força mágica do “Aprendiz de Feiticeiro”, e tanto que a filosofia popular diz, com acerto, que “dinheiro dá dinheiro” por isso o argentário é um desocupado que vive a dizer que tempo é dinheiro. A indústria gira, a contabilidade controla, o cérebro eletrônico faz as previsões e a estatística, os engenheiros e economistas planejam e administram, e o argentário enche os bolsos, vive em ócio, fuma charutos de palmo, mantém apartamentos com belas cortesãs, entra para a súcia dos que comprem deputados, impõem candidatos à governança, movimenta o mundo, sendo os reis da Terra. Assim fazia Adão no orbe do sistema planetário da Cabra. Tratava-se como se vê, de seres altamente especializados,

⁷⁸ E. D. Schure – *L'Évolution Divine* – cit. por ^a Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 337

⁷⁹ Luc 12, 19

⁸⁰ Mat 6, 34

diferenciados, porém não coletivamente integrados. O capital, ao invés de ser *individual, com função social* (socialismo do Cristo), era *capital individual, com função individual*, como é o capitalismo de todos os tempos e de todos os lugares.

– E na Rússia? – interrogou Chilon – como é o capital no comunismo?

– Não nos percamos em pormenores – falou Árago – desprezando a unidade que deve enfeixar toda a variedade. Portanto, entre parêntesis: a fórmula prática do bolchevismo, não a teórica, mas a prática, é esta: *capital social, com função individual*. O capital é social, porque ninguém é dono de nada, e tudo é do Estado; mas o usufruto é da meia dúzia dos que mandam, em proveito próprio como sempre foi, entre involuídos. É assim que os senhores do Kremlin têm tudo, enquanto um mineiro de carvão não tem nada, porque lá, como em toda parte, ninguém se preocuparia com ele. Os russos são substancialmente como nós, são gente como toda gente, ainda sem consciência coletiva ou sentimento evangélico. Para se conhecer esta verdade não é preciso ir à Rússia, andar em automóveis por onde os russos nos quiserem levar; basta só conhecer a psicologia do homem. Não adianta enfeitar a besta humana, para dissimular o que ela é; o filósofo mete a mão e vai apalpar o pêlo hirsuto do bicho, por baixo das farfalhudas vestes, guizalhadas e ouropéis mas isto tudo entre parêntesis; tornemos ao nosso assunto.

– Exilados, os adâmicos, do orbe do sistema da Cabra, para esta nossa Terra, quando ainda ela era primitiva, haviam de executar trabalhos somente punitivos e expiatórios. Está certo? isto Chilon!

– Está.

– E você, Hierão, qual é o seu parecer?

– Digo que estou maravilhado. Suas palavras são-me pão do espírito. Porém ainda tenho fome, pelo que lhe pediria que continuasse a discorrer como vinha fazendo.

– Querem ambos que eu faça, agora, a exegese das palavras proferidas por Deus contra Adão? – perguntou Árago.

– É certo que queremos – adiantou Chilon.

– Ei-la, então:

– "Comerás tu, aqui, na Terra, *o teu pão*, para que aprendas, de futuro, a não comeres o alheio, como fazias no orbe da Capela. Eras ladrão, então, e pelo castigo (de castigare = tornar casto) te purificarás. Comerá o teu pão com *o suor de teu rosto*, para que não venhas, de futuro, a o comer com o suor do rosto alheio, como fazias no orbe capelino, onde explorava os teus irmãos. Bem te ordenei não comeres do fruto da árvore da ciência do bem e do mal (que é a razão), porque ela foi posta no meio do jardim para teu estético deleite, ou nutrição espiritual. Mas tu, desprezando esta função divina da racionalidade e da ciência, pelo que ela é bem, quiseste com ela encher tua barriga, o que é mal. Usaste-a para produzir comodidades, e não para subires a mim por meio dela. Enquanto a máquina, filha da tua inteligência, executava o teu labor mais duro, tu te entregavas aos ócios vis que são o pai de todas as degradações. Usaste vossa ciência do bem e do mal só para o mal, porque, no trabalho que não podia executar tua máquina, nesse escravizavas teus irmãos, de cujo suor comeste. Eis por que a ti te digo agora que comerás o teu pão, e ainda com o suor do teu rosto, e não o pão alheio, nem do suor alheio!"

– "E tu mulher, que foste sempre a inspiradora do homem em todos os eventos, que estiveste sempre presente no seu pensamento, porque o inspiraste a usar mal a ciência que deve ser do bem, por isso serás agora escrava dele neste mundo onde a besta impera e a paixão domina. Sendo tu mais fraca, e ele mais forte, neste reino da força, ele será o teu senhor, e tu, sua serva. As tuas vaidades e desejos insaciáveis, as tuas exigências maquinadas pelo diabo (eis a serpente), na ociosa oficina da tua cabeça, fizeram do homem um escravocrata e um ladrão. Tu, lá, naquele planeta de luz, esfolavas o homem, obrigando-o a ir esfolar raposas prateadas nas regiões frias; ainda que habitavas as regiões quentes, que recebiam os raios amorosos da minha estrela Capela, querias vestir-te com as peles custosas de animais raros. Veste agora estas folhas missérrimas, para

não estares desnuda diante de mim, como gostavas de ficar diante dos homens, nos teus concursos de beleza, para lhes provocar a luxúria, naquele grande paraíso que perdeste"!

– "Os trabalhos e canseiras de escravizador e de ladrão, desenvolveram, no homem, as forças físicas e intelectivas, para que seja forte agora sobre ti; e tu, porque ociosa, então, sê, agora, fraca e tímida, e escrava sob ele. Tu serás para os seus desejos, por isso que lhe exacerbaste as paixões mais vis; da sua posse sobre ti nascer-te-ão filhos, e com dores os parirás, porque aqui não os poderás evitar como o fazias no orbe da Capela, onde bem os podias ter sem aflições"!

– "Enquanto Cristo, o Filho meu não nascer de ti, para dizer aos teus acusadores: "Atire a primeira pedra o que estiver sem pecado!" enquanto isto não se efetivar, tu serás repudiada, e perseguida, e apedrejada. O ciclo da civilização que ora abro, porque baseado na força, até que venha Aquele cujas palavras será um Evangelho, para um ciclo novo, que será o da justiça e o do amor. etc. etc"...

– Está contente agora Hierão ?

– Se estou? Vou me agora, que já é tarde, porém tranqüilo e feliz. Nunca pensei pudesse achar tanta beleza e consolação em toda a minha vida. Agora, parece que até amo mais aos homens, e mais quero servir ao meu próximo. Nenhum pescador terá mais ânimo que eu, amanhã, para puxar as redes para a praia. O senhor deu, ao meu trabalho humilde, um sentido cósmico. Se me dissesse, como outrora, Cristo a Pedro: "deixa tua rede, e segue-me", certamente o seguiria por onde quer que o senhor fosse!...

– Guardadas as devidas proporções, isso pode ser – tornou o mestre. – Mas que é isso? Você está chorando Chilon? E você, Hierão, se maravilha tanto? Pois tal é a força e a beleza da filosofia, meus amigos, feita de dialética e de lógica. Há nela a beleza duma sinfonia de conceitos que variam a partir de um tema básico, central.

Todavia hoje ficamos por aqui, que já é tarde. A outra questão levantada por Chilon, a que indaga se as labutas e canseiras da vida acabam com o pó da sepultura, isso fica para outra oportunidade, querendo Deus.

IX – É lícito abreviar a vida?

No outro dia, após o jantar, reunimo-nos eu e Árago na sala da biblioteca, onde nos esperavam outros companheiros. Ao chegarmos, disse Hierão a Árago:

– Estamos aqui empenhados numa discussão, sem que até agora tenhamos deslindado o assunto. Eu acho que em nenhuma hipótese se pode abreviar a vida; já o Benedito Bruco é favorável a eutanásia. Que nos diz o mestre a respeito?

– Digo que essa é uma questão digna de ser estudada. Gostaria, porém, de conhecer suas razões e também as de Bruco antes de arrazoar por minha vez. Diga-me Hierão: por que você é contra a eutanásia?

– Sou contra, talvez, por causa da minha formação espírita. Desde que a vida continua depois da morte corporal, e com os sofrimentos que se quis suavizar, agravados, segue-se que abreviar a própria existência, seria fazer recrudescerem os padecimentos ao invés de os abrandar.

– Você fala de sofrimentos – replicou Árago – mas não os especifica.

– Falo de quaisquer sofrimentos. Não os especifiquei porque a regra é geral e sem exceção.

– Mas há dois tipos de dores no mundo – prosseguiu o pensador – tanto para o homem como para os animais; uma é produzida pela própria natureza, e são as doenças; outra é o resultado da maldade dos homens. Um homem sofre num leito de hospital, no passo que outro urra numa câmara de torturas. Entende você, então, que num e noutro caso não se pode abreviar a vida?

– De acordo com a minha formação – respondeu Hierão – se eu estiver sendo torturado, não mastigaria a ampola de cianureto de potássio que me mandaram esconder debaixo da língua...

– E você Bruco, que faria?

– Não tenho inibições religiosas. Mastigaria a ampola sem mais aquela. E se não dispusesse desse recurso irritaria os carrascos, cuspendo-lhes nas caras, a fim de que apertassem a tortura e me matassem de vez. Os carrascos sempre foram umas bestas; de modo que se a gente os irrita, eles se vingam na hora; ainda mais que tem os instrumentos de matar à mão...

– E no caso duma doença, agiria de igual modo? – interrogou o mestre.

– Perfeitamente – prosseguiu Bruco. – Não creio que a dor me aperfeiçoe; antes acho que ela me embrutece. Tenho observado que os que sofrem nem por isso se tornam bondosos. Até que os bons não sofrem, e os que sofrem, raramente são bons.

– Ora, se eu tenho uma bala caridosa para um animal ferido ou doente de morte, porque não terei piedade de mim mesmo em idênticas situações?

– Está bem – prosseguiu Árago. – Ambos sintetizaram suas razões, e eu, até agora, não atinei com o que dizer. Para descobrirmos como proceder em tais circunstâncias, eu proporia buscarmos exemplo num dos maiores homens que já houve neste mundo.

– Para mim – respondeu Bruco – esse homem foi Sócrates!

– E eu – tornou Hierão – sobreponho Cristo a Sócrates.

– Vejamos, então – falou Árago – como procedeu esse vulto, que foi Sócrates, em face da morte.

– Uma das mais lindas páginas que já se escreveram na terra é o “Fédon” de Platão. Marejam-me os olhos de lágrimas cada vez que releio aqueles passos em que Sócrates prefere a morte à vida, e dá o porque. Lá diz ele:

– “Não seria, então, como eu dizia, uma coisa ridícula, da parte de um homem que se tivesse preparado, durante toda a sua vida, a aproximar o mais possível seu modo de viver do estado a que se chega com a morte, irritar-se depois com este fato, quando este se apresenta a ele?”⁸¹. E prossegue:

– “Um homem que vemos lamentar-se no momento de morrer mostra que não é a sabedoria que ele ama, mas o corpo, não é? E talvez esse mesmo homem seja um amante das riquezas, das honrarias, seja de uma ou de outra coisa, seja das duas no mesmo tempo”⁸². E noutro lugar:

– “Ninguém sabe, na verdade, se por acaso a morte não é o maior de todos os bens para o homem, e entretanto todos a temem, como se soubessem, com certeza, que é o maior dos males”⁸³.

– Na “Apologia de Sócrates” de Antístenes, está o ponto em que este, Cebes, Êsquines e Simas, tendo reunido a soma de dinheiro necessário a comprar os carcereiros, concitaram a Sócrates a fugir, visto que o cárcere estava aberto, as cadeias soltas e os guardas subornados. O diálogo que se seguiu disto “é magnífico de força moral” como muito bem expressou o tradutor da obra “Apologia de Sócrates”, de Platão, pág. 111 e 112. Diz Sócrates:

– “Minha fuga seria a morte da minha palavra, a morte do meu pensamento. Conservando a vida, eu me tornaria indigno. Minha palavra, espalhada e amada, pode fazer algum bem. Não me peças que eu mate a minha palavra. Outros juízes poderão se precaver contra a injustiça e outros inocentes poderão ser poupados. Seria covardia e crueldade não procurar salvá-los”.

– E quando, meus amigos, Sócrates se avizinha de seus últimos momentos de vida, manteve este diálogo que, na opinião de Will Durant, é um “dos mais sublimes fragmentos da literatura do mundo”. Ei-lo:

– “Sócrates levantou-se e dirigiu-se ao banheiro com Críton, que nos mandou ficar à espera; e esperamos, a conversar e falar sobre... a grandeza da nossa dor; ele era como um pai de quem íamos nos ver separados, e teríamos de passar como órfãos o resto de nossa vida... Já se avizinhava então a hora do pôr do sol, pois se passara muito tempo desde que Sócrates se dirigiu à sala do banheiro. Ao sair sentou-se novamente conosco... mas não nos dissemos muita coisa. Em pouco entrou o servidor dos Onze... e se postou junto dele, dizendo: «A vós, Sócrates, que reconheço ser o mais nobre, mais delicado e o melhor de todos os que têm estado neste lugar, não atribuirei os sentimentos de outros homens, que se encolerizam e praguejam contra mim, quando, em obediência às autoridades, mando-os beber o veneno; tenho a certeza de que não vos enraivecereis, já que cabe a outros, não a mim, a culpa deste ato. Assim eu vos saúdo e exorto a sofrer animosamente o que não pode ser evitado; conheceis a minha missão». E nesse ponto, prorrompendo em pranto, voltou-se e retirou-se”.

⁸¹ Platão, Fédon, 31 – Atena Editora

⁸² Platão, Fédon, 33 – Atena Editora

⁸³ Platão, Apologia de Sócrates, 43 – Atena Editora

“Vendo-o sair, Sócrates disse: «Retribuo tua saudação e procederei segundo mandas». E em seguida, para nós: «Este homem é cativante; desde que estou preso vem sempre ver-me e agora mostra-se generosamente condoído de minha sorte. Mas devemos fazer o que ele diz, Críton; que tragam a taça, se já prepararam o veneno; se não, que o faça o encarregado disso»”.

“Críton respondeu: «Mas os raios do sol ainda iluminam os cimos dos montes e muitos houve que tomaram a bebida mais tarde; e, depois de mandarem tomar, ainda os deixaram comer e beber e entregar-se aos prazeres do amor; não vos apresseis, portanto; ainda não chegou a hora»”.

“Replicou-lhe Sócrates: «Sim, Críton; esses a quem vos referis andaram bem procedendo assim, já que acham proveitosa a demora; quanto a mim, tenho razão de não me portar desse modo, pois não julgo que lucre alguma coisa bebendo um pouco mais tarde o veneno; estaria a preservar uma vida que já perdi; com isso apenas me enganaria a mim próprio. Peço-vos, pois, que façais o que digo»”.

“Ouvindo estas palavras, Críton fez sinal a um escravo que se achava perto; o escravo afastou-se; em seguida voltou com o carcereiro a trazer a taça de veneno. Disse-lhe Sócrates: «Meu bom amigo, como tendes experiência destas coisas, dizei-me como devo proceder». O carcereiro respondeu: «Ponde-vos a andar até sentirdes as pernas fracas; deitai-vos após e o veneno produzirá seu efeito». Ao mesmo tempo oferecia a taça a Sócrates, que, do modo mais natural e gentil, sem o menor medo, nem mudança de cor ou de expressão, olhando fixamente o carcereiro, conforme era seu costume olhar os homens, tomou a taça e disse: «Que achais da idéia duma libação a algum deus, derramando um pouco desta bebida? Posso ou não fazê-la?» O carcereiro respondeu: «Nós, Sócrates, preparamos apenas a quantidade que julgamos necessária». «Compreendo – voltou o filósofo: mesmo assim devo pedir aos deuses que favoreçam minha viagem deste mundo para o outro – e possa este meu desejo, que será minha prece, ser atendido por eles». Então levando a taça aos lábios, bebeu rápida e corajosamente a cicuta”.

“Até esse instante a maioria dos presentes conseguira dominar a própria dor; mas vendo-o beber o veneno e, depois, acabar de esgotar a taça, não mais nos pudemos conter; a despeito de meus esforços, o pranto borboteou-me dos olhos; cobri o rosto e chorei por mim mesmo. Pois não pranteava, certamente, por ele, e sim à evocação de minha desgraça de perder tal companheiro. Não fui o primeiro, pois Críton, sentindo-se incapaz de recalcar as lágrimas, levantou-se e retirou-se; eu acompanhei-o; e nesse instante Apolodoro, que estivera a chorar todo o tempo, prorrompeu em altos soluços, que acabaram de fazer-nos fraquejar. Sócrates unicamente se mantinha calmo: «Para que tanto espalhafato? – perguntou. Mandeí que as mulheres saíssem, sobretudo para assim não procederem, pois ouvi dizer que um homem deve morrer em paz. Acalmem-se, e conformem-se». Ouvindo tais palavras, sentimo-nos envergonhados e represamos as lágrimas; e ele pos-se a andar, até que, conforme disse, as pernas começaram a fraquejar-lhe; deitou-se então de costas, de acordo com as instruções recebidas; e o homem que lhe dera o veneno, vez em vez observava-lhe os pés e as pernas; depois de algum tempo, apertou-lhe os pés com força e perguntou-lhe se os sentia; Sócrates respondeu: «Não»; e em seguida apertou-lhe as pernas, cada vez mais para cima, e mostrou-nos que estavam frias e hirtas. E então Sócrates notou-lhes o estado e disse: «Quando o veneno chegar ao coração será o fim de tudo». Já começava a sentir frio o baixo ventre quando descobriu o rosto (pois o havia velado) e disse – e foram suas últimas palavras: – “Críton, devo um galo a Asclépio; não esquecer de pagar essa dívida”. «Assim o farei – respondeu Críton. – Mais alguma coisa?» – Esta pergunta não obteve resposta; mas daí a alguns minutos viram-no estremecer. O carcereiro descobriu-o; tinha os olhos parados. Críton fechou-lhe as pálpebras e a boca”.

– “Tal o fim do nosso amigo, a quem com verdade chamarei o mais sábio, o mais justo e o melhor de todos os homens que conheci”. (Lido, por Árago, em voz alta, da História da Filosofia de Will Durant, da pág. 31 a 33).

– Deste modo, meus amigos, Sócrates podendo ter fugido e se salvado, preferiu a morte à vida; podendo ter vivido mais alguns momentos, abreviou o desenlace...

– Mas acontece que Sócrates era um filósofo – tornou Hierão – e eu já disse, de início que sobrepunha Cristo a Sócrates.

– Com isso me quer dizer que devemos estudar também a morte de Cristo? – perguntou Árago!

– Eu gostaria de ouvi-lo discorrer sobre esse outro ponto – pediu Hierão.

– Vamos, então, a ele – prosseguiu o pensador:

– Quando José de Arimatéia pediu a Pilatos o corpo de Jesus, admirou-se muito Pilatos de que Cristo já tivesse morrido⁸⁴. Ora Pilatos estava acostumado com crucificações. Ele sabia, por experiência, que um homem podia ficar dias vivo na cruz. As vezes era semi-devorado pelas águias antes de morrer. Mas Cristo morreu poucas horas depois de crucificado. Por que?

– Cristo foi açoitado antes da crucificação – interveio Hierão – o que lhe minou as energias vitais; e também pode ser que fosse ele de compleição frágil.

– Todavia Pilatos viu a Cristo – prosseguiu Árago – avaliou-lhe a saúde e as forças. Para ele Cristo havia de parecer saudável, que do contrário não se admiraria de que morresse tão cedo. Além disso os dois ladrões também foram açoitados porque isto fazia parte da execução de condenados, “segundo observa Josefo expressamente duas vezes”⁸⁵. Tiro as conseqüências, como vêm, da mesma admiração de Pilatos.

– Os dois ladrões morreram no mesmo dia que Cristo, porque contra eles foi praticado o *crurifragium*. No outro dia era sábado, e por isso foram pedir a Pilatos mandassem quebrar as pernas aos condenados para que, em morrendo, fossem retirados das cruzes⁸⁶. E os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao segundo ladrão, porém de Cristo não se lhe quebrou osso algum, porque estava morto. Cristo morto e os ladrões vivos? por que?

– “De que morreu Jesus?” pergunta Werner Keller, e prossegue: “Investigações feitas nos últimos anos em Colônia têm procurado dar uma resposta a essa pergunta do ponto de vista médico. Se pendurarmos uma pessoa pelas duas mãos, o sangue desce com grande rapidez para a metade inferior do corpo. Seis a doze minutos depois a pressão arterial cai à metade e as pulsações duplicam. O coração recebe pouco sangue e o resultado é o desfalecimento. Em conseqüência da circulação sangüínea insuficiente no cérebro e no coração, dá-se rapidamente um colapso ortostático. A morte na cruz é portanto um colapso cardíaco (insuficiência coronária)”.

– “Afirma-se que os crucificados só morriam após dias na cruz ou ainda mais tarde. Muitas vezes colocava-se no madeiro vertical da cruz um pequeno apoio para os pés, chamado “sedile” (assento) ou “cornu” (corno). Se o crucificado em sua angústia se apoiava de vez em quando no sedile, o sangue subia de novo à parte superior do corpo e o princípio de desfalecimento desaparecia. Quando se queria acabar finalmente com o sofrimento do crucificado, recorria-se ao “*crurifragium*”: quebravam-se os joelhos a golpes de bastão. Então, não podendo mais apoiar-se nos pés, ele morria rapidamente de insuficiência cardíaca”⁸⁷.

– Cristo, pois, meus prezados companheiros de estudo – prosseguiu Árago – morreu quando bem entendeu, com se recusar a apoiar-se nos pés, como faziam os ladrões. Com ser mais inteligente, Cristo pode observar que a morte na cruz, se dava sempre após o *crurifragium*. Então aplicou a si mesmo o princípio do *crurifragium*, dependurando-se nos cravos das mãos, com o que veio a morrer antes do tempo normal...

– Logo – tornou Hierão – o mestre Árago concorda com Bruco, em que o homem pode, por sua livre vontade, abreviar seus padecimentos?

⁸⁴ Marc 15, 44

⁸⁵ Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 313

⁸⁶ João 19, 31

⁸⁷ Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 314 – 315

– Se estiver sob tortura imposta por outros homens, pela sociedade, pode; tal foi o que fizeram Jesus e Sócrates.

– Mas dar a morte a si próprio chama-se em bom português, *suicídio*! Irra! Teria Cristo se suicidado? – perguntou Hierão.

– Dê o nome que quiser – prezado Hierão – eu apenas examinei os fatos, e estes nos levaram aí.

– Sabe lá, o prezado Mestre, as conseqüências morais e sociais dessa verdade? – questionou Hierão.

– Sei – prosseguiu Árago. Os que estiverem para ser torturados e assassinados por outros homens, poderão suicidar-se.

– E os que sofrem a tortura das doenças incuráveis, do câncer, por exemplo, acaso podem suicidar-se também? acaso podem os médicos aplicar a eutanásia a pedido ou não dos doentes?

– Alto lá, Hierão! Eu não dei premissa para essas conclusões. No caso das doenças funciona outra justiça que não a caricata justiça humana, a qual eu escrevo com “j” pequeno. Agora você tocou na Justiça com jota maiúsculo, ante a qual me curvo respeitoso... Uma é a justiça humana; outra a divina. Todo o julgamento humano não é um, mas, dois; um com que a justiça julga o réu, e outro com que a posteridade e Deus julgam a justiça, essa coisa convencional, humana e torta, cujo estudo não só absurdamente dão o nome de ciência, como ainda dizem ser direito... Cristo foi julgado e condenado e morto; julgado, condenado e morto foi Sócrates. Os tais cientistas do direito fizeram estas duas coisas tortas. E desde então a lei tem sido julgada e eu me rio dela. Uma justiça que é duas, uma para o rico que pode pagar, e outra para o pobre que o não pode, mostra bem ser pura invencionice da arte humana, e não ciência... É de Sócrates a elocução que diz:

“Assim eu me vejo condenado à morte por vós; vós, condenados de verdade, criminosos de improbidade e de injustiça. Eu estou dentro da minha pena, vós dentro da vossa”⁸⁸.

– Infinitamente acima da lei humana está a Lei Divina que se acha impressa na consciência do homem. Essa é a Lei que devemos obedecer, como apregoava Sócrates. São as leis universais, leis cósmicas. Han Ryner escreve, como se fora Antístenes:

– “Sócrates ensinava a ser homem e não a ser cidadão”, diz o filósofo francês pela boca de Antístenes. E mais: “A virtude se recusa a matar; mas toda pátria exige que eu mate aquele que ela chama inimigo. Se não consigo matá-lo hoje, é possível que amanhã ele se torne nosso aliado e a pátria exigirá que eu o auxilie a assassinar meu amigo de hoje”.

– “Homens virtuosos ter-se-iam recusado a preparar a cicuta para Sócrates ou conduzi-lo à prisão. Mas os olhos da lei que lhes ordenava essas coisas, eram corrompidos”.

– “A virtude não obedece senão à própria consciência. Nada tem a ver com as leis”⁸⁹.

– Da justiça humana já dizia Vieira: “Que importa que saísseis escusado do tribunal, se o tribunal fica acusado? Passai pela chancelaria este despacho, deixai-o por brasão a vossos descendentes, sereis duas vezes gloriosos”⁹⁰. E noutro lugar: “Que importa que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciência não está limpa?”⁹¹. Mais: “Sempre a justiça é zelosa contra os que podem menos”⁹².

– Tal a justiça humana, em razão do que dizia Vieira serem mais de se temer os juízos dos homens que os de Deus; porque os julgamentos de Deus são justos, e se sou inocente não pago nada; não com os juízos dos homens, pois sendo injustos punem inocentes seja ele um Cristo, seja um Sócrates...

⁸⁸ Platão, Apologia de Sócrates, 78 – Atena Editora

⁸⁹ Platão, Apologia de Sócrates, 95 – Atena Editora

⁹⁰ Vieira, Sermões, 1, 227 – Ed. das Américas

⁹¹ Vieira, Sermões, 1, 347

⁹² Vieira, Sermões, 2, 52

– Ora, se essa lei caricata me condena à morte por meio de torturas, mato-me. Todavia se a verdadeira Lei, a Divina, me impõe um câncer, cumpre-me sofrê-lo até o último alento. Tal é como agiria se fosse submetido a essa prova.

– Está satisfeito, Hierão?

– Estou.

– E você Bruco, que me diz?

– Essa Lei Divina – tornou Bruco – imanente no Cosmos, que, como você diz, se acha impressa na consciência do homem, a qual devemos obedecer, é a que se chama direito natural; são as regras e doutrinas emanadas do bom senso e da equidade. E por ser natural não foi o homem que inventou, sendo, portando, o objeto da ciência do direito. Já o direito positivo não é mais que a interpretação que cada povo e nação dá do direito natural sobre que se apóia. Esse sim é da invenção humana, e por isso relativo no tempo e no espaço. O direito positivo é tanto mais perfeito quanto mais se identificar com o direito natural dentro do qual tende a desaparecer por assimilação.

– E por quais dessas leis foram condenados Cristo e Sócrates? – interrogou Árago.

– É claro que foi pelas leis do direito positivo que vigorava, respectivamente, na Palestina e em Atenas.

– Logo, Cristo e Sócrates foram com justiça executados como contraventores das leis do direito positivo vigentes em suas pátrias? – tornou Árago.

– Sim, foram – respondeu Bruco. Eles perturbaram a ordem social. O escravo que foge ou incita outros a fugir é corrupto e corruptor, e por estas coisas punido pelas leis que fazem legal a escravidão. O direito positivo visa o interesse da classe dominante, isto é, do mais forte. É por isso que os gênios são massacrados; eles perturbam a ordem dos mais fortes. Cristo pregava a igualdade entre os senhores e escravos, no passo que Sócrates mandava obedecer à consciência ao invés de o Estado. Se Cristo voltasse hoje à terra a curar enfermos como fazia outrora, seria condenado à prisão por exercício ilegal da medicina... A lei não só é cega, mas asnática, pois permite ter um crucifixo nos tribunais que condenariam o mesmo Cristo por fazer hoje o que lhe era lícito fazer outrora.

– Ou o gênio traz inovações ao estabelecido – tornou Árago, ou não é gênio; se traz inovações é destruído em nome da lei conservadora que passa, como um rolo compressor, por sobre as gentes; ai de quem se salientar!... esse será compelido a meter-se no seio da massa amorfa de medíocres; e se resistir, morre. Não é mesmo assim, caro Bruco?

– Exatamente.

– Então desprezo essa lei que nivela homens – prosseguiu Árago – destrói gênios, avilta e mediocriza valores. Prefiro morrer com Sócrates e com Cristo do que aplaudir tal justiça caricata.

– Nisto estou plenamente de acordo – disse Bruco – e ainda seu discurso abalou-me a convicção relativa a que me poderia suicidar em caso de moléstia incurável e fatal. Por sim ou por não, cumprirei a vontade de Deus, se por Justiça sua, me sobrevier algum mal... Não fugirei à corrigenda divina quando ela se me apresentar... Todavia este assunto suscitou um outro que lhe é conexo.

– Qual?

– É se devemos ou não buscar a cura para nossos males visto que eles são correções impostas pela justiça divina. Se a lei divina me pune porque errei; não seria errado buscar eu safar-me da dor, curando-me? Neste caso, toda essa medicina não seria um atentado contra a Justiça mais alta? Se não se pode atentar contra a justiça humana, contrariando a ordem social, como o fazer contra a vontade cósmica cujas leis, porque violadas, causam dor? E se não me curo da doença curável, e por isso venho a morrer dela, não serei, acaso, incurso no delito de suicida também ?

– Grande questão você propôs, Benedito Bruco – prosseguiu Árago, digna do esforço dos filósofos. Nós iremos cuidar dela, algum dia, querendo Deus. Mas isto não poderá ser nestes “Serões Bíblicos”, porque fazer isto seria fugir ao tema a que nos subordinamos de começo.

Quando você e Hierão me propuseram estudarmos este tema, vi, de pronto, que ele se enquadrava no assunto maior, por causa da morte de Cristo. Agora, todavia, isto de saber se devemos ou não buscar a cura para nossas doenças, foge ao tema bíblico, podendo, quem sabe, enquadrar-se nalguma nova série de serões que não sei se virão. Praza a Deus que venham. Hoje porém, como já é tarde, vamos ficando por aqui.

X – Do 1.º ao 4.º dia da Criação

Na casa de Árago a vida corria como sempre, monótona e pacata, como é toda vida no litoral. Mas esta imobilidade física fora buscada, de propósito, visto ser condição necessária à concentração mental do filósofo. Depois do esforço metódico a que se impunha, saía o pensador pelas praias, a espaiar-se, descansando a vista nos abricoteiros folhudos e nas palmeiras que se recortavam sobre o fundo esverdeado do mar.

Um dia, tornando do seu passeio, encontrou Chilon à sua espera, pois dona Cornélia lhe havia dito que Árago não deveria demorar-se. E tanto que Árago o avistou, foi-lhe logo dizendo, antes de o cumprimentar:

– Que se passa com você, Chilon, que já há três dias, não me vem à casa? Por que se refugiou você na pensão? acaso magoei-o nalguma coisa?

– Qual nada! É que me tenho ocupado em discutir a Bíblia com Lumbaio!

– Quem é Lumbaio?

A esta pergunta de Árago, Chilon franziu a testa com surpresa e redargüiu:

– Será que o senhor já se esqueceu dele? Pois Lumbaio é aquele camelô que vendia bugigangas lá no Largo da Matriz, por ocasião da festa de Nossa Senhora dos Navegantes!... está se lembrando?... é aquele que, para se ver livre das importunações de Alonstro, o testemunha de Jeová, atacou a Bíblia.

– Ah !... sim, sim! Agora me lembro... Lumbaio, então, está aqui?

Fez sim com a cabeça Chilon, continuando, a seguir:

– Ele voltou à Cananéia, a “negócios”, pois é um cigano consumado, mestre em manhas e patranhas. Ora vende pedras-de-cevar aos tolos, de mistura com quinquilharias, sementes, defumadores, folhas, raízes, cascas de plantas, peles, chifres, unhas e dentes de bichos. Ora para impressionar os presentes, se aproveita daquele princípio da física, o da variação da densidade de um sólido poroso mergulhado num líquido, e isto, pelo aumentar e diminuir a pressão do líquido, apertando ou afrouxando o tampão do frasco, fazendo subir e descer uns bonequinhos. Esta experiência, como o senhor sabe, pode ser feita com um palito de fósforo dentro dum litro d’água. Com o dedo feito tampa, a gente faz o palito descer ou subir, conforme pressiona ou afrouxa o dedo, variando assim a pressão do líquido e provocando a descida ou subida do palito.

Acompanhando, atento, a descrição de Chilon – acrescentou Árago:

– Lúdio é o nome desse aparelho de física descrito por você.

Sem perder o fio da conversa, prosseguiu, Chilon, com entusiasmo:

– É de ver como Lumbaio faz escarcéu ao intimar os “guias”, os “protetores”, a baixarem do cimo, onde se ocultam, para fazerem medidas ao bando de crendeiros que lhe trazem o dinheiro. Há uns papéis impressos com as chamadas tintas simpáticas as quais só se revelam ao serem expostas aos vapores de amoníaco. As toupeiras que o cercam nas praças, escrevem, de um lado, seus nomes e endereços, e os “guias”, “Cosme e Damião”, fazem aparecer uma autêntica mensagem “espírita”(!) no verso...

Árago meneava a cabeça acompanhando a dissertação do amigo, acrescentando, por sua vez:

– Essa é uma das causas de descrédito do Espiritismo. Nas outras religiões há pastores e há padres que são os doutos especialistas nos assuntos de suas religiões, somente passando por pontos de fé, entre os crentes, o que estas autoridades disserem. Já no Espiritismo qualquer ignorante pode ser autoridade, pois se diz médium de um grande guia infalível. Quem perambular pelos centros espíritas, como já tenho feito, verá quanta asneira anda por aí; baboseiras não só que se dizem, mas que também se escrevem; nunca vi tanta toleima impressa, e ainda na água-rala de um mau português. E me vem depois dizer que Espiritismo é ciência e filosofia e não religião; ciência que está como nasceu, sem método e sem objeto definido, cujos fatos são as falas dos espíritos através dos médiuns. Espíritos de alta hierarquia moral, dizem, de profunda pureza de esferas muito altas,

mas que não são lá muito inteligentes nem sábios, a julgar pelo que disseram, em livros, doutoral e dogmaticamente. Uma ciência, como se vê, puramente, revelada, porém, que não é religião...

– Lumbaio está hospedado na mesma pensão que eu – prosseguiu Chilon – veio desta vez para vender pedras-imãs as quais diz serem pedras-de-cevar. E jura que elas se reproduzem, pelo que ficam de graça a quem lhes vender as “crias...” Eu e ele temos discutido todos estes dias, pois o homem fora outrora protestante, zeloso da fé e cultivador das virtudes evangélicas. Depois leu o livro intitulado “Uma Análise Crítica da Bíblia”, da autoria de Shalders, e por isso arrenegou tudo, passando a xingar seus antigos confrades de estúpidos crendeiros; e assim, tendo-se tornado numa ovelha negra, passou-se duma vez para a esquerda do Cristo como cabrito. Afirmo agora que “morreu acabou”, em razão do que lamenta o ter perdido a flor-dos-anos em continências e mortificações da carne, quando podia ter gozado de todos os deleites que o mundo lhe pode dar...

Pondo-se em pé, e a andar, de um lado para outro, dentro da sala, e após pequena pausa, voltou-se bruscamente Árago para Chilon, dizendo-lhe:

– É por isso que sou contra a que filosofastros se ponham a discutir a Bíblia com o fim de desautorizá-la.

– Toda sua arenga anti-bíblica – continuou Chilon – se baseia nesse livro que ele conhece quase de cor... Vendo seu grande interesse pelo assunto, perguntei-lhe se sabia, acaso, da existência de alguma outra obra do mesmo gênero, ao que ele me respondeu que não. Ia-lhe censurar a falta de erudição, citando muitos outros nomes de acérrimos inimigos da Bíblia, tais como Vitélio Biberão, Blénio Trivelino, Alcibiades Bulhão, e outros, mas tive mão sobre mim, em tempo, lembrando-me de que, fazer isso, seria ativar-lhe o fogo que tudo já tinha consumido, sobrando apenas, como atestado final do negativismo, umas poucas cinzas ocultando algumas brasas. Por isso deixei que Lumbaio falasse só do que lera em C.G.S. Shalders.

E prosseguindo, Chilon, com a palavra, relatou a Árago tudo o que discutira com Lumbaio. Tornemos nós, também, atrás, no tempo, e vejamos, por nossa vez, o que nessas tertúlias se tratou.

* * *

Lumbaio, depois de acender um cigarro, tragou umas fumaçadas, dizendo, a soltar fumaças pela boca e pelo nariz:

– Conheço Shalders quase de cor; por isso meus comentários ao texto bíblico valem como citações livres do que aquele autor escreveu. Feita esta ressalva, prezado Chilon, podemos entrar no assunto, pois já tenho a Bíblia aberta aqui no Gênese. Veja se você pode safar-se destes apertos com que o vou azucrinar... Aqui está, em Gên 1, 1, que “no princípio criou Deus o céu e a terra”. Este céu a que se refere o texto, não pode ser o suposto lugar do universo, habitação de Deus, onde ele tem seu trono, e em que se acha sentado, cercado dos apóstolos, dos anjos e arcanjos, porque este céu deverá ter existido desde toda a eternidade, uma vez que é a habitação de Deus.

Em face desta proposição, Chilon, repuxando o canto da boca num gesto característico, seu, de contentamento e desdém, replicou:

– Um Deus que toma assento num trono, e se faz cercar de apóstolos, anjos e arcanjos, é um Deus antropomórfico, próprio para as mentes infantis dos primitivos. Mas deixemos isto por agora, e vamos por aqui: Se neste céu, pintado por você, há apóstolos, anjos e arcanjos, e existe desde toda a eternidade, então tais apóstolos, anjos e arcanjos coexistem com Deus como seres incriados. Mas é certo que estes seres são criaturas de Deus; logo foram criados e não coexistem com ele desde toda a eternidade, como você afirma. E se estas coisas inexistiam antes, e passaram a existir depois, constituindo elas o céu de Deus, segue-se, muito naturalmente, que o mesmo céu de Deus foi criado. Antes, pois, de ser criado o Universo no qual se inclui nossa Terra, Deus criou o seu ambiente próprio, o céu de Deus, como você diz, constituído de serafins, querubins, arcanjos, anjos, apóstolos, santos, etc. Disto, e por causa disto, e depois disto, foi criado o universo material,

e dentro dele, a Terra. Aquele Universo perfeito (o céu de Deus) derrocou-se no nosso atual que hoje retorna àquela perfeição antiga, por meio da Evolução.

– Está bem, disse Lumbaio; mas suponhamos que céu seja o que, noutro passo, se chama Firmamento, ou Universo, ou Cosmo, no seu aspecto físico, visível. Neste caso, a Terra, aqui, é considerada uma parte ínfima do Universo, como sabemos; ela é uma parte infinitesimal desse estupendo Universo. Não devemos esquecer, todavia, que a idade da Terra se mede ou se comprova pela existência dos depósitos geológicos, dos fósseis, que são restos de vida, tanto de plantas como de animais. Porém, se as plantas e os animais só apareceram depois, já dentro dos seis dias da Criação, como é que se há de saber a duração dos dias anteriores ao aparecimento da vida? Como harmonizarmos os seis dias da Criação com a longevidade primitiva da Terra, de quando ainda não podia haver registros fósseis?

Acendendo os olhos de júbilo, respondeu, Chilon, sofrendo seu entusiasmo:

– Você Lumbaio, e seu mestre Shalders estão atrasados! Os chamados dias da Criação, que são eras geológicas, não se medem só pelos depósitos orgânicos, mas, sobretudo, pelo urânio das jazidas. O relógio da geologia é o urânio que não só os restos fósseis. E o tempo deste relógio terrestre bate com o do Universo cuja idade se mede pelo afastamento das galáxias de um centro comum. Em 1902, o sábio alemão Prof. Delitzsch, escreveu em sua obra “Babel e a Bíblia”: “Como tem sido e serão sempre inúteis todas as tentativas para fazer concordar a história da criação bíblica com os resultados da Ciência Natural !”⁹³. E prossegue W. Keller, falando do Prof. Delitzsch: “E ele não era o único que sustentava tal opinião; o que fez foi expressar apenas a opinião da Ciência do seu tempo”⁹⁴. Mais: “Na Era do Progresso achou-se também a resposta para uma pergunta que tem comovido profundamente a humanidade desde os primórdios, a primitivíssima questão da origem da nossa Terra e do Universo. E eis o que surpreende: a resposta da Ciência concorda em sua essência com a imagem maravilhosa da história bíblica da Criação!”⁹⁵.

Depois de uma pausa, em que Chilon se descansava olhando a paisagem distante, continuou:

– É inútil discutir estas coisas da Bíblia, com rigorismo científico, sem conhecer primeiro, as referências de Moisés. Há dois pontos bíblicos que dizem ser “mil anos como se fora um dia”⁹⁶. Além disto até o próprio Vaticano, como referem A. Leterre e W. Keller, “já aceitou a tese de serem esses dias, não tomados como compostos de 24 horas, mas, imensos períodos geológicos e cosmogônicos”⁹⁷. Sabido que Moisés tirou o material para o seu Gênese dos cuneiformes babilônicos, que o anteciparam de quatro mil anos, e também dos livros de Zoroastro, basta ir a essas fontes para se saber que dias é igual a eras.

A estas palavras, Lumbaio fechou a Bíblia, deixando dentro o dedo indicador para marcar o ponto; e sacudindo-a assim fechada, em frente ao rosto de Chilon, foi-lhe dizendo, em tom de ironia:

– Eis então que Moisés foi um dos primeiros grandes mentirosos da História, pois dizendo ter recebido tudo de Jeová, na verdade, tudo tirou dos povos que o anteciparam. Em que, logo, consistem a inspiração e a providência divinas da Bíblia, tão decantadas?

– A primeira providência de Deus – respondeu Chilon sem se perturbar – foi fazer nascer Moisés que era um gênio, no meio do povo escravo. A segunda foi permitir-lhe educar-se com os sábios do Egito. A terceira, inspirar-lhe a idéia de que deveria enfeixar em si todos os valores do passado, como uma grande síntese viva, para daí prosseguir o futuro. A quarta, e mais importante providência de Deus, foi recomendar (inspirar) a Moisés que afirmasse, sem reboços, que tudo viera

⁹³ Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 347 – Ed. Melhoramentos

⁹⁴ Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 348 – Ed. Melhoramentos

⁹⁵ Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 347 – Ed. Melhoramentos

⁹⁶ II Pe 3, 8 e Sal 90, 4

⁹⁷ A. Leterre, Jesus e Sua Doutrina, 182 – W. Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 348

de Deus diretamente a ele, que de outro modo, o povo iria atrás de outras fontes místicas e míticas, perdendo-se no caos, como está acontecendo agora aos Lumbaio que, de crentes, se fazem incrédulos. E Moisés fez tudo isto pela providência de Deus, ou Deus fez tudo isto pela instrumentação de Moisés. Nisto consistiram a inspiração e a providência divinas. Agora todos os Lumbaio discutem e negam; mas, os tempos correram, e Cristo fez outra síntese, condensando em si os mitos solares, e isto já vai para quase dois mil anos. Enquanto os cães ladram, a caravana passa; Deus está alcançando os seus fins pelos nossos meios, conosco, ou apesar de nós. Tal é, Lumbaio essa fabulosa providência divina!

E dizendo isto, voltou Chilon a olhar o mar distante, onde algumas lanchas vagavam. E nessa postura cismativa, continuou a falar, de costas para Lumbaio:

– É este o pensamento que teve Sir Isaac Newton, não só para respeitar a Bíblia, como ainda para publicar estudos sobre as profecias de Daniel e do Apocalipse. E você, Lumbaio – disse, voltando-se para este – só numa coisa poderá superar o gênio de Isaac Newton: é na arte de enganar os tolos, como é aquele Tonhão Porcelo, atrás do qual você anda.

– Obrigado pelo elogio – redarguiu Lumbaio, com um sorriso zombeteiro; – até que enfim alguma coisa sou maior que Newton! Mas continuemos: Aqui, a descrição do Gênesis diz que “da tarde e da manhã” se fez tal dia. Se no lugar de dia devemos entender era, por que empregar as palavras “tarde” e “manhã” de tal dia, e não, princípio e fim de tal era?

– Porque – argumentou Chilon – se em lugar de eras geológicas se disser dias, coerentemente, não se há de falar em começo e fim de era, mas, em tarde e manhã de dia, pois a manhã do dia está para o começo de era, assim como a tarde está para o fim dela. Se é de dia que se fala, fim e começo se chamam tarde e manhã.

– Se em lugar de seis dias – acrescentou Lumbaio – se deve dizer seis épocas, então a Criação terminou em um tempo passado, e Deus, desde então, permanece inativo, havendo entrado em seu descanso na sétima era, que abrange o nosso tempo atual?

– Conquanto Moisés – arrazoou Chilon – tivesse tirado consequências políticas e sociais deste acontecimento cósmico, legislando o descanso no sétimo dia, não se segue, por isso, que Deus esteja inativo, por duas razões: a primeira é por que conservar a obra também é trabalhar, e daí o ter dito Cristo que seu Pai não cessa de trabalhar até agora e ele também⁹⁸; a segunda razão é que as falas de Deus, na inspiração de Moisés, tinham em vista os homens da Terra, e não outras criações, outros universos que Deus podia ter produzido alhures, além da nossa curvatura espaço-tempo, da qual nem a mesma luz sai. Além do ponto onde a luz se encurva e nos circunda, pode haver outras criações, mas nós não podemos alcançar se existem ou não. E se quisermos dar que Deus descansa, tenhamos presente que sim, descansa, com ter penetrado o homem na era do Espírito, pois as fases da formação biológica estão superadas conforme o atesta a própria Ciência. Nenhuma mutação biológica faria o homem mais perfeito do que já é; seu cérebro possui reservas imensas ainda inexploradas. O sétimo dia não serve só para o descanso, como medida higiênica, tendente a fazer recuperar-se o corpo da fadiga, mas, sobretudo, é para a santificação; ora, a santificação ou ascetismo é labor também, porém, doutra espécie, não se referindo às coisas do corpo, senão às da alma.

Lumbaio ficou parado um tempo, de olhos no chão, fitando o vazio, enquanto remoía os últimos argumentos de Chilon, depois do que sentenciou em tom peremptório:

– Adiante! Em Gên 1, 2 a 5, está o relato de que Deus criou, no primeiro dia, a luz. Foi a luz que Deus criou, ou foi sua fonte, o Sol?

– Deus criou a luz – respondeu, Chilon – antes de o Sol, porque, sendo a matéria condensação de energia, primeiro houve esta, isto é, a luz, antes de existir o Sol, como sua condensação. Hoje o Sol é a fonte da luz que nos vem, porque toda a energia está na fase evolutiva,

⁹⁸ João 5, 17

dispersiva ou centrífuga; todavia aquela luz primeva era acantonante, convergente, centrípeta a um ponto, vinda da periferia; e nesse ponto deu-se a transformação da energia na matéria. A respeito disto escreveu Vieira, antes do “Século das Luzes”, e do advento das ciências: “São Tomás, e com ele o sentir mais comum dos teólogos, resolve que a luz que Deus criou o primeiro dia, foi a mesma luz de que formou o sol ao dia quarto (...) No primeiro dia foi criado o sol informe, no quarto dia foi criado o sol formado”⁹⁹. De minha parte acho muito, caro Lumbaio, que a inspiração de Moisés (ou daqueles nos quais se baseou) tivesse captado esta verdade essencial que só agora, note bem, a ciência descobriu, qual seja, a de que o Sol nasceu da sua luz, e a matéria, da energia!

E curvando os cantos da boca para baixo, numa expressão de sarcasmo continuou Chilon:

– Se o Gênese fora escrito por algum Lumbaio, certamente ele teria errado fazendo Deus criar primeiro a matéria, depois a energia e finalmente o espírito. O espírito e a energia seriam produtos da matéria, porque, se para um Lumbaio houvera Deus, este havia de ser material... Mas Deus é Espírito, pensava Moisés; logo o ato primeiro do seu poder criador foi gerar puros espíritos, a corte angelical. Da queda de parte destes espíritos surgiu a energia, a luz, que se encurvou na matéria. No princípio era o Espírito, e o Espírito estava com Deus, e o Espírito era Deus. Depois veio a luz da qual a matéria se fez. Por isso o “céu de Deus”, para usar sua expressão, rodeia todo o Universo. Ir, pois, para o centro do Universo, que é aquele ponto de onde todo ele agora se afasta, é involuir; avançar para sua periferia é evoluir. Encaminhar-se para qualquer centro, seja o da Terra, seja o do Universo, é, sempre, involuir; evadir-se para a periferia, para os espaços cada vez mais abertos, é evoluir. O Universo físico é um tumor no seio orgânico de Deus e pode haver outros tumores, outras bolsas de matéria, lá para além de onde a nossa luz se encurva e nos circuita; seriam outros Universos de nós ignorados...

– De onde você tirou isso? – interrogou Lumbaio.

– Esta é a doutrina de Árago, o sábio daqui de Cananéia... – E prosseguiu:

– Há um século os cientistas dogmatizavam empertigados nas suas cátedras: “Entre a matéria e a energia há um abismo intransponível; diante disto, portanto, a Bíblia estaria errada. Hoje a mesma ciência sentencia, enfaticamente: “Matéria e energia são uma e a mesma coisa”; e agora a Bíblia está certa. Numa aldeia de Gasconha, em 1800, em pleno dia, caiu do céu uma saraivada de pedras meteóricas. Enviado que foi um relatório da ocorrência, com 300 assinaturas para a Academia de Ciências de Paris, a resposta desta foi o seguinte: “A Academia lamenta verificar que nesta nossa época tão esclarecida (!) ainda existam pessoas tão supersticiosas que acreditam na possibilidade de caírem pedras da abóbada celeste”. Quando em 1807 caiu uma pedra dessas em Connecticut e dois professores pediram permissão ao Governo para desenterrá-la, o Presidente Jefferson recusou, fazendo a seguinte observação: “É mais provável que dois professores ianques, estejam mentindo do que uma pedra cair do céu”¹⁰⁰. Também o grande Lavoisier decretara que do céu não caem pedras, simplesmente por que no céu não há pedras. Diante destas sentenças inapeláveis, a Bíblia teria mentido, quando falou da chuva de aerólitos caída sobre o exército dos amorreus¹⁰¹. Hoje, entretanto, qualquer criança de escola primária sabe que dos céus caem pedras sim senhor, sendo muito de se lastimar que sempre tivessem existido tais “academias”, tais “sábios” e tais homens de “visão” a emperrar a marcha do progresso que vinha exatamente provar que a Bíblia era fiel em seus relatos.

– Todavia - acrescentou Lumbaio - essa luz que o Gênese diz ter sido criada no princípio, já existia desde a eternidade, porque de acordo com a Bíblia, Deus habita em uma luz inacessível. Ele é a própria luz¹⁰².

⁹⁹ Vieira, Sermões, I, 182 – Ed. das Américas

¹⁰⁰ Fritz Kanh, O Livro da Natureza, I, 175

¹⁰¹ Josué, 10, 11

¹⁰² I João 1, 5

– Luz é o nome genérico – retrucou Chilon, com entonação de enfado, que significa muita coisa. – se o que você afirma fosse exato, sendo Deus a mesma luz, ao criá-la, criava-se a si mesmo. Se ele habita na luz, então não é a luz, porque o habitante não é a mesma habitação. Além disso você declarou ser inacessível aquela luz na qual Deus habita, por conseguinte não se trata desta luz acessível que nos penetra os olhos, que nos envolve, na qual habitamos e da qual nos nutrimos, visto que somos seres lucífagos além de lucigênicos. Qualquer individuação é resultante do elemento do seu meio; a matéria é individuação do meio energético que a cerca, do mesmo modo que os anjos são concentrações daquela luz inacessível de Deus na qual habitam. A luz-energética, ao tornar-se em matéria, parodia a luz-divina-essencial que se tornou nos anjos. Por consequência, a luz referida por João é Jesus Cristo, dada como sendo a luz-dos-homens. Jesus é parte daquela luz-divina-essencial-inacessível que circunda o Universo físico, a qual se concentrou naqueles focos crísticos que são os anjos; trata-se, portanto, de luz moral, que não desta outra que se concentrou em matéria nos primórdios de nosso Universo. Deus está para além do espaço (matéria) e do tempo (energia) no reino do puro pensamento (espírito), sendo, logo, de natureza moral. Deus é da natureza de Lei de Princípio que a Ciência não inventa, mas descobre.

Lumbaio, meio enleado pelo discurso acrológico de Chilon, saiu-se com mais esta sem-razão do seu mestre Shalders:

– Dizer então que Deus criou a luz, independente de haver primeiro criado sua fonte, o Sol, equívale a afirmar que ele deu ao éter a propriedade de vibrar com certa frequência, aquela que nossos olhos vêem como luz; mas para isto levaria Deus um dia inteiro que representa uma época de milhões de anos? Não bastaria só o exercício da sua vontade para efetivar esse acontecimento?

Com ar chistoso, respondeu, Chilon, sem se perturbar:

– Você mesmo, Lumbaio, foi o que disse, não eu, que “Deus deu ao éter a propriedade de vibrar”; ora, para que o éter pudesse vibrar, preciso era criar o éter, ou seja, o espaço, para que, depois, a luz fosse apenas vibração do éter, ou perturbação do espaço. Você está vendo como a coisa se complica, pelo que foi preciso nisto gastar um dia? Se nem a ciência apreende, ao certo, o conceito de espaço, como julga você fácil o ato criador de Deus

– Está bem... está bem... – redarguiu Lumbaio; – dou que o seja assim. Todavia, por que acrescenta o texto que viu Deus que a luz era boa; acaso faria Deus uma coisa que não fosse boa?

– O conceito de bem e de mal – retorquiu Chilon – ainda não se tinha formado. E como as Escrituras se escreveram para uso dos homens, e não para o de Deus, precisava ficar explícito que o que Deus faz é bom, pois os primitivos não sabiam disto, como nós, hoje.

Lumbaio dava mostras de impaciência; mas não querendo dar-se por vencido, saía-se com qualquer coisa do seu Shalders, unicamente para não ficar quieto. É assim que vozeou irritado:

– Onde há luz pode haver trevas? Não são as trevas ausência da luz? Por que foi preciso a intervenção do Criador para separar a luz das trevas?

– Hoje, prezado Lumbaio, sabemos disso. Mas o primitivo dá realidade à sombra e às trevas. E Moisés falava a primitivos que não a nós. Contudo, agora, se você mo permitir, quero interrogá-lo um pouco!

– Seja como quiser – anuiu Lumbaio contrafeito.

– Você não me disse que a treva é ausência da luz?

Fez sim, com a cabeça, Lumbaio.

– E atrás você não afirmou que Deus é a luz?

– É o que se acha escrito em João – disse ele.

– Por conseguinte, as trevas são ausência de Deus?

– Concordo que o seja.

– Então, onde houver trevas, aí não há Deus?

– Isso é evidente; de acordo com a premissa aceita, a consequência, agora, me força a dizer que não há.

– Portanto, como a maior porção do Universo é treva, segue-se que nessa Deus não está, não é assim?

– É... com relutância o digo.

– Logo, essa parte está fora de Deus; e se Deus pode ter foras, tem limites; e se tem limites é finito; e se é finito não é Deus! Todavia Deus é infinito, você não acha?

– Acho; pelo menos para efeito desta nossa discussão, aceito que Deus existe pelo que lhe não posso negar o atributo de infinito.

– Consequentemente Deus está em toda a parte por onipresença, achando-se também nas zonas trevas do Universo; está certo isto?

– Está.

– E se Deus disse que a luz é boa, então, o oposto, as trevas, é o mal; e como ele tanto está na luz como nas trevas, então tanto está no bem como no mal?...

– Perdi, agora, o pé – disse Lumbaio. – já não entendo mais nada...

Ante este embaraço de Lumbaio, prosseguiu Chilon, com gosto, a sorrir:

– Pode continuar com o seu Shalders. Eu só estava dando um fio na espada da dialética, que o mestre Árago me está ensinando a usar!...

– No Gênese 1, versículos 6 a 8, está assim: “Disse também Deus. Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas... etc.” A linguagem aqui é meio obscura, não acha?

– Para nós, com nossa forma mental, sim; mas sê-lo-ia para os primitivos? A linguagem duma criança é ininteligível para quem não conviva com ela; todavia sua mãe, quando lhe fala naquela mesma linguagem, faz-se entendida. Ora, Moisés (ou Deus por ele) não nos tinha a nós em conta ao escrever do Pentateuco o Gênese. Separar umas águas doutras águas, significa formar os mares da grossa capa de vapores que obscureciam, por inteiro, a face do Sol. Imagine que chuvas torrenciais caíram, como que na chapa quente dum fogão, evaporando-se em seguida, e assim, por centenas de milhões de anos. Até que a Terra se resfriou mais, e as águas líquidas puderam ficar embaixo, formando os mares ferventes. Separar umas de outras águas significa isto: separar as águas gasosas das líquidas.

– Aqui, em Gên 1, de 9 a 1 – prosseguiu Lumbaio – “disse Deus: As águas que estão debaixo do céu ajuntem-se em um mesmo lugar, e o elemento árido apareça. E assim se fez. E chamou Deus ao elemento árido Terra, e ao agregado de águas Mares”. Além do descrito nesta parte, Deus criou, neste dia terceiro, os vegetais. Conclui-se do texto, portanto, que o trabalho de Deus durante o terceiro dia da Criação consistiu em separar os continentes dos mares e criar o reino vegetal. Quanto à primeira parte, não obedeciam as águas às lei da gravidade desde o princípio? Necessitaria para ajuntamento das águas alguma determinação especial?

– Para que as águas pudessem escoar para as depressões – replicou Chilon – preciso era que estas se formassem. E não há enrugamento nenhum que só forme reentrâncias e não também saliências. Por isso, falar em separação de águas e terras é referir-se ao que os geólogos classificam de era do levantamento dos continentes.

– Então até o terceiro dia – redargüiu Lumbaio – a superfície da Terra era destituída de rugosidade, completamente coberta de águas. Durante o terceiro dia, então, Deus fez surgir as elevações, as depressões, as montanhas, os planaltos e os vales, obrigando-se as águas a correrem para as partes baixas, formando os mares; não é assim?

– Em todas as eras geológicas houve perturbações orogênicas que transformaram o relevo, modificando o aspecto físico do globo; porém estas perturbações, a que os especialistas dão o nome de *cataclismos geológicos*, marcaram certas eras indelevelmente. A elevação do grande monobloco continente, que, posteriormente, se fragmentou nos continentes atuais, ocasionando a separação dos mares, deu-se na era Arqueana, depois do que, a vida vegetal, surgida nos mares, ganhou a terra enxuta. Quer dizer que a era Arqueana geológica corresponde ao terceiro dia da Criação; logo a

Primária corresponde ao quarto dia; a Secundária, ao quinto; a Terciária, ao sexto; e a Quaternária, ao sétimo.

A estas observações de Chilon, Lumbaio depôs a Bíblia sobre o peitoril da janela, a fim de acender um cigarro. E enquanto meditava sobre o que dizer, puxou umas fumaçadas, falando, a seguir:

– Ainda tornaremos a este ponto, porque o texto diz que Deus descansou ao dia sétimo, e não que executou as obras correspondentes à era Quaternária. Porém, para não nos perdermos em pormenores, toquemos por diante. No capítulo 1, versículos 14 a 19 do Gênese, diz assim: “Disse também Deus: Façamos uns luzeiros no firmamento do céu, que dividam o dia da noite, etc.” Se o Sol foi criado aqui no dia quarto, em torno de que centro girava o nosso sistema planetário até então?

Ao tempo em que Chilon se dispunha a deslindar mais esta questão, Lumbaio fez-lhe sinal, com a mão, para que esperasse. É que ele estava atento a observar os movimentos de Tonhão Porcelo que atravessava a rua vindo no rumo da pensão a procura de Lumbaio, pelo que disse este:

– Encerremos aqui nossa disputa por hoje; aí vem Tonhão solicitar os meus serviços. Preciso ir preparar-me a fim de recebê-lo. Para ele eu sou um grande missionário, um profeta ou mago da estatura e força de um Balaão e por isso ele me tem fé... e preciso aproveitá-la bem...

Ao proferir, sorrindo, estas últimas palavras, Lumbaio sublinhou-as, como se fora com um traço, ao tempo em que esfregava o polegar no indicador, para dizer que era de dinheiro que se tratava. A discussão de ambos ficou parada nisto, por culpa de Tonhão Porcelo que viera, espontaneamente, trazer a própria pele a seu escorchador.

Este foi o assunto da discussão entre Lumbaio e Chilon nos três dias da ausência deste na casa de Árago. Depois deste relato de Chilon, disse-lhe o mestre que esteve o tempo todo a ouvi-lo:

– Muito bem, Chilon! Gostei de ouvir sua dissertação. Houve momentos em que me senti falando por sua boca, como se você me fora porta-voz, dado que suas palavras eram como se foram minhas. Agora, se lhe apraz, vamos dar um passeio de canoa aí pelo Mar-de-Dentro, visto que preciso chegar até meu telheiro, a fim de buscar o rifle que esqueci fora da capa, exposto, portanto, à umidade e à ferrugem.

XI – Do 4.º ao 6.º dia da Criação

No outro dia Chilon já tomara seu banho de mar, pela manhã, em companhia de Árago, e com este andara jogando tarrafá nas praias. Mas quando Árago o convidou para ir conhecer como é feita a pesca em alto mar, ele pediu para adiar o passeio, dizendo precisar encontrar-se com Lumbaio, após o almoço, na pensão.

– Está bem, disse Árago. Vá ter com Lumbaio, e depois me conte como a discussão se desenvolveu.

Chilon dirigiu-se à pensão, a fim de encontrar-se com Lumbaio. Este permanecera na cama até tarde, visto ter-se deitado muito depois da meia noite, pois essa era a hora em que começavam seus “trabalhos”. Ele agia com extrema cautela, sem pressa, dando tempo a que seus crendeiros lhe assimilassem bem as sugestões. Arrancar o dinheiro aos tolos é fácil, porém, perigoso; era preciso afastar o perigo, e o jeito seria tornando-os ainda mais atoleimados. Esperava, portanto, que seus crentes se tornassem totalmente fanáticos, para não ter quem o denunciasse, de repente, à polícia. E quem trabalhara tanto, e até tão tarde, tinha o direito de refazer-se, ficando mais tempo na cama.

Após o almoço, foram, Chilon e Lumbaio, para o quarto deste, e aí reiniciaram o que ficara interrompido no dia anterior. Chegados ao quarto, e depois de sentados, Chilon na cama, e Lumbaio numa cadeira, falou este por primeiro, tendo já a Bíblia aberta no Gênese:

– Ontem ficamos parados neste ponto, onde eu dissera: Visto que o Sol só foi formado ao dia quarto da Criação, em torno de que centro girava o nosso sistema planetário até então?

– Diga-me, Lumbaio: você sabe o que seja uma galáxia?

– Sim, sei; é um turbilhão de estrelas.

– Isso você respondeu bem; e em torno de que centro giram os turbilhões, os vórtices, os torvelinhos, que tudo são sistemas centrífugos-centrípetos, ou perturbações do meio, os quais se deslocam pelo espaço de um lugar para outro? Você sabe que não é o ar que se desloca nos redemoinhos, mas apenas o efeito; um ciclone formado sobre o golfo do México pode varrer a Florida; não é o ar do golfo que se desloca para a Florida, mas o efeito-ciclone. Nos remoinhos aéreos e aquáticos você tem um exemplo do que falo. Em torno, pois, de que centro giram os vórtices?

Lumbaio embatucou, por um pouco, vendo que Chilon o forçava, pelo método socrático, a responder-se; porém, não teve outra saída senão dizer:

– Em torno de um eixo de forças, invisível, porém, que existe como energia.

– E um sistema planetário – retrucou Chilon – ao formar-se, não é, também, um turbilhão menor a girar dentro dum maior, que é o galáctico?

– Sim – fez Lumbaio com a cabeça.

– Logo – argüiu Chilon – em torno de que centro girava o nosso sistema planetário na época da sua formação?

– Acho que, então – replicou Lumbaio – em torno de um centro de forças, de um núcleo de energias radiantes que ainda não eram o Sol formado, mas, formando, ou seja, o Sol informe.

– Viu? – acudiu Chilon: – você mesmo se respondeu... considere ainda que grande parte das estrelas são gasosas, isto é, em formação, e só por isso visíveis, e compreenderá que o sistema planetário solar se condensou em globos planetários antes de o Sol formar-se, e ainda hoje, nele, não há nenhuma parte sólida.

Depois de fazer uma pausa para pegar um livro, concluiu Chilon:

– A mais recente teoria sobre a formação dos sistemas planetários é a esboçada pelos matemáticos ingleses. Partem eles do princípio de que a metade das estrelas formam sistemas duplos, onde corpos (às vezes um frio e escuro) giram em torno de um centro de gravidade comum. O Sol teria sido um sistema duplo desses, em que, como é comum acontecer, a estrela irmã, de material mais denso, explode. A estrela rebentada forma um anel em torno da outra, o qual se fragmenta em pedaços, cada um dos quais se torna planeta. “Assim se explica que nos planetas se encontrem elementos mais pesados do que no Sol; que os planetas oriundos de um anel rodopiante girem mais rapidamente do que a sua “estrela materna”, que não é sua “mãe” e sim sua “tia”, a irmã da mãe morta. O Sol não é nossa mãe e sim nossa nutriz. Nossa mãe morreu e nos deu à luz moribunda. Esta é a lei das estrelas: a mãe moribunda desfaz-se em filhos e estes giram em torno da irmã que fica”¹⁰³.

Fechou o livro, Chilon, mantendo ainda o dedo dentro dele para marcar a página. E como estava em pé, pois se tinha levantado para pegar o livro de sobre a mesa, andou até à janela a fim de espiar o mar distante, onde balançavam umas barcas de pesca. E sem se sair de onde estava continuou falando:

– Se esta teoria for verdadeira, a Bíblia está certa e o sistema planetário não só é mais velho, senão que contém material mais evoluído e pesado que o do Sol, no qual faltam os grandes átomos, sobretudo os radioativos. Ou Moisés era gênio ou era profeta: se era gênio sua mente

¹⁰³ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 146 e 147

alcançou esta verdade por intuição; todavia se era profeta, então a verdade lhe viera por inspiração das esferas mais altas. Em qualquer dos casos é admirável que a Bíblia tenha declarado que a Terra foi criada antes do Sol. E mesmo depois de o Sol criado, não era visível, por causa de toda a água planetária estar suspensa no espaço como vapores. Suponhamos que até o dia quarto a Terra fosse, como hoje é Venus, totalmente coberta por nuvens espessíssimas; os nossos dias chuvosos nos dão uma pálida idéia de como seria se toda a água terrestre estivesse em suspensão na atmosfera. Esfriada a Terra, caíram as chuvas e os mares se formaram. Dissipadas que foram, totalmente, as nuvens, o Sol, e a Lua e as estrelas, já criadas no princípio, puderam agora ser vistos.

– Vistos por quem? – atalhou Lumbaio.

– Ora essa! Visto por quem, como Moisés, se supusesse estar na superfície da Terra em tal época, pois é em função dos terrícolas futuros que a descrição é feita. Se nunca ninguém foi à Lua, como é que se imaginam quadros vistos da Lua? Nós, com nossa imaginação, podemos estar em qualquer parte e em qualquer tempo, porquanto a consciência está para além dessas dimensões; por isso Moisés se sentiu na superfície da Terra nessas prístinas eras ao descrever os acontecimentos.

– Se o Sol se fez visível ao dia quarto, – retrucou Lumbaio – por causa de caírem as chuvas torrenciais, então esta aparição do Sol ter-se-ia dado no segundo dia, por ser neste que os vapores d’água do Firmamento se juntaram debaixo dele, para se formarem os mares.

– Parte das águas já se tinha juntado para a formação dos mares. Porém, quanta ainda havia suspensão? Veja, Lumbaio, que para as nuvens espessas cobrirem totalmente a face do Sol, mesmo agora, em nossos dias chuvosos, não é preciso que se esvaziem os oceanos...

Lumbaio quedara pensativo; e assim, cismarento, olhando o vazio, enquanto remoía no cérebro os últimos argumentos, maquinalmente tirou pelo cigarro, pelo fósforo, acendendo-os a seguir. De repente, como se houvesse feito um achado, exclamou, sôfrego:

– Todavia as árvores frutíferas, criadas no terceiro dia, já precisavam da luz do Sol para frutificarem. Conclui-se, portanto, que o Sol já estava exposto e descoberto antes deste quarto dia, brilhando sobre a Terra, e dando vida às plantas.

– Nada mais falso – retorquiu Chilon. – Ainda agora há plantas que vivem dentro de casa, e na sombra, só recebendo luz indireta, fraca, difusa. E o manto de nuvens sob o Sol, nos dias de chuva, é brilhante, dando luz bastante para que se opere a função clorofiliana. Além disso, a atmosfera da Terra primitiva era riquíssima em gás carbônico, necessitando do trabalho preliminar das plantas sem o que, seria impossível a vida animal. Ora, muito gás carbônico e pouca luz, é igual a muita luz e pouco gás carbônico, como é agora. Pelo número de estômatos das folhas a ciência hodierna chegou à conclusão de que as plantas padecem hoje fome de carbono.

Lumbaio, tirando umas baforadas do seu cigarro, prosseguiu:

– Como é que se entende, então, que no primeiro dia Deus tenha chamado à luz, dia, e às trevas, noite? se só agora o Sol vem separar o dia da noite?

– Não vejo nada de escuro e dificultoso nisso – retrucou Chilon. – O serviço que antes fazia a luz do Sol informe, porque feito quase só de pura energia, ficou afeto agora ao Sol formado, porque condensado no núcleo que hoje é .

– O texto diz ainda – prosseguiu Lumbaio – que neste quarto dia Deus criou também as estrelas. “E pô-las no Firmamento do Céu para luzirem sobre a Terra”. De sorte que o vasto Universo de Deus, constituído pelas estrelas que são outros tantos sóis, muito maiores do que esse que nos ilumina e aquece, foi criado durante a sexta parte do tempo que levou Deus para dar forma a este mundozinho irrisório?

– “Ora, ora, Lumbaio! esse ponto já foi visto! Pois é axiomático que se o Sol foi criado antes, mas só tornado visível no dia quarto, as estrelas, coerentemente, não poderiam aparecer antes. Quando Deus criou o Sol, fez também as estrelas, pois, conforme você mesmo disse, as estrelas são sóis !...

– E é razoável – prosseguiu Lumbaio – que este fabuloso Universo de Deus, este portentosíssimo remoinho de estrelas e mundos sem conta, perto do qual a Terra é nada! é justo que a criação desta mais que estupenda maravilha seja referida e descrita com estas singelas palavras: “e criou também Deus as estrelas”?!...

– Sim – tornou Chilon, sacudindo a cabeça com enfado pois o assunto não era a fundação do Universo, e sim, a da Terra. – Se um microbiologista apanha um pouco d’água dum rio com uma pipeta, para fazer suas pesquisas científicas, certamente não se lhe vai censurar o desinteresse pelos peixes que são o objeto de todos os esforços e canseiras dos pescadores; cada um terá seu objetivo e interesse particular. O livro do Gênese nunca teve a pretensão de ser um tratado de cosmologia, nem um poema que cante o Universo. Se o assunto de uma cena é a partilha das vestes de Cristo pelos soldados, é de se esperar que as três cruces do Gólgota apareçam esfuminhadas ao fundo, sem nenhum traço cortante de nitidez, nem viveza de cores. É boa regra de arte a que estabelece: uma coisa só há de ser o assunto de qualquer obra; os demais aspectos não de surgir fracos, inexpressivos, apagados, pois o reforço destes pormenores quebra o princípio de unidade que deve existir em qualquer todo, seja o Universo, seja um elétron.

A unidade, como já dizia Aristóteles, é a espinha dorsal da estrutura e o foco para o qual converge todo o esforço criador; não pode ter planos secundários que desorientem, nem episódios que sejam digressões (Poética). O assunto era a Criação da Terra; aqui, portanto, havia de recair a ênfase!...

– E para que fim criou Deus as estrelas? – continuou, Lumbaio, acalorado. – “E pô-las no Firmamento do Céu para luzirem sobre a terra, e presidirem ao dia e à noite, e dividirem a luz das trevas”?! Pode conceber-se absurdo maior?!

– Sim, pode-se... – replicou Chilon de pronto, alterando a voz... e encarando Lumbaio nos olhos...

– Qual é?

– É o estar você aí falando do que não entende!...

– Como não entendo?! – retrucou Lumbaio ofendido.

– Se é que entende, então, responda-me: para que fim Deus criou as estrelas? Moisés disse que foi para luzirem sobre a Terra; e você, para que diz que foi? Moisés escreveu desse modo para se acomodar à forma mental primitiva daqueles que cuidavam que Deus fez tudo, exclusivamente, para eles. Eram como o cão que vê seu dono mergulhado em cismas profundas, e conclui, lá consigo, que, de certo, o dono está pensando nalguma caçada ou passeio em que o irá levar... Todavia estes primitivos eram ignorantes crianças; porém, você, Lumbaio, que é homem feito, que é adulto, que é sabido, tanto que fugiu ao convívio dos tolos crendeiros da sua grei, e agora busca outros, igualmente bobos, para os explorar com suas ciganices, você que é raposa velha, matreira, diga-me então: com que fim Deus criou as estrelas?...

E depois de pequena pausa, em que Lumbaio, meio apalermado, fitava Chilon, prosseguiu este:

– Abrando o rigor do quesito: diga-me, somente, para que foram feitos os cometas?... Não sabe?... Então só isto: que é a Lua, para que serve ela, porque seu material é mais leve do que o existente na Terra?... Ainda estou a exigir muito?... Então, somente isto: como se formaram as montanhas terrestres?...

Lumbaio amoleceu o corpo, desolado, saindo daquele empertigamento vaidoso de quem sabe tudo, ao tempo que dizia, com um risinho amarelo:

– Esta pergunta eu posso. Toquemos por diante: A linguagem com que Moisés descreve a Criação no Gênese é empregada para ser entendida pelo homem, em seu proveito, ou é para confundi-lo? A inspiração divina descrevendo a Criação do Universo, é benéfica, ou, maléfica? Quando um pai fala a seu filho pequenino, emprega uma linguagem que precisa ser interpretada por

um teólogo, por um Chilon, por um Árago, por um Teógoras?... ou fala ao alcance da inteligência da criança?

Chilon fez um ar de desolação motivada pelo cansaço que lhe causava a toleima de Lumbaio, e retorquiu:

– Atenção, Lumbaio, para as citações que lhe vou fazer; depois tiraremos as conseqüências que respondem suas perguntas; ei-las: “Aristóteles não conhecia o conceito de atração e não teria podido discutir com Newton. Newton, por sua vez, não poderia intervir num atual congresso de físicos, pois os conceitos de campo, de *quantum*, de salto eletrônico, não existiam para ele. Goethe e Shakespeare, diante de um jornal moderno, se sentiriam quase analfabetos”¹⁰⁴. E prosseguindo:

– Vamos agora, você e eu, a um congresso de físicos, e ouçamos o que discutem entre si. Olhe lá, aquele que se levanta de entre os seus pares; eis o que diz: “Procuramo-nos explicar reciprocamente algo que nós mesmos não entendemos”. E um sarcasticamente exclamou: “A física? É difícil demais para os físicos!”¹⁰⁵. Mas que é que estão discutindo sem saber o que dizem? Ah!... é que Schrodinger disse (e isso foi o que motivou a celeuma): “O átomo é uma «nuvem carregada» em que vibra uma neblina de energia”¹⁰⁶.

– É por causa destas coisas, prosseguiu Chilon, que Fritz Kahn, ao encerrar a primeira parte de sua obra retrocitada, declara, relativamente a este assunto: “Espero que nenhum leitor, que chegou até este ponto, seja bastante ingênuo para supor que compreendeu. Se acredita ter compreendido é precisamente porque nada compreendeu”¹⁰⁷.

– Absurdo! – gritou Lumbaio, dando um murro na Bíblia que tinha, fechada, sobre os joelhos! – Então, para que é que se escreve, senão para ser compreendido?!...

Chilon, despreocupadamente, pôs-se de pé, foi até à janela a fim de descansar os olhos nas coisas distantes. Urubus revoavam, em círculos, sobre a praia, recortando-se sobre o fundo claro e azul do céu. Lumbaio esperava, impaciente, e Chilon parecia gozar com sua impaciência; transcorrido que foi o tempo de uma pausa prolongada, tornou Chilon ao seu lugar na cama, ao tempo que dizia:

– Fale ainda Fritz Kahn, referindo-se a uma fórmula matemática: ***“Esta fórmula não é para ser compreendida e sim para ser observada,*** – a fim de que o leitor faça uma «idéia» do aspecto que assumem as fórmulas na física moderna. O mesmo acontece quando visitamos uma oficina de tecelagem ou a tipografia de um jornal; vamos observar apenas, contemplando, com admiração e respeito, as máquinas cuja estrutura e funcionamento não conhecemos. Isto não impede, porém, de nos sentirmos engrandecidos”¹⁰⁸. E prosseguiu:

– É mais para este fim que foi descrita a Criação no Gênese; não tanto para causar entendimento como para produzir temor ao ser contemplada com místico respeito, pois, como escreveu Shakespeare, “o melhor da humanidade é o temor”¹⁰⁹... Spinoza tem razão: “As Escrituras não explicam as coisas pelas suas causas secundárias; apenas as descrevem na ordem e no estilo mais próprios para impelir os homens, sobretudo os ineducados, à devoção... Seu objetivo não é convencer a razão, mas empolgar a imaginativa”¹¹⁰. Por que se há de exigir tanto de Moisés, se ainda, agora, não se sabe ao certo, como foi feita a Criação? Se você sabe, Lumbaio, diga-me, só isto: como foi feita a Lua?... “Podem-se ver as estrelas, contá-las, medi-las, escrever sobre elas, mas compreendê-las não, como também não compreendemos a molécula, o átomo ou menos ainda

¹⁰⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 15

¹⁰⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 76

¹⁰⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 52

¹⁰⁷ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 53

¹⁰⁸ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 24

¹⁰⁹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 59

¹¹⁰ Will Durant, História da Filosofia, 175

um elétron. Erguemo-nos do microcosmo dos átomos sem esperança e é sem ela que subimos para o macrocosmo das constelações”¹¹¹.

Fechando o livro, e fixando Lumbaio nos olhos, rematou Chilon:

– Se você olhasse com mais respeito as coisas sagradas, não estaria, como agora, atrás do Tonhão Porcelo para o confundir e lhe roubar o dinheiro...

Lumbaio, repuxando a boca, num ar de zombaria, replicou:

– Não me fale assim, que de repente far-me-á doer a consciência... Vamos ao que interessa: Aqui no Gênesis 1, de 20 a 23, está expresso que Deus criou os animais das águas e dos ares, mandando-os crescer e multiplicar e encher a Terra. Esta criação do quinto dia marca a época do aparecimento dos peixes até às aves. E como as aves são répteis voadores, segue-se que já havia répteis; e sendo estes procedentes dos batráquios, então é que já havia os batráquios, filhos dos peixes, pai dos répteis e avô das aves. Logo esta fase foi a da criação dos peixes, dos batráquios, dos répteis e das aves. E visto não haver aqui nenhuma dificuldade, passemos adiante. No sexto dia, Gên 1, 24 a 31, Deus cria os mamíferos todos, dentre os quais os animais domésticos e o homem. Diz que criou o homem à sua imagem, macho e fêmea, dizendo-lhes: “crescei e multiplicai-vos e enchei a terra, etc”. Da mesma forma que a união sexual entre os animais nada tem de imoral, também não pode ser pecaminosa a união do homem com a mulher. No entanto, no Levítico, capítulo 12, encontra-se o seguinte: “Se uma mulher, tendo concebido do varão, parir macho, será imunda por sete dias... não tocará coisa alguma santa...; mas se parir fêmea será imunda por duas semanas...; completos que forem os dias da sua purificação, ou por filho, ou por filha, levará à porta do tabernáculo do testemunho para holocausto pelo pecado um cordeiro de um ano... que entregará ao sacerdote, o qual oferecerá então estas coisas diante do Senhor e rogará por ela”. Pode haver linguagem mais clara?

– Confesso que não pode.

– A que fica reduzida, então, a inspiração divina que manda, no Gênesis, que o homem e a mulher se juntem para a perpetuação da espécie, e encher a Terra, e no Levítico classifica de imunda a mulher porque teve um filho? Você me fez, atrás, uma pergunta que não pude responder; responda-me agora, esta, se for capaz, e se o não for, corramos já para o seu mestre Árago, a fim de o metermos também no aperto!

– Que ingenuidade, ora... ora... deixe de estar aí a esfregar u’a mão na outra, de contente!... é só sua ignorância crassa que o faz supor que me embaraça com essa proposição! Apresento-lhe a resposta em três fases correlatas, como se fora três atos duma peça teatral:

1.^a Fase: Deus estabeleceu a união sexual como coisa natural e indispensável à perpetuação da espécie, do mesmo modo como é natural e necessário, ao indivíduo, o respirar, o comer, o beber, o dormir, o proteger-se contra as intempéries...

2.^a Fase: Quando os deuses cósmicos (sol, lua, estrelas, forças naturais, etc.) se antropomorfizaram, os homens, vendo no sexo a força regeneradora da vida, começaram a cultuar a fecundidade como coisa divina, representada por um falus; a cópula, então, passou a ser ato religioso, chegando-se, por este caminho, à prostituição sagrada que tinha lugar em todos os templos de todas as terras tais como: Caldéia, Fenícia, Chipre, Armênia, Cartago, Pérsia, Egito, Grécia, etc., e isto você poderá ler, por miúdo, na “História da Prostituição”, escrita por vários autores célebres, editado pela Livraria Antônio de Carvalho, em São Paulo.

E depois de uma pausa, em que Chilon se muniu de livros para documentar suas afirmações, prosseguiu, na apresentação da 2.^a fase:

– As deusas-mães de Canaã, Astarté e Achira, esposas de El, assim como Afrodite e Vênus, eram de uma impudência e selvageria sem limites. Este deus El cananeu pré-bíblico “ocupava o primeiro lugar sobre os Baales de Canaã. Sua esposa Achira é deusa também citada na

¹¹¹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 83

Bíblia. El casou-se com suas três irmãs, uma das quais Astarté. Como Astarot (Juízes, 2-3; e 10-6 e outros), é mencionada, repetidamente, no Antigo Testamento. El não só matou seu irmão, mas também o próprio filho; cortou a cabeça da sua filha, castrou seu pai e a si próprio e obrigou seus companheiros a fazerem o mesmo”¹¹².

E continuou Chilon:

– Seguindo o exemplo desses deuses, os mais exaltados, os fanáticos, os “loucos da fé”, como lhes chama Oliveira Martins, se mutilavam na presença dos deuses, e quem quisesse que leia, em “Sistema dos Mitos” deste autor, páginas 150 a 151, a descrição horrorosíssima de como faziam esses “loucos da fé” seus auto-holocaustos.

Prosseguindo ainda com a palavra, leu Chilon:

– “*A Epopéia de Baal* de Ugarit descreve assim a deusa Anath: «Com violência ceifava os habitantes das cidades, matava o povo das costas do mar, aniquilava os homens do Oriente». Arrastava os homens para seu templo e fechava as portas para que ninguém escapasse. «Arremessava cadeiras contra os jovens, mesas contra os guerreiros, escabelos contra os poderosos». Vadeava em sangue, que lhe chegava aos joelhos, até mesmo ao pescoço. A seus pés jaziam cabeças de gente, em seu redor flutuavam mãos humanas como gafanhotos. Punha as cabeças de suas vítimas às costas como ornamentos e as mãos no cinturão. «Seu fígado inchado de tanto rir, seu coração enchia-se de alegria, o fígado de Anath era cheio de júbilo». «Quando ficava satisfeita» lavava as mãos em sangue humano coagulado e dedicava-se a outras coisas”¹¹³.

– Esta história não está bem contada – retorquiu Lumbaio – como poderia u’a mulher, com nome de deusa, fazer tanto mal às gentes, agindo sozinha?

– Mas quem é que disse que ela agia sozinha? – tornou Chilon. – O texto só fala nela visto que só ela era a inspiradora e principal responsável pelas selvagerias que se praticavam em sua presença e a seu mando, pelos sacerdotes e soldados. O poder e a religião, por esses tempos, estavam enfeixados numa só mão. E ainda pode ser que tudo isso se praticasse contra os inimigos, ou povos indefesos... Mas continuemos com o que íamos dizendo:

– Se passarmos para a Índia, então teremos no Kama Sutra, um consumado cano-de-esgoto, apesar de tais livros (há mais uma versão) serem sacros e teológicos (!)...

– Mas, obtemperou Lumbaio, Vatzayana põe no frontispício desta sua obra (Edições “Júpiter” – São Paulo) o seguinte mote: “Se leres este livro com impureza, os animais não te serão diferentes; porém se souberes refrear o instinto, responderás à obra de Deus que te deu razão e critério”.

– Será que a prática daquela libertinagem, descrita no capítulo V da obra, pág. 68, que trata da posse simultânea de u’a mesma mulher por três homens, sendo um deles, ainda, seu marido, tem alguma coisa de puro? Sabe você, acaso, o que seja “auparishtaka”, descrito no capítulo VIII? Que vá para o diabo seu mote, juntamente com esse nauseante “Kama Sutra” que na Índia passa por livro sagrado!...

E como visse, Chilon, que Lumbaio ficou aturdido com o bombardeio de seus argumentos irretorquíveis, prosseguiu:

3.^a Fase: Vendo Deus estas barbaridades e imundícies medonhas a desvirtuarem as leis naturais sábias e boas, de modo a comprometer até a segurança da espécie humana, legislou, com férrea mão, pela pena de Moisés pondo cobro de vez a todas as torpezas: a mulher que gera é imunda pelo que lhe cumpre limpar-se com o holocausto de um cordeiro...

A estas palavras de Chilon, Lumbaio, querendo ser mais justo que o mesmo Deus, replicou, exaltado:

– E a parte do homem nesse negócio? Nada terá ele que oferecer em holocausto pelo pecado, que não pode ser só da mulher, mas dele também?

¹¹² Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 232 e 233

¹¹³ Werner Keller, E a Bíblia Tinha Razão, 234

– Não tem, porque a medida visava fazer extinguir-se a prostituição sagrada, e não era o homem, e sim, a mulher, que ficava no alcoice dos templos.

De pé, na frente de Chilon, Lumbaio gesticulava, irritado, ao gritar-lhe estas palavras:

– Esta medida é imoral por fazer impura a mulher que concebia do varão, e não a que só fornicava com ele sem conceber!...

– Calma, Lumbaio, disse Chilon. A prova material da fornicção era o filho; e se tê-lo a ele era coisa impura, como o não haveria de ser a fornicção mesma que o engendrava? Qualquer mulher faz praça de que teve um filho; mas qual delas seria capaz de assoalhar-se na hora mesma em que é coberta pelo varão?

Mais calmo, porém, teimoso como um asno, Lumbaio redargüiu:

– Seja lá como for, há contradição flagrante entre as duas partes do livro chamado “Palavra de Deus”, entre o Gênese e o Levítico, e isso você não poderá negar.

– Não, não o nego. Esta oposição e contraste, resulta de que cada lei opera num plano diverso. A do Gênese situa o problema no plano biológico da animalidade, sentenciando: fornicai, crescei, multiplicai-vos e enchei a Terra. Desta ânsia está cheia toda a natureza. Depois vem a lei moral que se opõe aos abusos da biologia, do mesmo modo como a matéria se opõe ao espírito, sendo aquela, contudo, útil a este. E esta lei diz: é pecado e rebaixamento qualquer expressão de animalidade, que somente poderá ser tolerada, porém, não aplaudida, e menos ainda, santificada; e já que a aplaudem (diz Deus), e a santificam, contra o mesmo aplauso e santificação mando meu corretivo drástico, mas justo e necessário. As leis são feitas e revogadas, porque existem em função dos homens, e não os homens em função das leis. Moisés tinha um fim em vista, e o alcançou plenamente.

– Desta você se saiu bem – disse Lumbaio, depois de meditar longo tempo – mas tenho outra dificuldade da qual não se sairá. Todavia não posso propô-la agora. Voltarei à carga, prometo... Todavia agora preciso sair. Neste instante, enquanto você falava, vi passar Tonhão Porcelo em cujo encalço tenho de partir. Primeiro vou tomar-lhe o dinheiro, e depois continuaremos com nossos estudos bíblicos. E assim dizendo, saiu Lumbaio nos rastros de Tonhão.

À noite veio Chilon à casa de Árago, e na presença dos demais companheiros de estudo relatou pormenorizadamente a discussão que tivera com Lumbaio. Finda a dissertação, disse Chilon ao sábio:

– Eis, prezado Árago, como está este seu discípulo! Que me diz?

– Digo-lhe – respondeu o filósofo – que muito honra você o mestre que tem. Continue sua porfia com Lumbaio, e venha-nos sempre trazer os resultados. Agora, se concordarem todos, podemos ouvir umas músicas de Mozart gravadas num “long playing” que me mandaram de presente. Chamam-se elas “Les petits riens”, isto é, “pequenos nada”. Mas são uns nadinhas agradáveis de se ouvir.

Todos concordaram com o mestre, e ele soltou o disco a girar, no prato, sob a agulha do tocador automático...

XII – Sétimo dia da Criação

No terceiro dia, após aquele em que Lumbaio saiu atrás de Tonhão Porcelo, pela manhã, encontraram-se de novo, aquele e Chilon, na sala da pensão. Ao se avistarem foi-lhe logo dizendo Chilon:

– Então, caro Lumbaio, vendeu alguma coisa a Tonhão?

Lumbaio fez sinal com o dedo indicador atravessado sobre os lábios, pedindo silêncio, e chegando-se para bem perto de Chilon, respondeu-lhe em voz baixa:

– Como! se vendi! Jamais vi asno igual! Imagine que o paspalhão, querendo enriquecer-se mais, e depressa não só me comprou um casal de pedras-de-cevar, como ainda me pediu lhe fizesse um horóscopo. Vendo que era crendeirão, propus-lhe executar um “trabalho” de desenterro de “mal feito”, e isto, com a ajuda de São Cosme e São Damião. Tonhão, meio “econômico”, perguntou-me se a coisa não sairia muito cara. Depois de ele muito pechinchar e eu de encarecer as dificuldades do serviço concertamos que me pagaria ele cinquenta mil cruzeiros por tudo, incluindo-se o casal de pedras-de-cevar, e cem pacotes de defumador “São Cosme-Damião” que eu mesmo fabrico, com pó de serradura de madeira, colorido der verde resina aromática e breu dissolvido em álcool. O “trabalho” consistia no desenterro do “mal-feito” que se acha em sua propriedade; as pedras-de-cevar dar-lhe-iam sorte nos negócios; o defumador “São Cosme-Damião” afastar-lhe-ia todas as más influências dos maus espíritos, atraindo as boas, dos bons.

– E já consegui você de S. Cosme e S. Damião a feitura do “trabalho”?

– Como não? Isto consistiu no desenterro, o que me foi muito fácil executar, pois da outra vez que estive aqui em Cananéia, por ocasião da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, deixei tudo preparado; enterrei, então, perto duma touça de bananeira, uma vassourinha de cabelos humanos amarrada com galão de mortalha. Além disto pus, junto uns tocos de vela com um pouco de terra bem vermelhinha, a imitar terra-de-cemitério, contida numa miniatura de sarcófago egípcio, feito de falso bronze, muito fácil de se encontrar, à venda, em São Paulo.

E assumindo Lumbaio, por força do hábito, o aspecto misterioso, sinistro, impressionante, de quem se faz interprete das sombras do Além, prosseguiu em voz tremula e cava:

– À meia noite, eu, Tonhão e mais alguns crentes estávamos no local; o “guia” se “incorporou” em mim, e eu fui tacteando, apalpa aqui, bate o pé ali, sapateia acolá, até que dei com o lugar, e mandei que cavassem. Foi o próprio Tonhão Porcelo quem, tremendo aterrado, pegou do feitiço para metê-lo na pele do gato preto, para jogar tudo no mar...

Depois de longa pausa, em que Chilon ficara perdido em cismas profundas, olhando o mar pela janela, sem o enxergar, como acordando de um sonho, exclamou de súbito:

– E o horóscopo?

– Agora não lhe posso mais falar aqui, porque chegou gente; vamos para meu ou seu quarto, e lá continuaremos.

Acomodados, Lumbaio e Chilon, no quarto deste, prosseguiu Lumbaio:

– O horóscopo, fi-lo deste modo: primeiro fui às repartições públicas colher informações sobre o dia e o mês em que nasceu Porcelo. Feito isto, peguei dum desses almanaques de remédios e procurei nele o horóscopo correspondente ao seu dia e mês. Finalmente transcrevi o horóscopo com tinta simpática, que se revela e se torna visível, quando exposta aos vapores de amoníaco. Fiz naturalmente uns acrescentamentos por minha conta, baseado no que vejo em Tonhão. Sendo ele homem baixo, ventrudo e gordalhão, de rosto amorenado e ar de suíno, há de ser, por certo, além de muito burro, pacífico de gênio, dorminhoco e comilão como o Sancho Pança de Cervantes. Ameacei-o, portanto, com a pobreza, com o desconforto e com a fome, caso não quisesse atalhar o mal com um bom trabalho de limpeza de todos os espíritos que eram enviados contra ele, por causa da inveja que todos tinham de suas riquezas. Tudo isto estava escrito já, mas invisível ainda; entreguei, então, o papel a Porcelo, para que ele verificasse, com seus próprios olhos, que estava completamente em branco; depois disto, abrindo eu a arca de S. Cosme e S. Damião, mandei Tonhão colocar nela o papel. Passados cinco minutos persignei-me, agradei aos “guias” pelo trabalho, e abri a urna para que Porcelo retirasse o horóscopo, já feito, com sua própria mão, para que não pairasse dúvida nenhuma sobre a honestidade do serviço dos “guias”, os quais executaram um perfeito trabalho de escrita direta. Foi assim que iniciei o negócio que me rendeu cinquenta mil cruzeiros...

– E você não tem medo da polícia?

– Como hei de temer a polícia se Porcelo e outros como ele têm medo de mim?

– Está certo... está certo... Mas vamos agora ao nosso tema bíblico interrompido há três dias.

– Como queira, disse Lumbaio. Neste caso pego a Bíblia... Quer que eu me ajoelhe e a beije, como fazem alguns protestantes?

– Deixe-se de graçolas! Não sou nenhum fanático, mas respeito aquilo que outros reputam sagrado, seja a Bíblia ou seja o Alcorão!

– Está bem... está bem... não precisa zangar-se... Aqui está o ponto em que paramos, e que considero apertoso... Aqui no Gên 2, de 1 a 3, diz Deus que acabou ao dia sétimo a obra que tinha feito. Se acabou a obra no dia sétimo, como declara o texto que a terminou no dia sexto para descansar no sétimo?

Chilon, sentado na cama, dando uns socos num travesseiro a que se recostara, para fazê-lo acomodar-se com a forma das costas, respondeu, entrecortando as primeiras palavras no ritmo dos socos:

– Não... se lembra... de que já estudamos... este ponto? Levantou você, já esta mesma questão com dizer que se Deus fez a Criação do Universo em seis dias, e descansou no sétimo que é a era Quaternária que estamos vivendo, desde então está inativo. Lá eu dizia que Deus não se acha inativo, porquanto conservar sua obra, se bem que não seja Criação, é trabalho. E também eu dizia, então, que na inspiração de Moisés, Deus tinha em vista a Terra, e não, decerto, outros Universos

que pode ter criado e esteja criando alhures, dos quais não podemos ter ciência, por estarem além da nossa curvatura da luz. Agora, cuidando você apertar-me, me dá um elemento precioso para fechar esta discussão, como se fora com chave de ouro. Esta é a prova de que Deus não se encontra inativo nesta era geológica em que vivemos, de formação de consciência e de espiritualidade, e só por isso tida e havida como dia sétimo, reservado à santificação. Se diz expressamente o texto que Deus acabou sua obra no sétimo dia que é a era Quaternária atual, segue-se que está trabalhando ainda em acabá-la, pelo que estamos apenas nos albores do dia sétimo. Acabar ou dar acabamento é retocar, corrigir, melhorar, aperfeiçoar, como fazem todos os artistas, quando se aplicam ao que chamam labor ou artesanato. A obra está terminada no que concerne à biologia, mas é preciso dar-lhe acabamento no que diz respeito à psicologia. Onde houver demasias, ali estará aplicado o cinzel divino sob os golpes dolorosos do maço. Esta é a causa da dor a qual tem só em vista corrigir e melhorar a obra, e não fazer pagar culpas, como pensam muitos. Com ou sem culpas próximas, onde houver arestas por desbistar ali estará trabalhando o buril !... Por isso, esta é a era da formação de consciência, do desabrochar do espírito, do expandir da inteligência e do frutificar do amor, e está apenas começando!...

Lumbaio, fazendo beijo, para indicar incredulidade, retrucou, de pronto:

– Como poderá você provar-me isso?

– É fácil – disse Chilon; e ao dize-lo, pôs-se de pé, a fim de apanhar um livro sobre a mesa.

Ao tempo em que o folhava, andou maquinalmente até a janela em busca de maior claridade. – Está aqui – exclamou finalmente, após longa pausa: – Fritz Kahn, à página 200 da sua obra “O Livro da Natureza” Vol. I, mostra-nos um desenho de relógio em cujo mostrador está expresso, em cinco setores do círculo, o tempo gasto pela evolução da vida, depois do que, escreve: “Projetando-se a história terrestre, desde o aparecimento da vida, sobre o relógio, reconhecem-se as leis da sua evolução. As épocas primitivas foram imensamente longas, e a evolução nelas muito lenta. As épocas posteriores tornam-se cada vez mais curtas e o desenvolvimento cada vez mais rápido. A existência do reino animal abrange 24 horas, a do homem 24 segundos”.

– Deste modo – prosseguiu Chilon, fechando o livro – a evolução biológica do homem terminou às 24 horas da criação de todo o reino animal. Até aqui o homem ficou acabado como primata superior, o pré-homem macacóide. Depois destas 24 horas do dia sexto, entramos no sétimo dia geológico, estando nós dentro dele **apenas 24 segundos**. Para que a evolução do reino animal chegasse aos vermes foram gastas 10 horas; já para a formação dos peixes bastou 5 horas; mais outras 5 horas foram transcorridas ao se criarem os batráquios, os répteis e as aves primitivas; em mais 3 horas os répteis se tornaram mamíferos placentários, e, transcorrida mais 1 hora geológica apenas, apareceu o pitecântropo. Fizeram-se completas, até aqui, as 24 horas do dia sexto. Agora vem o acabamento da obra biológica no dia sétimo, que abrange toda a antropopaleontologia, pré-história e história, começando o homem com a descoberta do fogo e invenção do machado de sílex, e terminando com os satélites artificiais e prenúncio de viagens interplanetárias... O quadrúpede equilibrou-se nas patas traseiras liberando as mãos como instrumento de prender e segurar. A boca, que tinha outrora esta função preênsil, atrofiou-se pela falta de uso, arqueou-se a abóbada palatal como as curvas de um forno, possibilitando os movimentos da língua necessários à produção da fala. O cérebro, então, cresceu para a frente, avolumando-se na parte frontal, onde estão os comandos nervosos superiores responsáveis pelo pensamento abstrato e linguagem. E assim o homem se tornou místico, filósofo, artista, poeta, cientista e rei da vida em seu planeta. As mãos produziram o “homo faber” (Bergson), e a língua, o “homo loquens”, e desde então o homem não parou de falar e de fabricar tudo... até a si mesmo, com guiar sua própria evolução! O “homo sapiens”, pois, é um produto dos fatores “homo loquens” e “homo faber”. “A mão e a linguagem, eis a humanidade”, escreveu Henri Berr¹¹⁴. E tudo isto aconteceu nos primeiros 24 segundos

¹¹⁴ Fernando de Azevedo, Princípios de Sociologia, 63

geológicos do dia sétimo!... O sétimo dia da Criação está apenas começado, relativamente à idade das eras anteriores, e Deus ainda está dando os últimos retoques à sua obra como diz o texto: E tendo Deus **acabado no dia sétimo** a obra que tinha feito, neste mesmo dia descansou¹¹⁵. Nós, por conseguinte, estamos vivendo a fração duma fase duma idade duma época dum período da era Quaternária.

Fazendo-se surpreso, interrogou Lumbaio:

– Como é essa divisão? Não entendi bem...

– É que as eras se subdividem em períodos; estes, em épocas; estas, em idades; estas, em fases. A era Quaternária prossegue na atualidade, estando nós só no seu começo com um tempo de apenas 500 mil anos, equivalentes aos 24 segundos do mostrador geológico. Nossa pré-história, conforme nos mostra a arqueologia, não recua além de 20 mil anos no tempo; e se 500 mil anos são 24 segundos, quantos segundos serão os 20 mil anos da pré-história até nossos dias? A resposta dá apenas 96 centésimos de segundo para nossa história e pré-história. Quer dizer que a história da civilização não tem nem ao menos 1 segundo de existência, se o tempo se contar pelo relógio da geologia...

Sumamente admirado, redargüiu Lumbaio:

– Como pode ser isso? tanto tempo e nenhum tempo? Tanto tempo transcorrido e ainda é começo?

Chilon, no tempo que folhava outro livro, foi falando em tom peremptório:

– Não adianta velhaquear, meu caro! Não conseguirá você escapar a esse tronco ao qual o acorrentei. Meus argumentos são os resultados inexoráveis da ciência. Examine este quadro inserto aqui no Vol. VI da “Enciclopédia Prática Jackson”, página 410. O depósito geológico correspondente à era Primária é de 30 mil metros de espessura, no passo que o da era Quaternária é de só 200 metros; note bem: 30 mil e 200 ! Proporcionalmente, o tempo da era Primária é de 74 **milhões** e 500 **mil anos**, enquanto que o da era Quaternária é de apenas 500 **mil anos**! O tempo da civilização, em grosso, marcado no relógio da geologia, dá apenas um segundo. Durante este segundo, o progresso, no que diz respeito à inteligência e à técnica, nos trouxe desde a descoberta do fogo e da invenção do machado de pedra, até à bomba atômica, foguetes teleguiados e satélites artificiais. Até aqui, neste primeiro segundo do dia sétimo, foi o acabamento da obra divina; agora Deus se descansará neste dia sétimo, quando o homem for seu colaborador por trabalhar na sua própria santificação, auto-construindo-se como alma, burilando-se a si mesmo como espírito.

E levantando Chilon a cabeça, como a olhar o mar distante, prosseguiu, com a voz untada de emoção:

– Quando entrarmos no 25.º segundo geológico, correspondente ao histórico 3.º milênio d. C., estaremos em nova fase, a do Espiritualismo. Os piores, então, serão alijados da Terra para orbes inferiores. Os bons ficarão nela, e ela passará de planeta de expiação que é, para planeta regenerador. Assim se cumprirá a profecia do Gênese, dada como coisa passada, por ter-se Moisés adiantado no tempo, em suas visões, pois para quem se adentra pelo futuro, o porvir fica passado!...

– Caramba!... – disse Lumbaio. – Até parece que estou aqui a ouvir um profeta bíblico! Tem você na voz e no olhar aquela unção mística dos detentores da verdade! Esse tom emocional que eu sei fingir, parece-me que em você é verdadeiro! Bobagem homem! a mim não me convencerá... nem ao mundo! Perdeu você todo o seu azeite! Acorde homem! eia! enquanto é tempo! Aproveite a mocidade... e goze a vida!... Há muitas coisas proibidas por aí... vamos violá-las !... Veja que Tonhão Porcelo, aquele feição de porco, perdeu seus cinqüentas mil cruzeiros por querer enriquecer-se mais; mas foi só sua credulidade estulta que o impeliu para o laço que lhe armei. Assim é o mundo, desde os começos, feito de espertos e de tolos; e é da lei da natureza que as moscas vão parar nos palpos das aranhas!...

¹¹⁵ Gênese 2, 2

– Que? Dir-me-ia então que a fé não vale nada? – retrucou Chilon.
– Digo-lhe que sim, vale... e muito! você, nem imagina o quanto me tem sido ela útil !...
– Deixe-se de ironia, Lumbaio! Esse risinho sardônico me faz sentir que você está zombando... Explique-se, logo, sem enigma!...

– Lumbaio, bem humorado, acendendo um cigarro, continuou soltando fumaça com as palavras:

– A fé é sugestão, e se opõe à persuasão que é ciência. Por isso, se alguém me cai no laço, e acredita piamente em meus poderes fictícios, já tudo o que lhe afirmo acontece. Se lhe digo que terá, na certa, dor de dentes, a dor vem logo; dou-lhe, então, um passe magnético, e a dor passa. Se lhe digo que há de ficar com as pernas emperradas, o tal já passa a caminhar com dificuldade; tanto que lhe digo, à moda do padre Gassner: – “cesset!”, as pernas tornam-se normais. Se lhe digo que vai sarar de alguma dor, a dor logo passa. A fé dos outros me é utilíssima; não fosse ela, Tonhão não me cairia nas malhas. Cristo tinha sobejas razões para dizer que a fé transporta montanhas!... Eu que o diga... que tenho removido tantas delas na minha vida... com a fé alheia! Bendita sempre seja a santa ignorância e mais a fé dos parvos!... Cristo sabia disto, e por isto curava pela fé, os doentes da fé...

– Como é isso? não entendi bem... Explique-se melhor:

– Digo que Cristo – tornou Lumbaio – curava aqueles doentes que tal se achavam, por tal se acreditarem. Por isso Hipócrates já dizia ser necessário classificar os doentes, quanto às espécies, antes de pensar nas doenças que por ventura pudessem ter. Esta assertiva hipocrática levou Miguel Couto a afirmar que “não há doenças; há doentes”. É deste jeito “que 85% das doenças consideradas até hoje orgânicas, são na realidade de origem emocional (funcional)”¹¹⁶. Esta percentagem, por conseguinte, é suscetível de cura pela fé, donde vem que, conforme diz o texto, Cristo curava a muitos, mas não a todos. Ele dava vista a cegos, porém nunca deu olhos a ninguém. Fazia andar os coxos que tinham pernas, todavia nunca trocou, pelas naturais, as pernas de paus... Se um sujeito se cuida doente, se tem esta convicção firme, profunda, de fato fica doente. O homem crédulo, se não estiver amparado por alguma fé, acaba prisioneiro das psicoses, primeiro, e das neuroses, depois, por causa das más sugestões que a todo instante recebe. Logo, a fé, a crença firme na enfermidade, fá-la aparecer do nada. Se a doença veio de acreditar-se doente, de ter fé que se está doente, a cura poderá fazer-se também pela fé, porquanto, o que a sugestão faz, a mesma sugestão desfaz. Cristo, por conseguinte, curava as doenças neuróticas dos suscetíveis, sensíveis, suggestionáveis, crédulos, crendeiros, que tudo vem a dar na mesma. A confiança cega ou fé se opõe, polarmente, à persuasão, filha da razão e da ciência, que não existe sem provas. Cristo nunca provou nada; nunca persuadiu ninguém; apenas suggestionava e fazia crer de fé. Por isso ele reforçava a fé dos que criam nele, ameaçando os possíveis Lumbaio daqueles tempos com lhes dizer: “ai daquele que puser uma pedra de tropeço no caminho dum destes pequeninos que crêm em mim”¹¹⁷. E isto está certo, porque se algum doutor de Israel, usando da sua autoridade e prestígio, se chegasse para o ex-paralítico de Siloé, e lhe dissesse: “Você sarou?! Qual nada! Isso é provisório!... Sua cura é ilusória!... Que poderes pode ter um carapina que vive de carpintear paus toscos?! Paralítico você era, e paralítico há de ser para sempre, porque este Jesus provinciano não pode ter a autoridade de um Elias, e menos ainda a de um Moisés!... Se estas falas conseguissem mover o ex-paralítico à descrença, a paralisia voltaria a instalar-se.

– Você me fala de Cristo; logo, crê em Cristo? – perguntou Chilon.

– Qual nada! – exclamou Lumbaio. – Cristo é convergência de mitos solares! Ninguém me será capaz de citar um único documento arqueológico ou histórico que me prove ter passado Cristo pela Terra! Cristo faz parilha com Sansão, Hércules, Orfeu, Osiris, etc., não passando de convergência de muitos mitos solares. Depois que Shalders me abriu os olhos, e vi que a Bíblia é

¹¹⁶ Karl Weissmann, O Hipnotismo, 7

¹¹⁷ Mateus 18, 6

um repositório de baboseiras e asnices, arreneguei tudo, e passei a gozar a vida... êta vida !... ainda que tardiamente! Maldita a hora em que cri na eternidade, e passei a viver como santo, sendo animal! Às urtigas as virtudes todas, a caridade estulta, a fé burrona e as boas obras também! Agora sou feliz, porque me refocilo no charco, como todos, mas sem os pesos de consciência que eles têm! Ah! meus vinte anos perdidos... por acreditar nalguma coisa superior!... Ah! quanto vos suspiro hoje!...

A estas últimas palavras de Lumbaio, retorquiu Chilon, com energia:

– Alto lá, Lumbaio, com seus arrasamentos! Convenho em que haja verdade nalguma coisa que você diz; mas há a tese espírita, como escreveu Vitélio Biberão, que não pode ser desprezada.

– Que diabo de tese é essa?

– A falha histórica – prosseguiu Chilon – como bem o disse o mestre Vitélio, é suprida pela fala espírita. Os espíritos superiores são unânimes em afirmar que Cristo existiu como personagem histórica.

– Ora, veja só – exclamou Lumbaio! – Vou ter de repetir o que há poucos dias disse a um espírita em São Paulo! Conheço bem, por isso, essa tal fala espírita, e a acho ingênua... O testemunho dos espíritos no caso, vale tanto como o dos homens, pois os espíritos, a crer no Espiritismo, são homens desencarnados, tão limitados relativamente ao saber, como os vivos. Diz sua doutrina que a morte não é transformação senão para o que buscou renovar-se. Logo, a sabedoria dos espíritos não supera a dos homens. Senão, diga-me: onde está alguma obra genial, como as que temos no mundo, vinda dos espíritos? Onde alguma “Divina Comédia”? onde um “Fausto”? onde uma tela de Rafael? onde uma sinfonia de Beethoven, como a “Nona”? Que é feito de Goethe? de Mozart? Porque Vieira, Bernardes e Rui, ou silenciaram suas grandes vozes, ou são fraquíssimas quando se manifestam através dos médiuns? Já tive a oportunidade de ler um livro impresso, um pasticho mediúnico em que um falso padre Vieira se repetia duas vezes numa única página, e ainda copiando um trecho do seu nono “Sermão do Rosário”; não se era preciso ser nenhum vierófilo erudito para constatar a fraude. Falando da paixão de possuir, diz o padre verdadeiro dos “Sermões”: “Com as quilhas e com as proas o aram (ao mar), e com os remos nas galés o cavam. Deus condenou o homem a que lavrasse a terra, e a cobiça, com segunda maldição, o condenou a que lavrasse também o mar”¹¹⁸. E o padre que em vida jamais se repetiu, escrevendo trinta sermões do Rosário, doze de São Francisco Xavier, nove de Santo Antonio, seis do Mandato, etc., repetiu-se indigentemente duas vezes numa única página, para que se evidenciasse a falcatura. Vivo o padre era gigante e mestre da língua e de estilo: morto, apoucou-se tanto de estatura, que podia agora passar sem curvar-se pelo vão das pernas de um anão! Imitam-se os pretos velhos e caboclos, como aliás eu sei fazer, para engodar os parvos; porém, por que não se imita Vieira num “Sermão” como um dos quatro “do Pó”? Ou os grandes espíritos não podem comunicar-se, ou podem, mas não querem, ou podem e querem, porém não encontram médiuns apropriados. De mais a mais, se fizéssemos sessões (pois o espiritismo, dizem, é tão velho quanto a humanidade) no Egito antigo, para sabermos se Osiris existiu de fato, que diriam os espíritos superiores, senão que sim, existiu? Acaso para os gregos da Hélade heróica, não era assunto pacífico a existência histórica de Hércules, de Orfeu, de Apolo? Se, em sessão, perguntássemos aos desencarnados bramânicos a respeito da existência histórica de Cristo, eles responder-nos-iam, na certa, que, historicamente, existiu Visnu e não Cristo. Para os budistas houve Buda, para os persas, Zoroastro, do mesmo modo que para os cristãos, Cristo. Veja lá, prezado Chilon, a que reduz a sua decantada tese espírita, ou seja a do testemunho dos espíritos... e testemunho dado através de médiuns embebidos até a medula dos ossos de cristianismo!...

– Mas eu falei – atalhou Chilon – de espíritos superiores que não da maioria dos ignorantes que movimentam as sessões.

¹¹⁸ Vieira Sermões, 8, 434 - Ed. das Américas

– Suponhamos então que tais espíritos existam, que para mim tudo acaba no pó da sepultura... mas suponhamos que eles existam: qual espírito superior teria o topete de expor suas dúvidas relativas à existência do Cristo histórico? Acaso não sabem eles as conseqüências que isto acarretaria?

– E você – redargüiu Chilon – por que pratica tais demolições? sabedor, como é, das tais conseqüências?

– Para mim, morreu acabou; por isso não me pesam tais conseqüências, podendo eu falar com desembaraço como venho fazendo; sigo o lema que diz: depois de mim o dilúvio!... Todavia, suponha que eu fosse um espírito, e me visse vivo após a morte corporal; acaso estaria eu a dizer aqui tais coisas? Tenha, pois, existido Cristo ou não, a fala espírita está condicionada a afirmar que ele existiu... Tal fala, como vê não vale nada, como prova... Se Cristo existiu, caro Chilon, fizeram-lhe isto de lamentável: fizeram-no confundir-se com os mitos solares e com as personagens (Buda, Zoroastro, Osiris, etc.) que o precederam.

Depois de uma longa pausa, aflitiva para Chilon, e gozada para Lumbaio, prosseguiu este:

– Agora, com sua licença, vou-me para meu quarto a fim de fazer as malas, pois parto ainda hoje para S. Paulo. Tonhão Porcelo está no papo, e vou agora digeri-lo... nas boates da grande metrópole... Estou me pelando já por assistir a uns números de “strip-tease” e mais... et cetera e tal!...

E quando se afastava, foi dizendo para Chilon, e foram suas últimas palavras dignas de registro:

– Quase que você me reconverteu à causa do seu Cristo. Se convivesse mais com você, talvez isto acontecesse. Porém, agora vou reler, de novo, meu Shalders, para desanuviar a consciência, varrendo dela as dúvidas que você conseguiu plantar; é preciso fazer esta limpeza cerebral para poder gozar a vida sem pesar nem temor...

* * *

À noite, vindo ter com Árago, Chilon relatou-lhe tudo por miúdo, concluindo a seguir:

– Tal foi, mestre Árago, como terminamos a discussão deste dia.

Árago e demais companheiros de estudo escutaram, atentos, todo o relato de Chilon, findo o qual lhe disse Árago:

– Muito bem Chilon! isso é que é ser filósofo! Não basta pensar com correção; é preciso, mais do que isto, lançar-se a gente, como você o fez, na conquista da Verdade empregando as forças da dialética e da lógica. Mas descanse agora de Lumbaio, pois aquele é um perdido... Shalders o fez perder-se... Esta foi a obra boa que Shalders deixou plantada no mundo... Só os filósofos, Chilon, vivem de persuasões podendo conduzir-se, sem nenhum perigo, pelas luzes da razão; a maioria, a imensa maioria, há de guiar-se pela fé... pela sugestão... pelo *magister dixit*... e aí de quem quebrar esta lira de Orfeu, que faz marchar as multidões...

E depois duma pausa, prosseguiu o mestre de Cananéia:

– E esse é só um caso isolado e insignificante pelo qual se comprova o mal que fazem esses semeadores de descrença. Por isso, já dizia Blaise Pascal: “Não basta dizer coisas verdadeiras, é preciso ainda não dizer todas as coisas verdadeiras, pois não se deve transmitir senão aquilo que é útil revelar e não o que poderia ferir sem frutificar. E assim como a primeira regra é falar com verdade, a segunda é falar com discrição”¹¹⁹. Abalar, por conseguinte, os fundamentos da fé, é fazer oscilar a civilização em suas bases. Um homem sem fé (base natural da ética) é um monstro potencial, uma besta fera mais danosa que qualquer outra que se possa imaginar, e isso, por causa de ele possuir inteligência. A Revolução Francesa, fizeram-na, primeiro, Voltaire e os

¹¹⁹ Clássicos Jackson, XII, 139

enciclopedistas, antes de Danton, Marat e Robespierre. Diderot pregava, então, que a “crença em Deus se associa com a submissão à autocracia; as duas conjuntamente se levantam ou caem”; e “os homens nunca serão livres enquanto o último rei não for enforcado nas tripas do último padre”. “A terra só obterá o que lhe pertence quando for destruído o céu”¹²⁰. E daí? Daí a canalha parisiense, cuidando ser a inteligência tudo, passou a cultuar a “Deusa da Razão” personificada numa linda prostituta. E tendo guilhotinado Luiz XVI e Maria Antonieta para acabar de vez com os reis, não pode impedir, contudo, que Napoleão se fizesse a si mesmo imperador!... Os franceses falavam de racionalidade (como os espíritas, hoje), mas eram homens só de fé; e tendo adorado a “Deusa da Razão”, seguiram, de fé, como cegos, a Napoleão, até o matadouro russo, onde foi sacrificado o “grande exército”, e humilhada a França. Ser racionalista não é o mesmo que crente da racionalidade, por que o racionalista é o que raciocina e sabe raciocinar, e o crente da racionalidade é o que segue, de fé, esta nova ideologia, cantando loas à razão e repetindo de cor as frases dos pensadores como se estes fossem profetas, e suas doutrinas evangelhos. Os homens medíocres se guiam, como se vê, pela fé, ainda mesmo quando fazem apoteose da inteligência, e se prosternam, como religiosos fiéis, ante a “Deusa da Razão”... Nesta nova fé, os cientistas e filósofos materialistas são sacerdotes naturais, e para o povoleu fica de pé o princípio do “magister dixit”, da fé e da sugestão... A moral desta nova religião é a da força, e aí sim é que se pode ver até que extremo de selvageria pode chegar o homem quando ele se torna besta fera. Tudo isto podemos demonstrar com fatos da história. Conforme a base teológica, assim será a ética. Se são deusas a Razão ou a Natureza, a moral será a da força, e na Alemanha de Hitler tivemos um exemplo do que afirmo, quando mais de seis milhões de nossos semelhantes foram assassinados, uns pela fome, outros pelo gás, outros pela metralha e muitos esterilizados para se não reproduzirem... Em experimentos científicos, “in vivo”, foram empregadas “cobaías” humanas, e as mulheres jovens, esposas ou filhas de políticos executados, antes de assassinadas eram entregues à sanha da soldadesca de Hitler... Quando os Aliados invadiram a Alemanha, viu-se então, em Dachau, Auschwitz e outros lugares, a extensão de todo o horror mais que dantesco!... Os mortos, aos montes, nus, esqueléticos e magros, eram empurrados, por meio de tratores com lâmina-de-testa, para dentro das valas feitas a bombas!... Os fornos crematórios (e em Auschwitz havia quatro deles), ainda cheios de restos, atestavam o fim que tiveram mais de seis milhões de homens, mulheres e crianças!...

E depois de suspirar aflitivamente, prosseguiu o sábio:

– Conforme depoimento de uma testemunha alemã no tribunal de Nuremberg, fazia-se uma vala enorme para o sepultamento das vítimas que se dirigiam, nuas, para dentro dela, a fim de serem metralhadas pelo soldado que ficava displicentemente sentado numa de suas extremidades, balançando as pernas dentro, e com um fuzil-metralhadora apoiado sobre as coxas. Dada a ordem de se despirem, todos o faziam, homens, mulheres e crianças, depois do que começavam a despedir-se entre si, os membros das famílias, com abraços e beijos. Após esta cena desciam no fosso, por uma escada, e iam pisando por sobre os cadáveres dos já executados, até ficarem no lugar em que tombariam no momento das rajadas. Nem bem estes caíam mortos, já vinha outra leva para formar outra camada, e assim, até que a vala ficasse cheia!... Encontraram-se óculos, sapatos e demais pertences das vítimas, em quantidade tal que deu para fazer montes!... Tamanho horror me acometeu ao constatar a veracidade de tudo isso, estando eu na terra e vivo, e não, nalgum inferno e morto, que senti profunda vergonha de ser humano, pois até os leões, os tigres e os chacais pasmariam se pudessem entender que o bicho-homem chegou a fazer isso para com os da espécie dele!... Essa é a maior nódoa da história que não se apagará jamais, perto da qual os feitos de Brutus e de Judas são nada... Eu me envergonhei de ser humano porque sei que sou substancialmente como qualquer alemão, ainda mesmo dos mais fanáticos e perversos, dependendo apenas da trilha que me

¹²⁰ Will Durant, História da Filosofia, 235

proponho seguir, ou das idéias que me ponha a executar. Tanto que aceito por verdadeira uma filosofia, meu comportamento se muda, minha conduta se altera, visto que tudo isso são as últimas conseqüências da premissa filosófica aceita de começo. Ora, se a filosofia é materialista, o primeiro corolário é que a morte é o fim de tudo; logo a vida é só a deste mundo, onde a força se sobrepõe à justiça e o mal ao bem. Ser justo é ser forte, dizia Nietzsche, pois tal é a lição da Natureza que dá a vitória incondicional aos fortes, fazendo-os sobreviver. Moral é costume, dizia ele, e costume são novos modos de comportamento que se podem cultivar e adquirir pela educação. Certo é tudo aquilo que se tornou habitual, ainda mesmo que seja a antropofagia...

Ao proferir estas últimas palavras, levantou-se Árago para pegar dois livros da estante; folheu um deles até dar com o ponto buscado, lendo, a seguir, em voz alta:

– “O homem que a educação deve realizar, em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja; e ela o quer conforme o reclame a sua economia interna”¹²¹.

E fechando o livro, prosseguiu o mestre:

– E a economia interna da Alemanha materialista queria fazer, e fez, de cada alemão, um técnico consumado, uma raça obediente de “robots”, com entranhas ocas, que não tivesse piedade na hora de pegar (ou ver pegar) da criancinha judia, com férrea mão, para a enforçar... É assim que cogitou a Alemanha de outrora como a Rússia de nossos dias, de fazer de cada cidadão um excelente técnico. E sabe-se que “não é difícil transformar num mecânico eficiente uma pessoa cuja alma permanece primitiva e bárbara em todos os outros campos”¹²². E tanto é verdade esta assertiva, que os cosmonautas russos que voltaram de rodear a Terra, disseram não ter achado Deus nas alturas a que foram, e isso prova estarem eles mesmos sem Deus, apesar ou por causa de só se preocuparem com o progresso científico. Trema-se, então, inteiro, o mundo, do poderio soviético, porque, sem Deus, a moral dele será como a da Alemanha. “A religião é ópio dos povos” diziam Marx e outros comunistas, e em concordância com este enunciado os soviéticos rejeitaram a Cruz, símbolo da fé em Cristo. A Embaixada Russa, no Rio de Janeiro, recusou-se a permitir que o corpo do embaixador soviético, morto, tragicamente, nas águas da Tijuca-Guanabara, fosse transportado em carro funerário usual, porque este tinha uma cruz dourada. Exigiu ela a retirada da cruz do carro, no que, lamentavelmente, anuíram as autoridades brasileiras. E ainda me vêm dizer que na Rússia bolchevista há religião, Chilon?!

E descansando o sábio o olhar nas luzes distantes que se deixavam ver pela janela, continuou:

– A moral do bolchevismo é a moral machiavelica-nietzscheana da força e da astúcia; por isso fica muito fácil de se compreender a causa por que, na Rússia, se permitem práticas religiosas em templos públicos. Os velhos de antanho, sobreviventes da fase de coletivização e dos expurgos, já tinham, por esse tempo, mentalidade definida. Tendo eles necessidade da fé, as autoridades soviéticas mataram dois coelhos com uma cajadada só, ou seja: permitiram a estes velhos irem à igreja, e, com isto, mostram aos ocidentais que na Rússia existe religião pública, sim senhor!... Permitem igrejas funcionarem na Rússia distante, e exigiram a retirada da cruz do carro funerário brasileiro, quando este foi transportar o corpo de um comunista prestigioso... Alguém já viu paradoxo maior? Na terra de Santa Cruz, sob o Cruzeiro estelar celeste, debaixo dos braços em cruz do Cristo Redentor, negam, os soviéticos, a mesma Cruz com mandá-la retirar do carro fúnebre? Demônios é que hão de ser eles, por certo, então, visto que se temem da Cruz a ponto de defenderem dela até mesmo os seus mortos!... E os míopes que vão visitar a Rússia, tornam de lá cantando loas aos soviéticos. No entanto, para se saber tudo o que está lá, basta desenvolver a premissa sobre que tudo se assenta... Dê-me, amigos, uma premissa, e construirei um mundo! Ou, pela recíproca; dê-me um mundo, e lhe remontarei à premissa!... A premissa maior do

¹²¹ E. Durkheim, Educação e Sociologia, 66

¹²² Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 572

bolchevismo é o materialismo puro de Marx e Lenin: logo, a consequência é a moral de Machiavel e Nietzsche da força e da astúcia; mentir e enganar por conseguinte, é perfeitamente moral para os comunistas russos. O camaleão trocando em si cores, confunde-se com o ambiente; a raposa em se fingindo morta, mais facilmente se escapa ao seu caçador; até este besourinho que caiu agora mesmo, aqui, no meio de nós, finge-se de morto para nos iludir. Despistamento, mimetismo, camuflagem, enganos, logros são peças que nos prega a natureza astuta, para que acabemos de entender que mentir e enganar são regras de seu código. A moral das fábulas em que falam os animais, podem reparar, dá sempre a vitória ao mais esperto e matreiro, quando não, ao mais forte. Ser hipócrita, mentiroso, dissimulado, fingido, falso, é ser moral para quem tira suas regras dos cânones naturais!... Nietzsche não tem razão: a virtude natural não é só o desassombro do forte, mas, sobretudo, a hipocrisia, a mentira e a astúcia do fraco!... Na luta seletiva não sobreviveram o tiranossáuro, o diplodoco e o megatério, porém o homem, não por ser o mais forte, mas por ser o mais arguto, industrioso e sabido de todos os animais!... Não é a força, por conseguinte, que dá vitória, porém, a astúcia; eis por que as mentiras e artimanhas bolchevistas são perfeitamente morais... para eles!... Por conseguinte, ou o ocidente pacífico, de cordeiro que é, se faz leão temível, rugidor, ainda que não voraz, ou o grande urso asiático insaciável abocanhará o cordeiro...

Fazendo pequena pausa para meditar, concluiu o filósofo:

– Antes, portanto, de se educar, preciso é saber para que fim se educa. A educação pode ser malfazeja ao invés de benéfica, como o atestou não só a da Alemanha e da Rússia, como também a da Itália; por sua vez, “o camisa negra foi um prodígio de horror, porque pecou deliberadamente contra luminosas noções que tinha herdado, e constituiu uma ameaça porque, para cometer o seu pecado, teve à sua disposição uma técnica herdada que seu livre arbítrio desviou do serviço de Deus para o serviço do Demônio”¹²³.

Depondo os dois livros sobre a mesa Árago foi até à janela; e depois de alongar a vista pelo escuro da noite, onde, muito perto, o céu se confinava com o mar, concluiu, com voz embargada pela emoção:

– Quando Nietzsche estava criando com sua pena o seu super-homem, que não é senão um demônio de força, astúcia, violência e maldade, tinha certeza que iria aparecer o homem que o encarnaria, pois declarou aos seus contemporâneos que o super-homem ainda não tinha nascido. E eis que veio Adolf Hitler, cujas pregações encontraram guarida nas almas envilecidas dos alemães... É inacreditável que uma tão grande nação que produziu um Kant, um Goethe e um Beethoven, pudesse exaltar ao supremo poder um facínora tão desalmado como foi esse Hitler. E tudo teve começo dentro do cérebro escuro de Nietzsche, o gênio maluco!... Assim também com esses semeadores de descrença que, não tendo coisa melhor a fazer, investem contra a Bíblia, destruindo, sem nada edificar. É como se as flores perfumosas e belas duma planta se rebelassem contra as raízes irmãs, só porque estas estão plantadas na lama fedorenta!... A toleima desses inconseqüentes não os deixa ver que sem a pedra fundamental, o edifício da civilização se esboroa; que nossa civilização cristã emana dos Evangelhos, e estes nasceram, naturalmente, do Velho Testamento, citado e cumprido por Cristo, e ainda sancionado por ele nos pontos não revogados pela sua lei do amor; que nossa moral dos mais reto, do mais justo, ao invés da moral do mais forte e do mais astuto, nasce daquela construção que se fez, penosamente, no tempo; que o julgamento dos personagens bíblicos só se pode fazer, tendo-se em vista o momento histórico em que viveram, e os códigos pelas quais se guiaram; que nossos códigos atuais, conquanto tenham vindo daqueles, por evolução, só apareceram muito depois, não podendo ter efeito retroativo, como, de fato nenhuma lei o tem. Em sua inconsciência esses filosofastros não perceberam que a teoria evolucionista, com sua lei de seleção pela luta, se opõe polarmente ao cristianismo cuja lei do amor impõe a seleção pela bondade, pela humildade e pela justiça; se a vida é luta pela qual se selecionam os mais fortes e

¹²³ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 785 e 786

mais astutos, então a força e a astúcia são as virtudes supremas, e a humildade e o perdão, os defeitos básicos. Bom é o que luta, o que vence, o que esmaga, o que não se compadece, o que sobrevive; e mau, o que cai vencido, derrotado, morto. Que louco haveria, capaz de arremeter-se contra a inexpugnabilidade desta conclusão... que constitui a moralidade de Machiavel e Nietzsche? Os enciclopedistas todos, com Voltaire à frente, destruíram a base teológica, combatendo a Bíblia e a Igreja, mas deixaram intacta a moral cristã que se sustentava unicamente naquela base; a moralidade cristã, deste modo, ficou suspensa... no ar... Será que esses coveiros, discípulos de Voltaire e Cia., não enxergam isso? Por que hei de ser humilde e bom, prestativo e amoroso para com meu próximo, se o Deus que me manda isso, pela boca do seu Messias, foi morto e arrastado do empíreo pelas barbas hirsutas? Sem teologia não há moralidade, e a teologia espírita, se não é a do Cristo da Bíblia, está por se formar... Na verdade um Deus espírita que é só “a inteligência suprema”¹²⁴, e não, também, o supremo amor, nem a suprema harmonia, nem a suprema ordem, nem a suprema beleza, etc., pode ser um Deus concebido para uso de intelectuais, mas não servirá às necessidades dos simples e humildes, dos amorosos, estetas e santos! Por causa de este Deus espírita ser impessoal, abstrato, intelectualista, distante, inacessível, os adeptos da Doutrina de Kardec se vêm compelidos a dirigir seus pensamentos e suas preces para Jesus, embora este, como dizem, não seja Deus...

– O mestre me permite um aparte?

– Pois não. Orsoni pode falar.

– Essas coisas todas, relacionadas há pouco pelo senhor, o espiritismo dá como sendo atributos de Deus.

– Você está enganado Hierão; os atributos expressos no Cap. I do “Livro dos Espíritos” não são estes que relatei: lá está “que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom”¹²⁵. Logo, tudo isto deveria constar da definição... e não consta. E nas coisas que relatei, nem de leve se tocou. Ora, se Deus é tudo isso e ainda mais, como então declara o Espírito a Kardec que Deus é só a suprema inteligência, causa primária de todas as coisas? Se o atributo máximo de Deus é ser inteligência (do qual todos os demais decorrem), e não o amor, então a virtude extrema que nos aproxima dele, também há de ser a inteligência e não, o amor. Por conseguinte, a máxima espírita tão decantada que diz: fora da caridade não há salvação, foge a esta base teológica do “Livro dos Espíritos”; para o enunciado estar assente sobre ela, deveria dizer: fora da inteligência, não há salvação; o supra-sumo, das virtudes seria, neste caso, a inteligência, e em desenvolvê-la estaria toda a garantia de redenção. Todavia, se diz expressamente a Doutrina que fora do amor (caridade) não há salvação, segue-se, muito claramente, que é o amor, e não a inteligência, o atributo supremo de Deus do qual todos os outros decorrem. Logo, a definição deveria declarar: Deus é o amor supremo, causa primária de todas as coisas. Deus gerou o Universo espiritual do seu amor que é sua Essência; no seu seio, visto que nada pode estar fora dele; por um ato de amor, para que este seu filho fosse o objeto do seu amor. Por isso a tudo o amor ampara, renova e eleva. Este é o princípio de integração de cuja presença resulta a ordem, a harmonia, a beleza, a justiça, a lógica e a inteligência das coisas. Onde este princípio de coesão se nega, invertendo-se no seu oposto, o egoísmo, aí estarão presentes a desintegração, a desordem, a desarmonia, a fealdade, a injustiça, o absurdo, a loucura o caos, enfim. A inteligência que o Espírito pôs por base do sistema, decorre, por conseguinte, do amor, e não vice-versa. Huberto Rohden tem razão: “o amor é a mais alta racionalidade”¹²⁶. Esta definição, sim, é feita para místicos e santos, estando em concordância com o Evangelho que diz ser o mesmo Deus amor (I João 4, 8) pelo que o amor vem a ser a virtude extrema, sem a qual ninguém se salva... e se houver alguma perdição um dia, a ausência do amor foi-lhe a causa!...

¹²⁴ Livro dos Espíritos, Cap. I

¹²⁵ Livro dos Espíritos, Cap. I, Atributos da Divindade

¹²⁶ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 177

E correndo Árago os olhos pelos presentes, concluiu:

– Viram, meus caros?! Dada a premissa, as conseqüências se fazem irrefragáveis, porque a lógica e a matemática são lascas do mesmo pau... O pensamento possui suas leis que ninguém pode iludir... E é por seguir essas leis, como faço agora, que minhas conclusões se tornam tão implacáveis, como as verdades cientificamente demonstradas...

E depois duma pausa, tornando ao assunto sobre que discorria, antes do aparte de Hierão, continuou o sábio:

– Já dizia Platão que sem uma base moral é impossível a vida em sociedade, e esta base não pode ser encontrada na natureza, nem no homem, e sim, na sobrenatureza de uma vontade divina. Devemos ter uma religião, dizia ele, e por isso, “sem a crença em Deus nenhuma nação pode ser forte. Uma simples força cósmica, ou primeira causa, ou *élan vital*, qualquer coisa não dotada de personalidade, não poderia incutir esperança, nem inspirar devoção e sacrifício; seria inapta a confortar os corações sofredores e a alentar as almas cheias de tribulações. Mas um Deus vivo pode fazê-lo e ainda servir de freio para os egoístas moderarem sua cobiça e dominarem as próprias paixões”¹²⁷. Que querem, então esses demolidores? Por não serem perspectivos, não enxergam adiante, no tempo, como lince do pensamento, e ao invés disto, como pobres toupeiras, só vêem o buraco em que fossam!...

Silenciou o pensador, por um pouco, tendo os olhos no vazio, rematando a seguir:

– Mas deixemo-los estar, meus amigos; cada um responderá, não só pelas suas obras diretamente, como ainda, pelas conseqüências delas na História. Hitler está, agora, alhures, sendo cozido no mesmo caldo de Nietzsche!...

E depois de meditar mais algum tempo, mudando a entonação da voz, exclamou, pondo rumo novo à conversação:

– Bem, meus caros! Se quisermos viver construtivamente, precisamos olvidar as coisas dolorosas da existência! Ouçamos, por isso, um pouco de música... mas que seja música pura, sem sofrimentos, como a que nos dão Corelli, Handel, Mozart e outros. Ouçamos o “Concerto Grosso, Op. 6” de Corelli, e a “Festa Aquática” de Handel.

E como todos, de fato, desejassem descansar de filosofia, ouvindo música fina, Árago carregou o toca-discos automático com as obras citadas dos dois grandes mestres do passado.

¹²⁷ Will Durant, História da Filosofia, 47



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"